

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

ALCEU AMOROSO LIMA	Pelo passado nacional (com illustrações).	1
JACOMINO DEFINE	Ao sabor do sonho	16
AMADEU AMARAL	O dialecto caipira	22
OLAVO BUENO da Academia Brasileira	Edipo (sonetos).	34
JOÃO LUZ	O "Salon" de 1916 (com illustrações)	37
JOÃO RIBL da Academia Brasileira	Afranio Peixoto	51
FREDERICO VILLAR	A organização naval	60
LINDOLPHO XAVIER	A proposito da Conferen- cia algodoeira	65
V. DA SILVA FREIRE	O problema municipal	74
COLLABORADORES	Resenha do mez	93

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 9 - ANNO I

VOL. III

SETEMBRO, 1916

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

RESENHA DO MEZ — Monologos, *Yorik* — Os novos horizontes da Justiça e Assistencia, *C. V. L.* — Bibliographia — Movimento artistico — Movimento literario — Liga da Defesa Nacional—A comedia orthographica —Clinicas escolares gratuitas — O imposto sobre a renda — O nacionalismo na Argentina — A arte nas escolas (francezas — Publicações recebidas — As caricaturas do mez (cinco reproducções).

Com o numero de abril a "**Revista do Brasil**" completou o seu primeiro volume, de 464 paginas, com indice alphabetico e analytico que já foi remetido a todos os assignantes. Ás pessoas que desejarem adquirir esse volume, a Revista pode fornecel-o pelos preços seguintes: encadernado, 9\$000; em fasciculos, 6\$000. Pelo correio, mais 500 réis.

O segundo volume completou-se com o fasciculo do mez de Agosto sendo o indice distribuido com o presente numero.

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

PROPRIEDADE DE UMA
SOCIEDADE ANONYMA

L. P. BARRETTO

DIRECTORES: JULIO MESQUITA

REDACTOR-CHEFE: PLINIO BARRETO

ALFREDO PUJOL

SECRETARIO-GERENTE: PINHEIRO JUNIOR

ASSIGNATURAS:

ANNO	12\$000
SEIS MEZES	7\$000
ESTRANGEIRO	20\$000
NUMERO AVULSO	1\$500
NUMERO ATRAZADO	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

CAIXA POSTAL, 1373 — TELEPHONE, 4210

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . . £ 2.000.000

„ realizado. . . . £ 1.000.000

Fundo de reserva . . . £ 1.000.000

Succursaes em: BAHIA,

RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,

ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelândia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros como segue:

Conta corrente.	2 % ao anno	Prazo Fixo, Tres mezes	3 % ao anno
Aviso previo de 30 dias .	3 % „ „	Seis mezes	4 1/2 % „ „
„ „ „ 60 „ .	4 % „ „	Doze mezes	5 % „ „

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã ás 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

Auto-Geral

CASSIO PRADO



TODO E QUALQUER PERTENCE
PARA AUTOMOVEIS



Stockista MICHELIN

PREÇOS SEM COMPETENCIA

- Recebe pedidos do interior -

CAIXA N. 284

TELEPHONE N. 3706

End. Telegraphico "AUTO-GERAL"

Rua Barão de Itapetininga N. 17

S. PAULO

CASA CONHECIDA

— DE —

**Ramiro Tabacow
& Cia.**

Vendem-se em prestações: MOVEIS
e FAZENDAS, TAPEÇARIA, ROUPAS
FEITAS e ROUPAS BRANCAS

Rua Immigrantes, 39 - S. PAULO

TELEPHONE, 65

Secção: BOM RETIRO — Filial em TAUBATÉ

Casa fundada em 1895

**PRAZO DEZ MEZES
JUROS MODICOS**



Emilio Israel & C.

Casa de Empréstimos sobre Penhores



Travessa do Grande Hotel N. 8

Telephone N. 1195

End. Telegr.: EMISEL

SÃO PAULO

Vicente Lattuchella
Alfaiate

RUA BÔA VISTA 56

S. PAULO

As Formigas Sauvas.

Machina "Luiz da Silva"



Depois de conhecida esta machina, como já a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infalliveis efeitos contra a existencia das damninhas formigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos causados por tão terrivel praga.

Não são mais necessarios reclamos para tornar conhecidas as vantagens da machina "Luiz da Silva", bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina, e a fama justa que attestam os milhares de testemunhos que presenciam os maravilhosos efeitos e a economia que se verifica com a applicação da machina "Luiz da Silva" e do ingrediente "Buffalo".

Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura

Rua Libero Badaró, 125 — São Paulo

Carrapatos. Contra a terrivel praga dos carrapatos tambem se encontra com a mesma Sociedade o infallivel carrapaticida marca "Touro". E' sem duvida o melhor preparado, o mais efficaz e o mais economico. Peçam informações a respeito.

Diarrhêa dos Bezerros. Contra a diarrhêa dos bezerros é "Cymarol" o remedio infallivel. Encontra-se com o depositario Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

Feridas dos animaes. Para curar quaesquer feridas de gado cavallar, bovino, etc., emprega-se "Bickmorine". Dirigir pedidos ao sr. Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125 — S. Paulo.

La Hacienda. A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da agricultura. Obtem-se a sua assignatura de um anno por 3 dollars e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finissimo relógio suíço dourado. — Assignaturas e todas as informações com o agente geral Luiz da Silva, R. Libero Badaró n. 125 — S. Paulo.

Fazenda Moderna. A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a criação de gado, em um grande volume encadernado, escripta pelo conhecido e illustrado Dr. Eduardo Cotrim.

No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com porte pago por 21\$500

PIXOL

Alcatrão de hulha Beneficiado



E' um preparado indispensavel em todos os estabelecimentos agrarios não sómente pela sua multipla utilidade como pela facilidade em sua applicação.

Não requer precauções ou conhecimentos para o seu emprego, basta um pincel e boa vontade do trabalhador.

Como o seu nome indica, é um derivado do Pixe, contendo todas as qualidades deste e outras ainda devido ao seu beneficiamento. E' perfeitamente fluido e applicavel a frio.

Dentre os varios misteres a que se destina sobresaee o seu emprego nos materiaes que se acham expostos ao ar ou sujeitos á deterioração, substituindo com muita vantagem quer em qualidade ou custo, todas as tintas e preparados até hoje usados nos postes de madeira, madeiramento em geral, postes e vigas de ferro, pois que impede a ferrugem, destróe o cupim e preserva a madeira da acção destruidora do tempo, sendo ao mesmo tempo um excellente desinfectante.

MODO DE USAR: — Em madeira applica-se puro, mas para pintar **aço** ou **ferro** convém misturar uma parte de cimento com uma de kerozene e em seguida accrescentar dez partes de PIXOL.

Fornecido em caixas de 2 latas de 5 gallões cada uma, ou 35 litros por caixa.

Fabricado pela **San Paulo Gaz Company Limited**

AGENTES GERAES PARA O BRAZIL:

H. E. BOTT & COMP.

Rua Libero Badaró N. 10

SÃO PÁULO

BEBAM

WHISKY DEWAR
“WHITE LABEL”

O melhor que a Escossia produz

— e —

AGUA MINERAL

Perrier

O
INIMIGO DO
ACIDO URICO



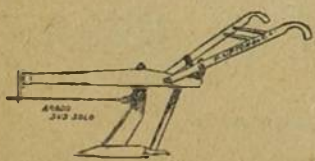
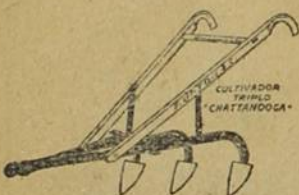
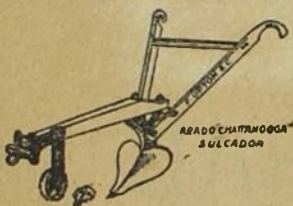
A
CHAMPAGNE DAS
AGUAS DE MESA

“WHITE LABEL” and “PERRIER”
AN IDEAL COMBINATION

UNICOS AGENTES: H. E. BOTT & Co.



ARADOS

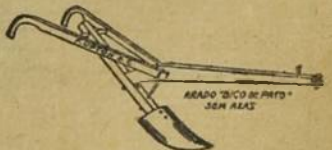


E' um facto comprovado hoje que os Arados CHATTANOOGA são os mais praticos e que melhores resultados têm dado na lavoura, pois encerram em si os pontos capitais que interessam os lavradores, *simplicidade, economia e durabilidade* e são facéis de manejar.

Não comprem ARADOS, DESCASCADORES de arroz ou café, ENGENHOS de canna e nem qualquer outra machina sem primeiro verem os nossos; pois são superiores a todos os outros sob todos os pontos de vista.

TEMOS O MAIOR SORTIMENTO NO BRASIL DE

Arados - Batedeiras - Bombas d'agua - Carrinhos - Catadores - Ceifadeiras - Correias - Cortadores - Cultivadores - Debulhadores - Descascadores de arroz e café - Desintegradores - Desnatadeiras - Encerados - Engenhos de canna - Esbrugadores de café e arroz - Forjas - Grades de dentes - Machinas para fazer cangica - Moendas de canna a mão - Motores a vapor e a kerozene - Pás de cavallo - Polias de madeira - Quebradores de torrões - Semeiadeiras - Separadores de café e arroz - Serras - Torradore de café, etc.



PEÇAM CATALOGO Á

F. UPTON & Co.

LARGO S. BENTO, 12

S. PAULO

AV. RIO BRANCO, 18 RIO DE JANEIRO

Cortem este coupon e enviem-nos com o seu endereço certo para receber gratuitamente peia volta do Correio, os catalogos illustrados da casa **F. UPTON & Co.**

NOME _____

ESTAÇÃO _____

ESTRADA DE FERRO _____

Especifique aqui quaes as machinas que deseja adquirir _____

Coupon A

OFFICINA DE OBRAS

"O ESTADO DE SÃO PAULO"

Especialidade em Jornaes, Revistas illustradas, Appellações,
Razões e todo o serviço que, por sua
natureza, depender de celeridade



Acceitam-se encomendas
em nosso Escriptorio á
Praça Antonio Prado

ou no edificio de nossas
officinas (Secção Archivo) á
Rua 25 de Março N. 145

"REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA"

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO

A revista commercial de maior circulação no Brasil

A MAIS COMPLETA — A MAIS UTIL — A MAIS INTERESSANTE

Assignatura Annual: 10\$000

PUBLICA ARTIGOS sobre Sciencia do Commercio, Technica do Commercio e da Industria, Contabilidade, Escripção, Politica Commercial, Geographia Commercial, Finanças, Sciencias Economicas, Estatistica Commercial, Industrial e Agricola, Direito Commercial, etc.

INFORMAÇÕES COMPLETAS sobre Legislação Commercial, Jurisprudencia Commercial, Alfandega, Bolsa, Actos e Resoluções do Governo, Junta Commercial, Movimento Bancario. Movimento Maritimo, Movimento dos Mercados, Fretes, Transportes, etc.

Verdadeira e completa Encyclopedia Commercial — Unica no Genero

Assignaturas e venda avulsa: **Livrarias ALVES e GARRAUX**

Editores: **OLEGARIO RIBEIRO & Co.**

REDACÇÃO:

RUA DIREITA, 27 (1º ANDAR) S. PAULO
CAIXA, 1172

OFFICINAS:

RUA DR. ABRANCHES, 43
TELEPHONE, 1908

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG.: DOSMAN - CAIXA, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ E FORÇA



ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES

OBJECTOS DE ARTE, MARMORES

SÈVRES LEGITIMO

LAMPADAS ELECTRICAS

CASA FRANCEZA

DE

L. GRUMBACH & C.^{IA}

RUA S. BENTO, 89-91 S. PAULO

Casa Paulista de

Moyse Gandelhman

*Vendem-se moveis, camas de ferro esmaltado, colchões,
tapetes e muitos outros artigos a dinheiro e em prestações*

Rua Barão de Itapetininga, 14-A Telephone, 3046 (Central)

PELO PASSADO NACIONAL

Venho de um grato colloquio com as cousas do nosso passado. Na retina se me estampam ainda a alvura das capellinhas montanhezas, entre o anil do céu e o verde das frondes, o porte symbolico dos cruzeiros, a pedra corroida dos velhos chafarizes, os muros negros, as arvores anciãs. Por algum tempo, curto em dias, mas longo em meditação e saudade, conversei as sombras dos nossos mortos nas ruínas das nossas paizagens. E se ousa agora tomar da penna, é porque delles, dos nossos mortos amados, ouvi uma longa queixa sentida contra o desamparo em que os deixam os brasileiros de hoje. E' a voz das mortas gerações que falla por minha voz; a voz dos homens que primeiro desbravaram o terreno nacional, a dos que primeiro assentaram a pedra angular da nossa patria. Acorrei, filhos ingratos desta Terra: vinde ouvir a lamentação das ruínas!

Villa Rica e o Tejuco, hoje Ouro Preto e Diamantina, incarnaram a epopeia bandeirante. A capital do ouro e a capital do diamante foram a dupla expressão do sonho radioso, que permittiu e realisou a conquista do Sertão. O Ouro era o sol que aquecia as imaginações após as noites de desalento; os Diamantes as estrellas que consolavam as ambições, passados os dias de borrasca e descrença. Os hardidos aventureiros do sec. XVII seguiam, terra a dentro, envolvidos num nimbo deslumbrante de fantasia. Em Portugal, assumia o Brasil as proporções de um Cypango fabuloso, onde das arvores pendessem folhas de esmeralda, rolassem os rios aguas de liquidos crystaes, e o azul do céu, trazido pelas enxurradas, viesse formar no seio da terra as saphyras. Chegavam do Reinoavas

de homens avidos de ambição que, levados pelos paulistas intemoratos, iam desbravar as selvas, rasgar estradas, fundar os lares da patria futura. E em chegando ao sertão do ouro, ou á margem dos rios diamantinos, não lhes punha o coração a saudade da patria distante; a riqueza, tão fartamente offerta pela nova terra, só lhes punha nalma o desejo de uma outra patria, mais ardente, mais desafogada, mais acolhedora. O sonho da independencia acarinhou a fronte do primeiro minerador, que teve de pagar aos homens do Reino o fructo quasi total dos seus esforços e das suas pesquisas. Villa Rica e o Tejuco foram, em todos os tempos, dois brazeiros da libertação da terra. Quando por mais não fosse, só por isso, devemos ajoelhar-nos piedosamente á beira destes dois tumulos, onde repousam as primeiras azas com que o nosso Brasil bateu os flancos ainda infantis.

Nesse territorio heroico das Minas Geraes são muitas as Cidades Mortas: Ouro Preto, Diamantina, Marianna, Sabará, S. João d'El Rey, Serro, Caethé e varias outras, tiveram outr'ora uma vida brilhante e florescente, de que o viver actual não é mais do que uma pallida lembrança. Em todas ellas o presente é um mero evocador. Eis a função das Cidades Mortas: accordar em nossas almas o respeito pelas coisas de antanho, penhor seguro de um amor positivo ás coisas do presente. Para sermos verdadeiros patriotas, para alcançarmos esse patriotismo superior em que o coração é um simples collaborador da razão, precisamos commover o nosso espirito ante o espectáculo da tradição. O passado é um grande educador, communicando-nos essa commoção indispensavel ao trabalho fecundo das ideias, mas as suas lições só são verdadeiramente instructivas, quando têm por scenario o quadro em que elle se desenrolou. No Brasil, sobretudo, agonisante á mingoa de patriotismo, é de urgente necessidade guardar para a nossa e para as gerações vindouras a moldura do nosso passado. E se os homens que o fizeram, prodigos não foram em obras e construcções, maior deve ser o nosso desvelo pelo pouco que nos resta das épocas vividas.

Pois bem, por sobre a nossa Terra, vasia de monumentos encanecidos, sopra um grande vento iconoclasta. Ouve-se a cada passo o ruir de uma velha pedra: são a ignorancia dos homens e a marcha do tempo, em sua marcha inexoravel. Bra-

sileiros que me lêdes, se, como a mim, vos enche o peito um grande amor pelo torrão natal, não ouvireis sem um grito de revolta o que vos vou contar da situação em que jazem alguns monumentos da tradição nacional.

Corramos os olhos por Diamantina. A "Casa do Contracto" é, sem duvida, o primeiro monumento da cidade. Logo em seguida á descoberta dos diamantes, cuidou a metropole de extorquir aos mineradores o maximo de contribuição. Em 1735, após haver ensaiado varios systemas de arrecadação, tentou o do "contracto". O arrematante pagava uma taxa fixa por um certo numero de escravos, fosse ou não feliz com a mineração; era uma nova fórmula do antigo imposto de capitação. Na "Casa do Contracto", residia o chamado "Contractador dos Diamantes". Ahi habitou o celebre Felisberto Caldeira Brant, o contractador romantico, que, nas salas da velha morada, manteve uma vida de luxo, entremeada de saraus e recepções deslumbrantes. De uma daquellas sacadas, foi elle um dos primeiros que sonhou com a emancipação da terra brasileira. Alli veio tambem morar João Fernandes de Oliveira Filho, o contractador nababesco, que depois construiu para a sua amante a chacara fóra da cidade. Durante 40 annos aquelles muros anciãos viram passar a theoria crystallina dos diamantes.

Hoje, na "Casa do Contracto" está sendo installado o Palacio do Bispo. Não é, porém, uma installação; é uma mutilação! Começaram os adaptadores da velha Casa por levantar a inevitavel platibanda, tirando inteiramente o character ás grandes beiradas do telhado colonial. Dado o primeiro golpe, precipitaram-se os outros. Os dois pateos nobres de entrada foram emparedados, rasgando-se uma porta ao centro. Demolidas as duas escadarias que davam accesso aos salões de cima, construiu-se uma escada ao meio, cujas linhas são um diploma de mau gosto. As saccadas salientes, que quebravam a monotonia da larga fachada, desapareceram, substituidas por grade-sinhas de ferro forjado, ao nivel dos humbraes. Foram sacrilegamente arrancados os batentes massiços das janellas e portas, de rijo lenho e talho elegante, e aproveitada a sua madeira para... os degraus das novas escadinhas da entrada! E' um

caminhar de dolorosas surpresas! Ao lado esquerdo da fachada, sob pretexto de dar ingresso livre á capella (cuja disposição tambem foi completamente alterada), construíram certa excrescencia curiosa, que tenta ser uma escada e uma varanda, com coberta... de lousa vermelha e branca! E para completar essa restauração innominavel, estampou o pretencioso mestre de obras, em pleno coração da platibanda, entre arabescos doentios, uma data, que para nós é a da morte da "Casa do Contracto": 1915.

Eis o que resta do mais nobre monumento tejuquense!

Quanto ás igrejas diamantinas, todas ellas, de mal a peor, sustentam o peso do tempo. N. S. do Amparo, na rua da Quitanda, mal se aguenta sobre as traves desconjuntadas. A de S. Francisco, que foi o mais aristocratico templo do Tejuco, está com a fachada toda em linhas obliquas, e a nave amparada em duas vigas tremulas, que esperam pacientemente o dia proximo da ruina total.

Subindo a dura ladeira que conduz ao alto dos Correios, depara-se-nos a capella de N. S. da Luz, toda vestidinha de azul, como um anjo de procissão. Mas, ai!, o pobre anjinho da montanha vai morrer á mingoa. Abrem-lhe as paredes fendas temerosas; a cada rajada que passa fogem-lhe algumas telhas, e as aguas do céu, ingratamente, vão minando o que foi feito por amor do céu. Sim, porque á capellinha azul tambem não falta a sua historieta tocante. Foi o caso, que uma nobre Senhora portugueza, da familia dos Corte Real, D. Thereza Maria de Jesus, achando-se em Lisboa em 1755, prometteu á Virgem erigir-lhe uma capella, em um ponto longinquo da terra, caso escapasse á catastrophe que arrazava a cidade pombalina. E, de facto, tendo sobrevivido ao terremoto, partiu-se para o Brasil, e foi cumprir a sua promessa no amago do Districto Diamantino, onde os caracteres, deprimidos pela ambição e pelas riquezas, tanto exigiam os recursos da fé. Essa D. Thereza Maria de Jesus não é uma mera figura de legenda; pois, no archivo da Igreja de N. S. do Carmo, em Diamantina, encontrei um termo de 27 de Novembro de 1804, em que D. Thereza Maria de Jesus declara que pagará á Ordem do Carmo, por aluguer da casa pertencente á mesma Ordem, fronteira á Capella, cem oitavas de ouro, para nella morar enquanto vivesse, deixando aos seus herdeiros o encargo de proseguirem

nesta contribuição, por seis mezes depois de sua morte. E na sacristia da capella de N. S. da Luz existe o retrato a oleo da nobre Senhora, amortalhada no habito das Carmelitas.

A gratidão dos homens não procurou combater a obra do tempo; auxiliou-a, pelo contrario. O quadro, que conservou os traços da dama piedosa de Lisboa, jaz atirado a um canto, no meio de tocheiros quebrados e restos de andores, velado por immemorial manto de poeira. O proprio sacristão, a quem me dirigi, para que espanasse um pouco a tela, ficou surpreso de ver surgir, entre as nuvens de pó, a figura severa de uma morta, que parecia estigmatizar a incuria dos vivos. A' sahida, num jardim que ladeia a capella, um dos "sagrados" onde, até 1915, se enterraram os mortos de Diamantina, deparei com uma velha pia de agua benta, de granito, de talho massiço e curioso, atirada a um canto do muro.

Perguntando ao sacristão porque motivo tinham jogado para alli aquella pia tão interessante, respondeu-me o candido homem: "Essa é a velha; nós agora já temos outra nova de louça...". Entre nós, não são só as sacristães de Diamantina que pensam assim...

Mas não foi só o retrato de D. Thereza de Jesus que soffreu o olvido dos homens: o seu proprio tumulo não mereceu respeito. Ha uns 20 annos, ao reconstruirem a capella, com a irreverencia que caracteriza os nossos mestres de obras, demoliram a fachada antiga, e fizeram a nova uns cinco metros para traz, alheia ao desenho da primitiva. No caso, porém, mais grave ainda era o desrespeito, pois o tumulo da boa senhora, que quizera ser enterrada no adro de sua capella, ficou fóra da igreja, numa calçada, servindo de lage aos transeuntes. E o corpo daquella que tanto mereceu do céu, feito capim a crescer entre as pedras, serve hoje de alimento ás gallinhas vorazes que cisgam pelos arredores! Tambem, quem sabe se o reconstructor da capella não foi um discreto, a quem occorreu o raciocinio de Hamlet sobre Cesar? Se a argila de Cesar só merecia tapar o buraco de um muro, é justo que o pó de D. Thereza de Jesus sirva de pasto ás gallinhas...

A tradição em Diamantina se refugiou num largo, num delicioso largo, onde as sombras do passado vivem por entre a paz das coisas do presente. Pois ali mesmo, nesse remanso da tradição, não parou a irreverencia dos homens. A um canto da

praça, toda antiga, construiu a edilidade diamantina a nova prisão, pintadinha de amarello, e coberta de telha franceza! Eu sou dos que subscrevem o conceito do tradicionalista Charles Maurras: "Qui dit antiquité ne dit pas sacrement; notre vie a le droit de détruire pour reconstruire; le monde n'est pas un musée". A admiração do velho pelo velho, sem outra significação, é uma das abusões românticas a que o mesmo Maurras chamou de "badauderie vénérante". Mas, interromper um bello sonho é um sacrilegio, e foi o que veio fazer a nova prisão diamantina no velho Largo do Rosario. Porque perturbar o descanso de antigas sombras, quando lugar sobrava pela cidade para se construir a nova habitação dos presos? A destruição de velhas pedras só se justifica quando absolutamente indispensavel á intensificação da vida; e o criterio adoptado entre nós está muito longe desta verdade singela.

Como é grato, ao envez desta municipalidade pouco ciosa das tradições de sua cidade, ver, por exemplo, a edilidade de Campinas construir uma casa para as suas andorinhas! Todas as tardes, as avesinhas andejas, depois de vagabundearem pelos campos verdes que se alongam á ourela da cidade, depois de pousarem nos fios telegraphicos, justificando a attitude immemorial em que as immortalizou Antonio Nobre, vêm revolutear sobre a cidade amiga, setteando os ares, em massa, para ganhar o pouso que lhes reservou a intelligencia campineira! Admiravel exemplo, e tal porque ainda se não extinguiu a raça dos prefeitos no genero daquelle adoravel "sous-prefet", no conto de Daudet, que velou a face da Musa dos Comicios Agricolas, para fazer versos na relva, mastigando violetas, ao cantar dos rouxinóes no bosque de verdes carvalhos...

Voltando ao nosso Largo... — felizmente, a differença de nivel no terreno esconde, a quem ahi entra pelo lado de cima, a vista da nova construcção. E as velhas sombras poderão ainda, por longo tempo, dormir e sonhar no seu velho largo...

A todos os que conhecem a historia do Tejuco ficou na imaginação a paizagem encantadora do que foi a "Chacara da Xica da Silva", mandada construir pelo contractador já referido João Fernandes de Oliveira Filho, para a sua amante, que de encantos, como disseram os contemporaneos, só se os tinha secretos... Hoje, no Queluz diamantino pastam philosophicamente os bois, entre os restos das muralhas e as ribas

pantanosas do lago; e a imagem do Abandono, tão prodigamente reproduzida pelas nossas velhas cidades, alli encontrou mais um dos seus desolados nichos.

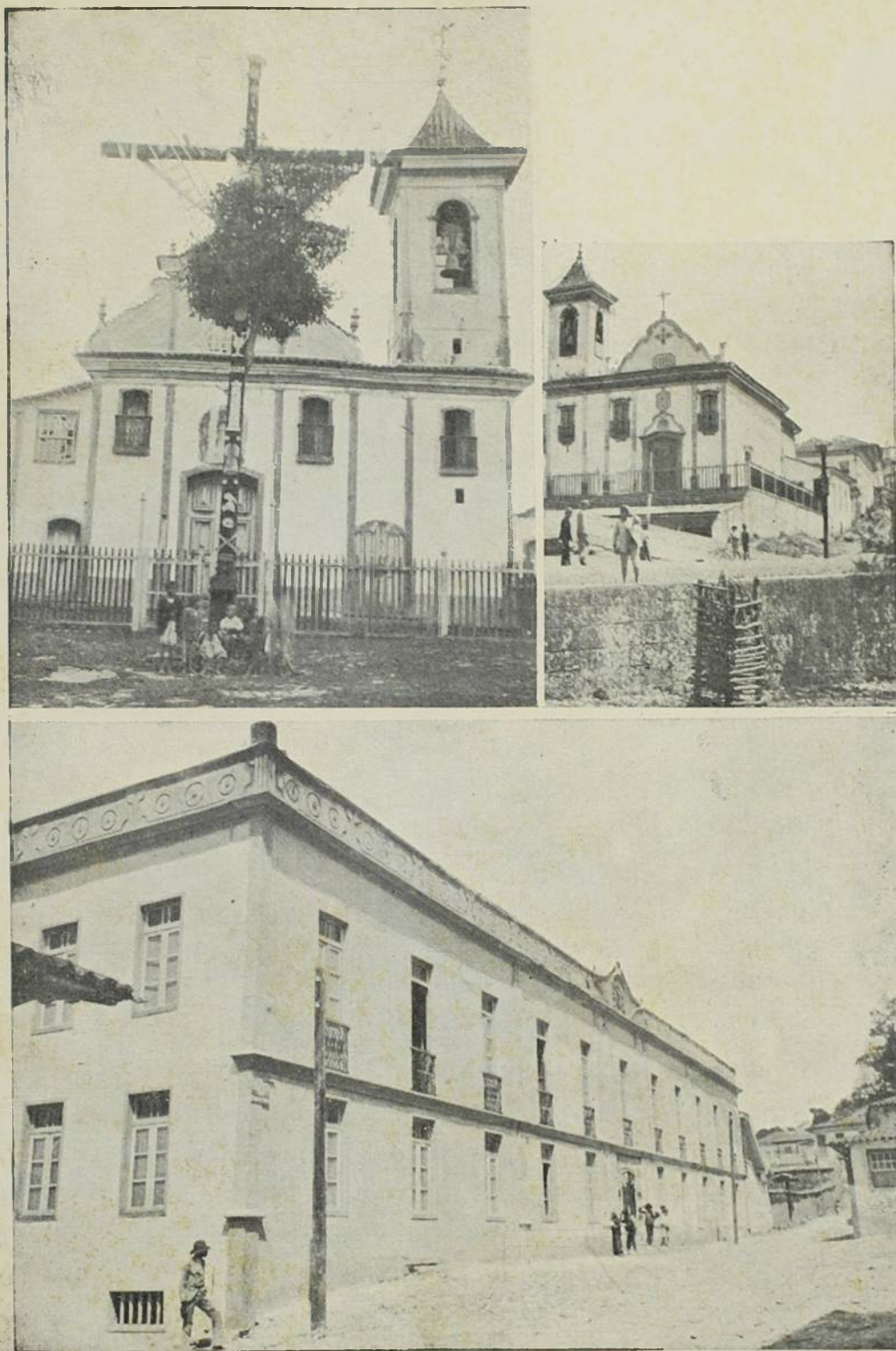
Se tal é a situação na capital do districto diamantino, melhor se nos não depara o estado da antiga capital das Minas. Sobre as pedras de Ouro Preto tambem pesa o guante da ignorancia humana e dos ultrajes dos annos. O antigo Palacio dos Capitães Generaes, construido pelo engenheiro José Fernandes Pinto de Alpoim, em 1744, sob o governo de Gomes Freire de Andrade, foi profundamente remodelado para acolher a Escola de Minas. Apesar disso, porém, juntamente com o antigo Palacio da Camara, hoje Cadeia, que o defronta, guarda quasi intacto o character original. São esses dois os mais perfeitos e os mais expressivos monumentos da gloriosa Villa Rica do Pilar de Ouro Preto. Descendo a rua do Ouvidor, antolha-se-nos a deliciosa igreja de S. Francisco de Assis, no antigo largo do pelourinho, construida pelo traçado do Aleijadinho, esse mutilado de genio, que durante a segunda metade do seculo XVIII, espalhou pela provincia das Minas Geraes, os fructos de sua pericia. Antonio Francisco Lisboa foi o seu nome, mas as deformidades horriveis, de que uma molestia tardia lhe cobriu o corpo, emprestaram-lhe aquelle cognome, pelo qual é conhecido. Andava de joelhos, e trabalhava com o escopro atado aos tocos dos braços, pois os dedos lhe haviam cahido! Viveu e morreu na miseria, largado dos homens, a quem malqueria. As suas obras principaes se encontram em Ouro Preto, na igreja do Carmo e na capella das Almas, em S. João d'El Rey na matriz e na capella de S. Francisco, em Sabará, em Marianna, em Sta. Luzia, e sobretudo em Congonhas, onde, na egreja do Bom Jesus de Mattosinhos, esculpio a figura dos prophetas, e os tres Passos da Ceia, da Prisão e do Horto, que mereceram uma menção de St. Hilaire. Em S. Francisco de Assis varias obras ficaram do artista mineiro, tão espontaneo e delicado, a quem só faltou uma educação artistica á altura de seu engenho, para o equiparar aos maiores. Sobre o portal nobre de entrada do Templo, rasgou o Aleijadinho um medalhão em granito, com a figura de S. Francisco de Assis, recebendo as chagas. E' talvez a sua obra prima, pelo acabado das minu-

cias, e pela riqueza de expressão, que se desprende de todo o conjuncto. Pois bem, essa obra centenaria e bella, não mereceu a menor protecção contra as intemperies, que trabalham, lenta mas seguramente, na destruição dos contornos. Dos anjos que circundam o medalhão, a varios já faltam os membros mais salientes. A pedra vai sendo atacada, e nada impede que, dentro de outro seculo, do quadro encantador de hoje só reste uma superficie lisa! Porque não ensaiar alli o que foi feito nos portaes da igreja de S. Petronio em Bolonha, com os baixo-relevos de Jacopo della Quercia, isto é, estender, á maneira do vidro nos quadros, pequenas télas de arame, que protegem a esculptura, sem quasi perturbar a visão? E' de pouco dispendio e farto resultado.

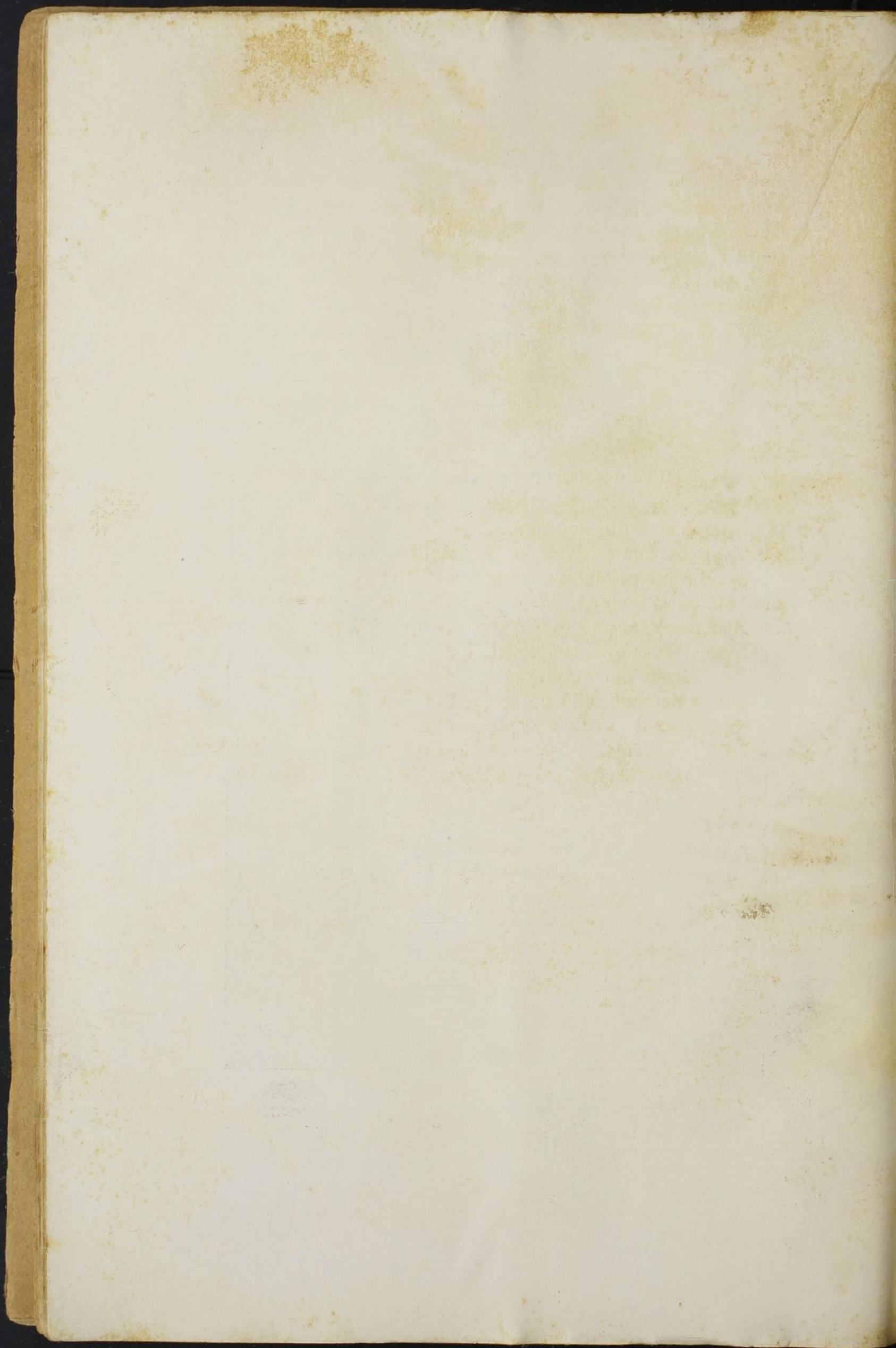
Fronteiras quasi á egreja ficam as casas modestas, outr'ora habitadas por Thomaz Antonio Gonzaga e Claudio Manuel da Costa. Nada as indica, nem uma placa simples, e, portas a dentro, tambem nada resta de então. Onde os innumeros objectos daquelle interessantissimo "auto de sequestro", citado por Affonso Arinos na sua admiravel "Atalaia Bandeirante"? Só Deus o saberá... A casa de Tiradentes, se bem me lembra, na rua de S. José, foi comprada quasi em ruinas por Affonso Arinos, esse saudoso amante inegualavel do passado nacional. Hoje, que vai ser della?... E que vai ser dos dois curiosos chafarizes de 1752 e 1762, na rua do Ouvidor e na do Vira Saia, e do Chafariz das Cabeças, ao pé da casa de Marilia? Estão todos reduzidos a pouco menos que ruinas!

Na matriz de Antonio Dias pouco resta de antigo. Foram todos os altares reformados nesse incolor estylo "Casa Sucena" a que se vai reduzindo a nossa arte sacra, hoje sem a menor originalidade. Só resistiu o altar de N. S. da Boa Morte, a cujos pés está enterrado o Aleijadinho. Nenhuma grade se levantou em torno do tumulo, assim que raros são aquelles que respeitam o ultimo leito do triste esculptor mineiro, de que só se vê uma lage suja, com as inscripções apagadas! Desolador esquecimento dos homens!

No curto espaço de um artigo não me proponho a ser completo, senão a citar factos esparsos, recolhidos ao sabor de uma peregrinação. Fallei em Diamantina e em Ouro Preto,



Em cima: Igrejas do Rosario e S. Francisco, em Diamantina.
Em baixo: A "Casa do Contracto", na mesma cidade.



mas por toda a parte grassa o mesmo mal. Em Curvello cae a capellinha inicial, cedendo o lugar a uma nova e soberanamente feia igreja dos Redemptoristas allemães. Em Bello Horizonte é demolida inutilmente a velha matriz de Curral d'El Rey, para a substituirem por alguma inexpressiva capellinha gothica. Em Sumidouro, que é da Quinta de Fernão Dias Paes Leme? E se passarmos a S. Paulo, torrão dos bandeirantes não é menor o descalabro. Avulta o arrasamento da Igreja do Collegio, para se construir o novo palacio do governo. Essa capella era nada menos que o sanctuario fundado por Anchieta em 1554, e porteriormente remodelado. A sua significação não tinha só de paulista, mas de amplamente nacional. Com o pó de suas paredes desapareceu um dos mais puros symbolos da patria!

Não é sómente a demolição o terror das velhas pedras. Como vimos com a Casa do Contracto em Diamantina, a restauração é talvez ainda mais grave. A morte póde justificar-se, mas nunca a tortura. Ser atheu é um direito, mas mofar da religião nos sanctuarios é proprio de almas rebaixadas. Pois a restauração é aquella tortura, é essa caricatura. Ainda quando a presidem um grande sentimento artistico e um respeito severo ao passado, ella é acceitavel se inevitavel; o resultado unico é fazer do edificio uma imagem fria do que foi. Mas, se a restauração se faz, como entré nós, sem a minima preocupação pelo primitivo aspecto do edificio já não é senão um vandalismo. A nova fachada, as novas torres, as novas alas, são outras tantas tunicas de Nessus sobre o corpo da antiga construção. Em S. Paulo, soffreu o supplicio da restauração a capella de N. S. do O', que hoje se ostenta, sem nenhum caracter original, sobre as ruinas da velha ermida de Manoel Preto. Mas não é solitario o seu soffrer, porque, pelo Brasil além, outras muitas irmãs de infortunio gemem na mesma tortura. Do littoral paulista, por exemplo, tenho noticia do lamentavel estado em que as reformas deixaram as duas capellas classicas de Conceição de Itanhaen, um dos primitivos lares mysticos no Brasil, logar de especial devoção do bemaventurado Joseph de Anchieta, o S. Francisco de Assis de nossas selvas.

Se a Igreja do Collegio não soube inspirar piedade á febre do alvião e da picareta, se a ermida de N. S. da Esperança não commoveu os restauradores, guarda ainda S. Paulo, na

Capital, nos arredores e pela costa, outras capellinhas e casas tradicionaes que até hoje resistiram. E' duro, porém, de dizer que ellas devem a vida, mais á sua boa estrella que ao desvelo dos homens. Como typo do estado em que hoje se encontram esses veneraveis restos dos passados seculos, eis a igrejinha de M'Boy, fundada por Belchior de Pontes, o chronista jesuita. Tremem-lhe as paredes frageis, inclina-se tragicamente a pobre fachada roida, deixando a impressão de um proximo desenlace. E como M'Boy, Cotia, Pinheiros, Conceição, etc.

Manda a justiça confessar, e o faço com orgulho e esperança, que em S. Paulo é bem vivo o amor pelas velhas construcções e pelas tradições nacionaes, se não na massa, pelo menos em certas camadas superiores da população. E é justamente porque não desconheço os esforços de Washington Luiz, de Ricardo Severo, de Aguiar de Andrada e outros, em pró da formação de uma architectura nacional, que a elles, mais que a ninguem, procuro tocar com a tristura de nossas ruinas. Sirva-lhes esse espectaculo de incentivo para não fraquearem na obra encetada!

Se essa é a tendencia, que começa apenas a apontar, muito ainda ha que fazer, no proprio Estado, e ultimamente, vagueando por Santos, colhi mais um facto para essa resenha tristissima e tão falha que venho fazendo. Existe, na igreja de S. Antonio, pertencente á Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, uma capellinha contigua, votada a S. Francisco de Assis. Até ha tres ou quatro annos atraz era essa capella uma testemunha intacta da fundação, em 1640, se me não engano. O altar, obra notavel de talha, recoberto de folha de ouro, é unico em seu genero, tendo em grandes dimensões, a imagem de S. Francisco de Assis, de joelhos, a receber os estigmas de um Crucificado sangrento, que se eleva ao fundo; parece copia do quadro celebre de Giotto. Torneava o adro uma friza em azulejo, no genero das de S. Vicente de Fóra em Lisboa, da Igreja da Graça na Bahia, e da de S. Francisco, no Recife, representando, em varios quadros, actos da vida piedosa daquelle suave bemaventurado. Pois bem, ha poucos annos, resolveram os dirigentes da Ordem arrancar os azulejos, sob pretexto de que a capella, com os azulejos, parecia um açougue!! Foram estas as proprias palavras do sacristão, testemunha do facto! Fui encontrar os pobres azulejos vetustos, amon-

toados a um canto, cobertos de pó, e em parte já estragados e quebrados, ao fundo da igreja, numa antiga cozinha da Ordem! E não parou ali o padecer da humilde capellinha. O mesmo pavoroso engenho architectonico, que ousou arrancar os azulejos, desnudando as paredes, construiu, ao fundo, um côro de linhas deploraveis, cortando ao meio duas janellas, que nem ao menos muradas foram! Só a propria visão dos factos pôde convencer de tanta ignorancia! Para que nada faltasse a uma obra de devastação absoluta, pintaram de varias côres a cantaria da fachada, e de pixe o Cruzeiro de pedra, que se levanta á entrada do templo!

Aliás, o costume de se brochar o granito, e de se acafelar as estatuas, está espalhado pelo nosso territorio. E' um caso typico o da Cathedral Metropolitana do Rio, cuja fachada de cantaria tinha sido toda caiada, o que deu lugar a um Aviso indignado de Ferreira Vianna, quando Ministro do Imperio em 1889. E já que me referi ao Rio de Janeiro, cumpre notar que elle se não isenta no descalabro geral do respeito ao passado. Já me vai longa a exposição, que eu quizeria tanto mais incisiva quanto mais breve, e portanto, respeito ao Rio, limiteme a lembrar um facto entre mil: a canalisação do rio da Carioca. Foi á bocca desse rio, conta a historia, ou pelo menos a tradição, que em 1501 se levantou a primeira Casa de Pedra do territorio, precursora da cidade de Estacio de Sá e madrinha de seus habitantes. Naquellas aguas se abeberaram as gerações, desde os navegadores, que aqui vinham refrescar, aos cidadãos de hoje. O seu nome se gravou na mente de todos os viajantes, na obra de todos os historiadores. E como era pittoresco o seu curso sinuoso, acompanhando a rua das Laranjeiras, com o velho muro recoberto de musgo! Pois nada lhe valeu para mover os reconstructores da cidade ao respeito. Hoje, a rua das Laranjeiras perdeu o companheiro, e o rio dos navegantes de 1501 jaz transformado num reles esgoto!

Por esse facto se vê que o desvio da tradição, e portanto da logica das coisas, não se manifesta unicamente pelo desrespeito aos monumentos. Nem só elles exprimem o encadeiamento racional da vida de um povo. Entre nós, como por toda a parte, aquelle desequilibrio se traduz por varias fórmulas. Ora, como vimos, é a canalisação de um rio historico; ora, como no Palacio do Cattete, a substituição de ornamentos ou symbolos,

e que fez dizer a Machado de Assis que o Palacio, depois das estatuas, ficou parecendo uma commoda de pés para o ar; ora a mania, verdadeira molestia nacional, de trocar, a todo o proposito e sem proposito, os nomes das ruas, e que já hoje se estende até aos nomes geographicos! E como esses mil outros casos, que a todos occorrem.

Não proseguirei, porém. Era meu intuito lançar o alarma, entre aquelles cuja voz póde ser ouvida. Citei alguns factos; se quizesse completar a resenha, teria de fazer uma nomenclatura de todos os nossos velhos monumentos, pois o mal, de que morrem os que acabo de mencionar, é uma epidemia nacional!

Nada póde justificar o descaso pelo nosso passado. Se lhe não pesam os annos, nem a excepcional magnificencia dos edificios, avulta o seu valor moral, a sua significação historica. Quem se não recorda da admiravel campanha levada a effeito, em França, por Maurice Barrés, em favor das igrejinhas rusticas, e que elle reuniu em volume, evocando "La Grande Pitié des Églises de France"? Não eram as grandes cathedraes gothicas, os "poemas de pedra", que elle defendia, mas os simples sonetos de tijollo das aldeias, ou mesmo as humillimas quadrinhas populares, os adros e os cruzeiros, que a fé semeara pelos caminhos...

Cuidemos tambem das nossas quadrinhas populares! Amparemos os Cruzeiros que baqueiam, as ermidas que tremem, os chafarizes que rúem! Olhemos um pouco para nós mesmos, para os nossos membros mutilados. E já que vivemos numa época legista, façamos uma lei, essa ao menos util e bemfazeja, á sombra da qual possam viver respeitados os vestigios dos nossos primeiros annos, como colonia e como nação. Somos um povo em infancia, somos nós os fazedores do passado, não ha duvida, mas não poderemos levar avante a nossa missão se desprezarmos o que para nós constitue o passado da patria. A perspectiva das origens é um elemento primordial dos povos em formação; e é pela memoria do passado que deve começar a obra da construcção nacional. A missão suprema do brasileiro de hoje é reunir os materiaes para preparar um espirito nacional, em todas as manifestações de sua actividade. E para isso, é preciso que ao artista, ao jurisconsulto, ao architecto,

ao politico, ao militar, ao industrial, não seduza unicamente a originalidade; “só se tem o direito de ser original sem o querer”, disse-o Joaquim Nabuco. A arte, a literatura, o estylo, a organização verdadeiramente nacionaes serão uma consequencia logica do nosso meio, do nosso clima, da nossa filiação, das nossas tendencias. Hoje, o espirito brasileiro está inteiramente obliterado por estranhas influencias; os artifices do futuro, trabalhando pela boa Obra, que não desprezem o aspecto de nossas origens, quando o mimetismo ainda nos não havia de todo descaracterisado. E’ preciso encarar o passado, lêr o caracter do presente através das lantejoulas artificiaes, e comprehender o futuro, para tentar, então, logicamente, algo de definido pelo espirito nacional. Tratemus portanto de guardar as roupagens do nosso berço, para os obreiros do futuro. Ponhamos um freio á furia demolidora e restauradora. Rehabilitemos o passado nacional!

ALCEU AMOROSO LIMA.

AO SABOR DO SONHO

Foi numa noite de carnaval. Encontraram-se tarde, quando todos recolhiam e o delirio festivo findava.

Andavam ambos pelo mesmo largo; cruzaram-se sob a fronde benigna dos platanos, brandamente illuminada pelos lampiões esparsos.

Ella ia ao lado de um homem edoso, seu pae decerto. Durval vinha só. Ao avistal-a moderou o passo. Os seus olhares encontraram-se, detiveram-se e penetraram-se docemente.

Uma suavidade tumultuosa, um bem inesperado e immenso, pareceu a Durval que brotava entre ambos enchendo a terra, mudando a face das coisas.

Depois, pouco a pouco a realidade resurgia, destacava-se, como que impregnada de surpresa e de sonho.

Durval seguiu com os olhos o vulto que se afastava.

Suave e bella! O seu talhe fino, enroupado de branco, tinha um encanto matutino. Os seus olhos eram profundos, pensativos, cheios de uma seriedade que prendia.

Transparecia nella não sei que de ideal e doce, de recluso e ardente, a denunciar uma alma que vive e brilha acima das mesquinharias, das falsidades e das impurezas communs da existencia.

Durval parou indeciso, revolvendo a sua emoção. Depois poz-se a seguil-a, de longe.

Por acaso ou intencionalmente, ella voltou-se um instante e olhou-o.

Um clarão o atravessou. Seria ella deveras a eleita, a que se sonha confusamente e mal se ousa esperar, o bem indizível e supremo para o qual anhelava a sua alma?

Como o seu olhar fôra doce e confiante, cheio de vaga nostalgia e envolvente suavidade!

Já uma confidencia mutua parecia prendel-os.

Presentia-a sensitiva, sonhadora, dolente. A sua alma devia ter a poesia e a tristeza de uma paisagem outomnal, em que as arvores ferrugentas se cobrem do pathetico burel da propria fronde resequida.

Ella devia conhecer a tristeza das primeiras illusões fanadas, a melancholia dos sonhos que murcham e tombam como as folhas mortas.

Mas, por isso mesmo, que recalcado ardor, que acrysolada paixão, que abundancia e vehemencia de vida interior não haveria nella?

Imaginou-a isolada e mesta, num desses ambientes estreitos e burguezes onde o tedio e a melancholia medram, enchendo o vasio das vidas e das almas.

Ahi, na sua quasi solidão, o amor e o sonho vieram acordar-lhe e accender-lhe a alma ingenua.

Amara, ou antes, julgara querer a alguém, mas o que ella amara fôra o seu proprio sonho, o reflexo divino da sua innocencia, as illusões e as miragens seductoras que ella encarnara a esmo, povoando o mundo de encantamento.

Quem poderia dizer as luctas, as desillusões, as desesperanças que soffrera?

Mas por certo a sua alma ardente e pura triumphara, se enriquecera de dôr e de esplendores, se acolhera e sublimara no seu proprio fogo.

A' bruteza e á miseria da realidade, ella oppoz a serena beleza do seu mundo interior, a doçura melancholica do sonho.

Fôra das cohibencias, das chatices e das protervias da realidade, a sua alma pairou livre e resplendente.

Vago e luminoso, abstracto e vehemente, o amor habitou nella como uma mystica flamma que consome e illumina.

Celeste fusão de dois seres, abnegado dom de si mesmo, meiga religião que anihila e transhumana, era assim que ella o comprehendia e queria.

Assim, a sua propria alma a isolava, o seu proprio sonho punha entre ella e o mundo uma etherea e refulgente nuvem que lhe era, ao mesmo tempo, refugio e degredo, prisão e encantamento.

Mas a esperança, o pre-agoirar do milagre, as possibilidades maravilhosas que num momento transformam e divinizam a

existencia, deviam luzir, longinquas e mysteriosas, no fundo da sua alma.

Quantas vezes ellas não lhe teriam perpassado deante, num clarão quasi irreall e fugace como estrellas cadentes?

Agora mesmo, nessa noite de carnaval, por entre o bulicio festivo da cidade, não sentira ella uma ancia desconhecida, um presago palpitar feito de duvida e esperanza, de inquietude e aspiração?

Por isso, talvez, os seus olhos tiveram para elle esse secreto entendimento, essa dolente e maviosa doçura.

Como ella, Durval vinha cheio de anciedade vaga, de paixão contida, de sonhos e desesperanças errantes.

Mais do que um mero encontro, uma casualidade occulta, uma similitude de almas e de destinos os approximava e congregava.

Um presentimento fulgido alumbrou-o. Pareceu-lhe que a felicidade, silenciosa e fugaz passava junto delle esflorando-o e sorrindo-lhe. Uma suavidade immensa invadiu-o. Não sei que de bom e puro illuminava e revestia a terra, propagava a esperanza, submettia a vida á presciente ordenação do sonho e do ideal, reunia e completava as almas que, sem saber, se buscavam e attrahiam através do vasto universo.

Durval sentia-se outro; uma fé nova reconciliava-o comsi-go mesmo, com o mundo, com o azul, com as estrellas... Deante delle, o vulto della movia-se branco e mavioso, com a graça esbelta de uma ave nivea que a lua prateia.

Durval seguia-a enlevado. De quando em vez, o estranho e o aereo da aventura davam-lhe a impressão de caminhar num romance.

Atravessavam um outro largo, depois enfiaram uma rua longa, meio ás escuras, silente e erma áquellas horas.

De repente, os dois vultos pararam junto a uma casa; uma porta abriu-se e fechou-se atraz delles, e tudo recahi na deserta quietude anterior.

Durval parou desapontado.

— Sumira-se. Nem pudera ver bem a casa em que ella entrara. Talvez nunca mais a tornaria a ver!

Um vago despeito lhe mordia a alma.

Mas passaria por lá outras vezes, saberia quem era, tornaria a ver os seus olhos, doces e profundos, sentiria crescer e

florir essa *sympathia mutua* que tão docemente se annunciara... Quem sabe?...

Afagando esses pensamentos, Durval volveu os passos para casa.

Mas já um lento desanimo se lhe infiltrava na alma. Inconsistente e aereo o seu sonho parecia desmanchar-se com o passar da visão que o originara.

O que elle julgara ver nella não fôra mais do que um imaginoso reflexo, do que a introspecção da sua propria alma.

Quantas vezes não se enganara assim? Não era esse o seu eterno escolho, o suave e arcano maleficio que o tolhia?

Essas creaturas donairosas, apenas entrevistas, animava-os do seu sonho, emprestava-lhes as suas aspirações, os seus desejos, os seus devaneios, penetrava-as de não sei que celeste e amorosa perfeição, e depois se admirava que fossem alheias, differentes, estranhas, como que inclusas numa outra esphera e numa outra humanidade, que as distanciava d'elle indefinidamente...

Demais, não era natural que assim fosse? Como podia elle, a cada passo encontrar essas almas puras e ardentes, acendradas no mysticismo do amor e do sonho, em que se casavam e se lhe offertavam todos os ardores e todas as purezas, numa só dadiva plena, funda engolfante como uma onda celeste?

Onde e como encontrar essas mythicas figuras de poemas e balladas, visões suaves e mysteriosas como as Beatrizes e as Ulalumes, luminosas chymeras que, mal baixavam á terra, se esvaíam deixando a saudade e a tristeza dos sonhos desfeitos?

Mas era vão relutar. Continuamente elle superpunha o sonho á vida, vestia de phantasia a realidade.

Assim fizera agora. Sobre essa gentil e vaga desconhecida construíra todo um ingenuo e seduzente romance.

Elle é que a fizera bella, pura, sentimental, plena de doçura recondita, resumbrante de mysterio e fascinação.

Por traz dessa imagem ficticia, quem sabe o que se occultaria?

Talvez um serzinho vulgar e futil, uma alma simples e instinctiva, que não podia sequer suspeitar esse vasto mundo de dolencias, chymeras e arrebatamentos que elle lhe attribuiria.

Podia ser. Mas que importava isso? A sua entidade real,

a sua physionomia moral e psychica, não existiam para elle, não as sabia, no fundo não as queria saber.

Ella era a creatura enigmatica e suggestiva, a apparencia fugaz e doce que elle vestia do seu sonho, que elle povoava da sua alma.

Vaga e afeiçoavel, elle animava-a, recreava-a, fazia-a sua, e como todo creador formava-a á sua imagem e semelhança.

Sonho e belleza, illusão e realidade, aspiração e intravindencia, fundiam-se no seu espirito, numa só dramaticidade intima, numa só entidade vaga, mysteriosa, que lhe arroubava a alma.

Através della toda uma immensidade mystica palpitava e esplandecia.

Dôr, ternura, aneio, saudade, desafoavam-se e exauriam-se idealmente nella. Na propria immensidade do sonho, ella, a figura real, se apoucava e escurecia, incorporada e dispersa numa aspiração sem meta, numa ultra-terrena beatitude, num extravasar d'alma que de si mesmo se paga e se enebria.

Durval sentiu envolvel-o e enleval-o a graça pura do sonho. Pareceu-lhe que nenhuma realização, nenhuma estreita aventura humana podia ir além delle, approximar-se siquer da sua fulgida beatitude.

Oh, a doce virtude, o dom divino da poesia e do sonho! Que bem havia no mundo comparavel a esse? Era isso que elle amava e queria em eterno, sobre todas as coisas, o mundo novo que o attrahia e arrastava, a patria ideal que elle presentia e buscava através de todos os antolhos, de todas as apparencias varias e fugazes, de todos os aspectos innumeraveis da vida e da realidade.

Ao pé delle, tudo o mais lhe parecia rudimentar e bronco como um tosco simulacro, como um balbucio vão, como uma argila vil e sem forma.

Sem elle, o mundo era morno e safaro, cruel e absurdo, um monstruoso acervo de apparencias sem nexo, de fronteantes inercias, de forças obscuras e adversas, em batalha. Acima dellas, radioso e immortal, transfigurador e divino, o sonho dominava a vida, a materia, a immensidade.

Era elle que desentenebrecia a existencia, divinisa o cosmos, incutia ás coisas a alma ardente, nuançada, profunda.

Tel-o era senhorear o mundo, era possuir todos os bens num só, indefinido, absoluto, ineffavel.

Mais do que nunca, Durval sentiu-lhe o invadente encanto, a occulta e soberana magia.

Omnimodo e divino elle parecia fundir-se com a serena belleza das coisas, viver na mystica amplidão da alma, diluir-se em harmonia e beatitude. Na sua pura gloria a gentil desconhecida se transhumanava...

Durval sentiu a doce victoria do sonho. Como uma aspiração celeste, como um mytho que elle mesmo creara, Ella pairou, abstracta e meiga, incontingente e pura, sobranceira á van realidade.

Assim sublimada, emanava della inundando-lhe a alma e renovando-lhe o mundo, uma intima belleza, uma satisfação ideal e sem termo, uma serena e abençoada claridade...

E mais uma vez, Durval bemdisse o tenue e immenso quinhão que lhe tocara em sorte sobre a terra: o poder de sonhar, e o condão de viver satisfeito e contente dentro do seu sonho...

JACOMINO DEFINE.

O DIALECTO CAIPIRA

Tivemos, até ha cerca de vinte e cinco a trinta annos, um começo de dialectação bem pronunciado, no territorio da antiga provincia de S. Paulo. E' de todos sabido que o nosso falar *caipira* — bastante caracteristico para ser notado pelos mais desprevenidos como um systema distincto e inconfundivel — dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influencia á propria minoria culta. As mesmas classes educadas e as pessoas bem falantes não se podiam esquivar a essa influencia. Foi o que criou aos paulistas, ha já bastante tempo, a fama de corromperem o vernaculo com muitos e feios vicios de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Imperio, de criar os cursos juridicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para séde de um delles, houve quem allegasse contra isto o linguajar dos naturaes, que inconvenientemente contaminaria os futuros bachareis, oriundos de differentes circumscripções do paiz...

Essa dialectação iria longe, se as condições do meio não houvessem soffrido uma serie de abalos, que partiram os fios á continuidade da sua evolução. Ao tempo em que o celebre falar paulista reinava sem contraste sensivel, o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivencia quotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos poderosos factores da nossa differenciação dialectal. Os genuinos *caipiras*, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram tambem a ser postos de banda, a ser atirados á margem da vida collectiva, a ter uma interferencia cada vez

menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o commercio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a especie, e a provincia entrou por sua vez em contacto permanente com a civilização exterior. A instrucção, limitadissima, tomou extraordinario incremento. Era impossivel que o dialecto caipira deixasse de soffrer com tão grandes alterações do meio social.

Hoje, elle acha-se acantoadado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fóra dahi, na bocca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu predomínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendencias, creadas pelas novas condições. Essas outras tendencias irão continuando, naturalmente, a obra incessante da evolução autonoma do nosso falar, que persistirá fatalmente em divergir do portuguez peninsular, do portuguez classico e até do portuguez corrente nas demais regiões do paiz. Mas essa evolução já não será a do dialecto *caipira*. Este acha-se condemnado a desaparecer em breve. Legará, sem duvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares. Desappareceu quasi por completo a influencia do negro, cujo contacto com os brancos é cada vez menor e cuja mentalidade por seu turno se modifica rapidamente. O caipira torna-se de dia em dia mais raro, havendo zonas inteiras do Estado, como o chamado *Oeste*, onde só com difficuldade se poderá encontrar um representante genuino da especie. A instrucção e a educação, hoje muito mais diffundidas e mais exigentes, vão combatendo com exito o velho caipirismo, e já não ha nada tão commum como se verem rapazes e creanças cuja linguagem differe profundamente da dos paes analphabetos. Por outro lado, a população estrangeira, muito numerosa, vai infiltrando as suas influencias, por cmquanto pouco sensiveis, mas que por força se farão notar mais ou menos remotamente. Os filhos dos italianos e dos sirios e turcos apparentemente se adaptam com muita facili-

dade á phonetica paulista, mas na verdade trazem-lhe modificações physiologicas imperceptiveis, que se irão aos poucos revelando em phenomenos differentes dos que até aqui se notavam.

O que pretendemos neste despretencioso trabalho (de que pedimos excusa aos competentes) é — *caracterizar esse dialecto "caipira"*, ou, se acham melhor, *esse "momento" da dialectação portugueza em S. Paulo*. Não levaremos, por isso, em conta todos os *paulistismos* que se nos têm deparado, mas apenas aquelles que se filiam na antiga corrente popular.

E' claro que não é esta uma tarefa simples, para ser levada a cabo com exito por uma só pessoa, muito menos por um hospede em glottologia. Mas é bom que se comece, e dar-nos-emos por satisfeito se tivermos conseguido fixar duas ou tres idéas e duas ou tres observações aproveitaveis, neste assumpto, por emquanto, quasi virgem de vistas de conjuncto, sob criterios objectivos.

Fala-se muito num "dialecto brasileiro", expressão já consagrada até por autores notaveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialectação, cuja existencia é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram bem discriminados. Nem se poderão discriminar, emquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões. O falar do norte do paiz não é o mesmo que o do centro ou o do sul. O de S. Paulo não é igual ao de Minas. Mesmo no interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço varias zonas dialectaes — o litoral, o chamado "norte", o sul, a parte confinante com o Triangulo mineiro. Seria de desejar que muitos observadores imparciaes, pacientes e methodicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, limitando-se estrictamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hypothetico, incerto, não verificado pessoalmente. Teriamos assim um grande numero de pequenas contribuições, restrictas em volume e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escoreita e seria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando se nos deparam, repositórios incongruentes de factos recolhidos a todo preço e de generalizações e filiações quasi sempre apressadas. Taes contribuições

permittiriam um dia o exame comparativo das varias modalidades locais e regiones, ainda que só das mais salientes, e por elle a discriminação dos phenomenos communs a todas as regiões do paiz, dos pertencentes a determinadas regiões e dos privativos de uma ou outra fracção territorial. Então se saberia com segurança quaes os caracteres geraes do "dialecto brasileiro", quantos e quaes os "subdialectos", o grau de vitalidade, as ramificações, o dominio geographico de cada um. E então se teria dado um verdadeiro passo para o conhecimento da nossa tenebrosa formação psychologica, passo cujas multiplas consequencias não será necessario esboçar.

I. — ALTERAÇÕES PHONETICAS

1.º

1. Antes de tudo, deve notar-se que a prosodia caipira (tomando o termo *prosodia* numa accepção lata, que tambem abranja o *rythmo* e musicalidade da linguagem) differe essencialmente da portugueza.

O tom geral da palavra é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronunciação portugueza.

2. Os *accentos* em que a voz mais demoradamente carrega, na prolação total de um grupo de palavras, não são em geral os mesmos que teria esse grupo na bocca de um portuguez; e as *pausas* que o dividem na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuidas de modo diverso. Na duração das vozes livres igualmente differe muito o dialecto: se, proferidas pelos portuguezes, as vozes breves duram "um tempo" e as longas "dois", pode-se dizer, comparativamente, que no falar caipira duram as primeiras dois tempos e as segundas quatro.

Este phenomeno está estreitamente ligado á lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto della, pois a linguagem vagarosa, *cantada*, se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vozes livres. (1)

(1) "Cantada" se lhe chama vulgarmente; mas é preciso notar que apesar disso é muito menos *musical* do que aquella que não é assim qualificada. A prosodia portugueza é mais *musical*, porque comporta muito maior variabilidade de *rythmos*, de inflexões e modulações, destinados, já a pôr em relevo o valor dos termos empregados, já a dar á phrase o colorido das emoções que a acompanham. O sr. Said Ali, no livro "Difficuldades da Lingua Port.", cap. I, dedica um interessante estudo a este assumpto.

3. Também decorre dessa mesma lentidão, como um resultado natural, o facto de que o adoçamento e ellisão das vozes livres átonas, coisas communs na pronunciação portugueza, são aqui phenomenos relativamente raros. Com effeito, comprehende-se bem que o portuguez, na sua pronunciação vigorosa e rapida, torture muito mais os vocabulos, abreviando-os pelo enfraquecimento e suppressão das vozes átonas internas, ligando-os uns aos outros pela absorpção das átonas finaes nas vozes que se lhes seguem: *subradu, p'daçu, c'rôa, 'sp'rança, tiátru, d'hoj'em diante, um'august'assemblêia*. Da mesma forma, comprehende-se que o caipira paulista, no seu pausado falar, que por força ha de apoiar-se mais demoradamente nas vozes livres, não pratique em tão larga escala essas mutações e ellisões.

O caipira (como, em geral, todos os paulistas) pronuncia, em regra, claramente as vozes átonas, qualquer que seja a posição das mesmas no vocabulo: *esperança, sobrado, pedaço, corôa*, e recorre poucas vezes á synalepha. Nos proprios monosyllabos átonos *me, te, se, de, o, que*, etc., as vozes livres conservam o seu valor typico bem distincto, ao contrario do que succede com os portuguezes, em cuja pronunciação normal ellas se ensurdecera, assumindo tonalidades especiaes.

Póde dizer-se que no dialecto não ha *vozes surdas*: todas sôam distinctamente, salvos os casos de *queda* ou de *synalepha*. Dahi provém o dizer-se que os caipiras "*accentuam todas as vogaes*", o que é falso, mas explica-se. E' que não se leva em conta a duração relativa das átonas e tónicas, a que atraz nos referimos.

4. Não podemos, porém, attribuir inteiramente á influencia da lentidão e pausa da fala essa melhor conservação das vozes livres átonas, no dialecto.

O phenomeno é, naturalmente, complexo, e são complexas as suas causas; mas é impossivel negar que existe pelo menos uma estreita correlação entre um e outro facto.

5. Seria, aliás, muito interessante um estudo acurado das feições especiaes da prosodia caipira, com o objectivo de discriminar a parte que lhe toca na evolução dos differentes departamentos do dialecto. Chegar-se-ia de certo a descobertas muito curiosas, até no dominio dos factos syntaticos. A differenciação relativa á collocação dos pronomes obliquos, no Brasil, deve explicar-se, em parte, pelo rythmo da fala e pelo alongamento das vozes livres. (2) Esses pronomes, no portuguez europeu, se antepõem ou pospõem a outras palavras, que os attrahem, incorporando-os. Prosodicamente, não têm existencia autonoma: são sons ou grupos de sons, destinados a addicionarem-se aos vocabulos accentuados, segundo leis naturaes inconscientemente obedecidas

(2) Veja-se o notavel trabalho do sr. professor Said Ali — "*Difficuldades da Lingua Port.*", cap. II.

(enclise, proclise). Passando para o Brasil, a lingua teve que submeter-se a outro rythmo, determinado por condições physiologicas e psychologicas diversas: era o sufficiente para quebrar a continuidade das leis de attracção que agiam em Portugal. O alongamento das vozes livres, dando maior amplidão aos pronomes na pronuncia, tornando mais sensível a sua individualidade, veio accentuar, de certo, aquelle effeito.

2.º

6. Os phonemas do dialecto são pelo geral os mesmos do portuguez, se não levarmos em conta as variantes physiologicas que sempre existem entre povos diversos e até entre fracções de um mesmo povo; variantes essas de que, pela maior parte, só a phonetica experimental poderia dar uma notação precisa. Cumpre, entretanto, observar o seguinte:

a) *s* post-vocalico tem sempre o mesmo valor: é uma linguo-dental *ciciante*, não se notando jamais as outras modalidades conhecidas entre portuguezes e mesmo entre brasileiros de outras regiões; o *s* propriamente *sibilante*, assobiado, e bem assim o *chiente*, são aqui desconhecidos. Para produzir este som a lingua projecta a sua ponta contra os dentes da arcada inferior e encurva-se de modo que os bordos lateraes toquem os dentes da arcada superior, só deixando uma pequena abertura sob os incisivos: modo de formação perfeitamente igual ao de *c* em *cedo*. (3)

b) *r* inter e post-vocalico (*arara*, *carta*) possui um valor peculiar paulista; é uma *linguo-palatal*. Na sua prolação, em vez de projectar a ponta contra a arcada dentaria superior, movimento este que produz a modalidade portugueza, a lingua leva os bordos lateraes mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocar a na abobada palatal. Não ha quasi nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglez post-vocalico. E', muito provavelmente, o mesmo *r* *brando* dos autochtones. Estes não possuíam o *rr* forte ou vibrante, sendo de notar

(3) No portuguez ha dois sons de *s*: o *reverso*, "produzido com o bordo anterior da ponta da lingua na parte interna das gengivas dos incisivos superiores" (é o *s* final de syllaba, como em *mês*) e o *apical*, produzido "com o ápice da lingua nas gengivas dos incisivos SUPERIORES" (*s=c*, como em *passo*, *faço*, *saber*, *sapato*). Esta é a classificação do sr. Ribeiro de Vasconcellos, na sua *Gram. Port.* No Brasil tambem se distinguem dois sons de *s*, embora o seu modo de produção, e portanto os seus valores, não sejam exactamente os mesmos que em Portugal. Para o caipira e, em geral, para os paulistas, só ha um *s*, o *s=c*, quer modifique voz anterior, quer posterior: *çaber*, *çapato*, *çactigo*; e o modo de produção desse som, que corresponde ao *apical* portuguez, differe sensivelmente do deste, como se vê pela descripção que fazemos no texto e pela que faz o sr. Vasconcellos.

que com o modo de producção acima descripto é impossivel obter a vibração desse ultimo phonema. (4)

c) A explosiva gutural *gh* tem uma tonalidade especial, sobretudo antes dos semidiphthongos cuja prepositiva é *u*, casos em que frequentemente se vocaliza (*áu-ua*, *léu-ua* = agua, legua).

d) *ch* e *j* palataes são frequentemente *explosivos*, como ainda se conservam entre o povo em certas regiões de Portugal, no inglez (*chief*, *majesty*) e no italiano (*cielo*, *genere*).

e) A consonancia palatal molhada *lh* não existe no dialecto.

7. Os phenomenos de differenciação phonetica que caracterizam o dialecto resumem-se desta forma:

VOZES LIVRES

As *tónicas*, em regra, não soffrem alteração. O unico facto importante a assignalar com relação a ellas é que, quando seguidas de *s* ou *z*, no final dos vocabulos, se diphthongam pela intromissão de *i*: *rapáiz*, *méis*, *péis*, *nóis*, *lúiz* (rapaz, mês, pés, nós, luz). (5)

8. Quanto ás *átonas*:

Na *syllaba postónica* dos vocabulos graves, conservam o seu valor typico. Não se operou aqui a permuta de *e* final por *i*, que se observa em outras regiões do paiz (*aquelli*, *ésti*) como não se operou a de *o* por *u* (*povu*, *digu*), phenomeno este que se manifestou em Portugal, ao que parece, a partir do seculo XVIII.

Nos vocabulos esdruxulos, a tendencia é para supprimir a voz livre da penultima syllaba e mesmo toda esta, fazendo grave o vocabulo (*ridico*, *ligite*, *cosca*, *musga*, em vez de ridiculo, legitimo, cócega, musica).

9. Nas *syllabas pretonicas*, alteram-se mais, como se verá das seguintes notas:

10. *e* — a) Inicial, apparece mudado em *i* nasal, em *exame*, *eleição*, *egual*, *exemplo* e outros vocabs.: *inzame*, *inleição*, *inguá*(1), *inzempro*.

A nasalação de *e* inicial seguido de *x* é phenomeno velho da lingua: *enxame* ← *examen*, *enxada* ← *exada*, *enxui-*

(4) E' claro que não fazemos questão da denominação, que poderá ser substituida por qualquer outra; aqui só nos interessa o facto. — Ao *r* port. chama-lhe o sr. Vasconcellos *incipite reverso*.

(5) O motivo da apparição deste *i* é que, como observa De Gregorio ("Glottologia", cap. III), "dopoché emettiamo una vocale qualunque, e senza interrompere la corrente di aria rimettiamo la lingua a suo posto, la comparsa di *i* dovrà naturalmente seguire."

to ← exsuctum... Enxemplo encontra-se nos escriptores do tempo anterior aos classicos. Do mesmo modo inlição (eleição).

b) Medial, muda-se frequentemente em *i* (*tisôra*, *Tiodoro*), sobretudo se ha outro *i* na syllaba seguinte: *pirigo*, *dilicado*, *minino*, *atrivido*, *intilligente*, *pidi(r)*, *midi(r)*, *pitiço* (assimilação regressiva).

Na pronuncia normal portug. tem-se dado, em taes casos, justamente o phenomeno contrario (dissimilação), embora nem sempre se substitua *i* por *e* na escripta: *menino*, *preguiça*, *vezinho*, *ministro*. O caipira ainda conserva, como remanescente do que aprendeu dos portuguezes, a este respeito, o nome proprio *Vergilio*, que pronuncia com *e*.

Este phonema perdura intacto nos derivados e nas formas flexionadas, quando tonico nas palavras originarias: *pretura*, *pretinho*, *pretejado*, *pedrento*, *medroso*.

11. o — Medial, muda-se muitas vezes em *u*: *tabuleta*, *cuzinha*, *dumingo*, sobretudo nos verbos em *ir*, que o têm na syllaba immediatamente anterior á tonica: *inguli(r)*, *buli(r)*, *tussi(r)*, *surti(r)*.

A possuír corresponde a forma dialectal *pissui(r)*, que tambem existe em gallego. (6)

Nos verbos em *ar* e *er*, conserva-se: *cobrá(r)*, *cortá(r)*, *broquécá(r)*, *intortá(r)*, *soffrê(r)*, *podê(r)*. Conserva-se tambem nos derivados e nas formas flexionadas, quando tonico nas palavras originarias: *locura*, *boquêra*, *porcada*, *mortinho*, *rodêro*.

Conserva-se geralmente, aberto, nos diminutivos de nomes que o têm assim: *pórtinha*, *pótinho*, *cóbrinho* (ao contrario do que se dá em outros pontos do paiz, notadamente em Minas, onde estes diminutivos têm o fechado).

12. ã (en, em) — Inicial, muda-se em *in*: *imprego*, *incurtá(r)*, *insino*, *imborná(l)*.

Em *inteiro* e *indireitar*, ao contrario, depara-se ás vezes o *i* mudado em *e* (*entêro*, *endereitá(r)*, provavelmente por assimilação regressiva. Aliás, as formas *enteiro*, *enteiramente*, *endereitar*, encontram-se em documentos portuguezes anteriores á reacção erudita.

13. õ (on, om) — Medial, muda-se em *ũ*, em *lumbi(lh)o*, *amuntá(r)*, *cũmê(r)*, *cumpadre*, *cũmigo*, *cunversa*, *cũmeçá(r)* e em geral nos vocabulos cuja syllaba inicial é *cõ*.

(6) Leite de Vasconcellos, "Textos Archaicos".

GRUPOS VOCALICOS (ACCENTUADOS OU NÃO)

14. **ai** (diphth.) — Antes da palatal *x*, reduz-se á prepositiva: *baxo*, *baxêro*, *faxa*, *caxa*, *paxão*. (Cp. 15)

15. **ei** (diphth.) — Reduz-se a *ê* quando seguido de *r*, *x* ou *j*: *isquêro*, *arquêre*, *chêro*, *pêxe*, *dêxe*, *quêjo*, *bêjo*, *interado*.

Nos vocabulos em que é seguido de *o* ou *a*, como *ceio*, *veia*, também apparece ás vezes representado por *ê*: *chêo*, *vêa*, *cêa*, Cp, a evolução destas palavras no portuguez: *cheio* ← *chêo* ← *chêo* ← **cheno* ← *plenu(m)*; *veia* ← *vêa* ← *vêa* etc.

16. **ou** e **oi** (diphths.) — a) Accentuado ou não, contrae-se o primeiro em *ô*: *pôco*, *tôro*, *locura*, *rôpa*.

Em Portugal, bem como no falar da gente culta no Brasil, ha notorio syncretismo no uso dos diphthongos *ou* e *oi*. Para o caipira tal syncretismo não existe: os vocabulos onde esses diphthongos apparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra*, *ôro*, *estôro*, *côro*, *côve*, *lôco*, *bassôra*, *tôca*, *frôxo*, *trôxa*, e nunca *lavoira*, *oiro*, etc.; por outro lado, *dois*, *noite*, *coisa*, *foice*, *toicinho*, *oitão*, *afoito*, *biscoito*, *moita*, e nunca *dous*, *noute*, etc. Se ha formas syncreticas, são rarissimas. A causa desta distincção é puramente phonetica: note-se, nos exemplos acima, que ha *ô* deante dos sons *r*, *v*, *k* e *x*, e *oi* deante de *s*, *z* e *t*.

b) Nas formas verbaes em que o accento tónico recae em *ou*, este se contrae, ás vezes, em *ô*: *rôba*, *estôre*.

17. **ẽi** (em) — Final de vocabulos, reduz-se a *e* grave; *viaje*, *virge*, *home*, *elles corre*.

Parece-nos inutil accentuar que na palavra portugueza *viagem* e em outras de identica terminação existe um verdadeiro diphthongo nasal graphado *em* (*viagêi*, *virgêi*, etc.) Da mesma forma existe o diphthongo nasal *õu* nas palavras *bom*, *som*, etc. (*bõu*, *sõu*).

18. **õu** (om) — a) Na preposição *com*, muda-se no phonema vogal nasal simples *ũ*, quando se segue a essa prep. palavra que comece por consoante: *cum vacê*, *cum quem vô*, *cumsigo* (*com-sigo*). Quando ha ecthlipse, reduz-se a *o* grave: *co'elle*, *co' 's diabo(s)*.

b) Nas palavras *bom*, *tom* e *som* muda-se em *ão*: *bão*, *tão*, *são*.

19. **io** (hiato) — Final de vocabulo, diphthonga-se sempre em *iu*: *paviu*, *tíu*, *riú*.

CONSONANCIAS

20. **b e v** — Muda-se às vezes uma na outra, dando lugar a varias formas syncréticas:

<i>burbúia</i>	e	<i>vevúia</i>	(borbulha)
<i>bassôra</i>	e	<i>vassôra</i>	
<i>berruga</i>	e	<i>verrua</i>	
<i>biête</i>	e	<i>viête</i>	(bilhete)
<i>cabortêro</i>	e	<i>cavortêro</i>	
<i>jabuticaba</i>	e	<i>jabuticava</i>	
<i>Pricicaba</i>	e	<i>Pricicava</i>	(Piracicaba)
<i>mangaba</i>	e	<i>mangava</i>	(fructa)
<i>bespa</i>	—		
—		<i>vagaço</i>	
<i>bamo</i>	—		(vamos)

21. **d** — Cae, na syllaba final do gerundio: *cheyano* = *chegando*, *andano* = *andando*, *veno* = *vendo*, *caíno*, *pono*, e tambem no adverbio *quando*, às vezes.

22. **gh** — Quando compõe syllaba com os semidiphthongos *ua*, *uá*, *ue*, *ué*, *uê*, *uí*, como em *guarda*, *agua*, *tiguêra*, *saguí*, torna-se quasi imperceptivel, vocalizando-se frequentemente em *u*. Neste caso, esse *u* diphthonga-se com a vogal anterior, e o segundo *u* continúa a formar semidiphthongo com a vogal seguinte: *au-ua*, *tiu-uêra*, *sáu-uí*.

23. **l** — a) No final das syllabas, muda-se em *r*: *quarquê*, *papér*, *mér*, *arma*.

Na locução tal qual, cae apenas o segundo *l*, porque o primeiro se tornou intervocalico: *talequá*. E' ainda digna de nota a locução adverbial *malemá* (transcripta como se pronuncia), que quer dizer "passavelmente", "soffrivelmente", "assim assim". Terá provindo de *malemal*, ou de *malamal*, ou ainda de "mal, mal..."? (Fazer um serviço *malemá*(l): passavelmente, antes mal que bem; passar *malemá* de saúde: assim assim.)

As palavras terminadas em *al*, *el*, *il*... frequentemente apparecem apocopadas: *má*, *só*, *jorná* = *mal*, *sol*, *jornal*. Não inferir dahi que houve queda de *l*. Esse *l* mudou-se primeiro em *r*, e depois caiu este phonema, de accordo com uma das leis mais rígidas, e mais facilmente verificaveis, da phonetica paulista. E' de notar-se ainda que a pronuncia

em questão (*má, só*) é mais commum entre os negros, que, submettidos, em geral, ao imperio das mesmas leis, quando no mesmo meio, não deixam entretanto de differir dos caboclos e brancos em mais de um ponto.

b) Quando subjunctivo de um grupo, iguamente se muda em *r*: *eraro, com preto, cramô(r), frô*.

Esta troca é um dos *vícios* de pronuncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação e posição social, menos em contacto com o povo rude.

(Cp. 6-b).

24. *r* — a) Cae, quando final de palavra: *andá, muié, esquecê, subi, vapô, Arthú*.

Conserva-se, entretanto, geralmente, em alguns monosyllabos accentuados, tendo decerto influido nisso a posição proclitica habitual: *dôr, côr, côr, par*. Conserva-se tambem no monosyl. átono *por*, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma syllaba: *amor, suór*. Nos verbos, ainda que monosyllabos, cae sempre, provavelmente pela influencia niveladora da analogia: *vê, í, pô*.

b) Esta consonancia é de extrema mobilidade no seio dos vocabulos, dando lugar a metatheses e hypertheses frequentissimas. (27, i-j)

25. *s* — Cae, quando final de palavra barytona: *arfére (alferes), pire (pires), bamo (vamos), imo (imos)*.

Conserva-se nos adjectivos determinativos e nos pronomes, ainda que barytonos, o que se explica, em parte, pela posição proclitica habitual: *duas casa, minhas fiia, arguas pessoa, aquelles minino, elles, ellas*. A prova é que, quando não está em próclise, frequentemente se submete á regra: *aquellas são as MINHA, estas são SUA*. Em parte, porém, essa conservação se deve á necessidade de manter um signal de pluralidade. Voltaremos opportunamente a este ponto, que é mais do dominio dos phenomenos psychologicos na morphologia, do que de ordem phonetica.

26. *lh* — Vocaliza-se em *i*: *espaído, maio, muié, fiio=espalhado, malho, mulher, filho*.

Cp. o que se dá com o *l* molhado em Cuba, na Argentina (*caje=calle, cabajo=caballo*) e na França, onde desde o seculo XVIII começou a accentuar-se a tendência para a vocalização deste phonema (*batáie, Chantií=bataille, Chantilly*).

3.º

27. Além das alterações francamente *normaes*, que ficaram registradas, ha toda uma multidão de modificações accidentaes, de que daremos alguns exemplos:

a) abrandamento: *guspe*=cuspó, *musga*=música.

E' de notar que nos esdruxulos cócega, náfego e látego se dá o contrario: *cócica* (e *coçca*), *náfico*, *lático*.

b) assimilação — progressiva: *Carro*=Carlos; regressiva: *birro*=bilro; *hispicio*, *imbigo*=hospicio, umbigo; *ara*, *sinhara*=ora, senhora; *ascança*=alcançar; *cágudo*, *bêbudo*, *sábu-do*=cágado, bêbado, sabbado; *digêro*=ligeiro (*g* palatal explosivo=*dg*).

c) Apherese: (ap)*parece*, (i)*magina*, (ar)*rependeu*, (ar)*ranca*, (a)*lambique*, (al)*gibêra*.

d) Syncope: *pês(se)co*=pêssêgo, *mus(i)ga*=música, *esp(i)-rito*, *ca(s)tiçar*, *Jeró(ni)mo*, *ridic(ul)o*.

e) Apocope: *Ligite(mo)*.

f) Prothese: *alembirá*=lembrar, *avoá*=voar, *arripiti*=repetir.

g) Epenthese: *rec-u-luta*, *Ing-a-laterra*, *g-a-rampo*.

h) Epithese: *paletor*.

i) Metathese: *perciso*, *pertende*, *purcissão*, *partelêra*, *agardecê*, *aquerditá(r)*.

j) Hyperthese: *agordão* (*algodão*), *cardaço*, *chacoalhá(r)*, *largato*.

Devem mencionar-se ainda as formas proclíticas:

de senhor — *nhô*, *seô*, *seu*, *sô*;

de senhora — *nhá*, *seá*, *sea*, *sa*;

de minha — *mea* (encontra-se em antigos docs. da língua com as graphias *mea*, *mha*);

de sua — *sa*.

Não pretendemos abranger aqui, nem seria este o lugar proprio, todas as influencias modificadoras a que estão sujeitos os vocabulos. Mais tarde teremos occasião de voltar ao assumpto.

AMADEU AMARAL.

POESIA

EDIPO

I

A PITHIA

“Repetiu-me Apollo o vaticinio: que eu
seria o assassino de meu pae; e rei; e
marido de minha mãe, sem a conhecer;
e tronco de uma prole infame!...”

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

*Em Delphos. Com pavor, de pé, no ádito escuro,
Edipo escuta... O deus, rugindo de ira e ameaça,
Pela boca da Pithia em extase, devassa
O tempo, e o arcano véu destrama do futuro:*

*“ Rolarás do fastigio á ignominia e á desgraça!
“ Rompendo de um mysterio o impenetravel muro,
“ Num solio ensanguentado e num thalamo impuro
“ Gerarás, parricida, a mais odiosa raça!”*

*E' a Esphinge, a gloria, o reino, o assassinio de Laio,
E o amor sinistro... Assim troveja a voz de Apollo
E enche o sacrario... O céu carregá-se de bruma;*

*Fuzila; estruge o chão; reboa no antro o raio...
E, enquanto Edipo tomba inanime no solo,
Sobre a tripode a Pithia, em baba, ullula e escuma.*

II

A ESPHINGE

"Bemvindo sejas á cidade de Cadmo,
nosso libertador e nosso rei, que, com a
tua penetração de espirito e o auxilio
divino, levantaste o tributo de sangue
que pagavamos á cruel Esphinge!"

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

*Perto de Thebas, junto a um monte, sobre o Ismeno,
Aguia e mulher, serpente e abutre, deusa e harpia,
Tapando a estrada, á espera, — aterrava e sorria
O monstro seductor, horrivel e sereno:*

*"Devoro-te, ou decifra!" Era fascinio o aceno;
A voz, morna e sensual, tinha affecto e ironia,
Graça e repulsa; e a luz dos olhos escorria
Fluido filtro, estillando um perfido veneno.*

*Mas Edipo descenda o enigma... Ruge em furia
O Grifo, e escarva o chão, bate contra o rochedo,
Rola em vascas, em sangue ardente a areia tinge,*

*E fita o campeador no uivar da extrema injuria...
E o Heroe recua, vendo, entre esperança e medo,
Rancor e compaixão no verde olhar da Esphinge.*

III

JOCASTA

"Trevas espessas! eterna, horrivel noite!
sou dilacerado pelo espinho da dôr e pela
memoria dos meus crimes!"

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

*Edipo vê cumprir-se o oraculo funesto:
Thebas entregue, em luto, á peste que a devasta,
E, sobre o throno em sanie e o leito deshonesto,
Morta, infamia da terra e asco do céu, Jocasta.*

*Louco, vociferando, erguendo a grita e o gesto
Contra os deuses, mordendo a poeira em que se arrasta,
O misero, medindo o parricidio e o incesto,
Quer da vista apagar a lembrança nefasta:*

*Os dois olhos, ás mãos, das orbitas arranca
Em sangue borbotando, em lagrimas fervendo,
Para o pavor matar na esmagada retina...*

*Mas, cego embora, — vê Jocasta hedionda, branca,
Enforcada, a oscillar, como um pendulo horrendo,
Compassando, fatal, a maldição divina.*

IV

ANTIGONA

“Disse-me tambem o oraculo que morrei aqui, quando tremer a terra, quando o trovão rolar, quando o espaço brilhar...”

(SOPHOCLES. Edipo em Colona.)

*A terra treme. Rola o trovão. Brilha o espaço.
Chega Edipo a Colona, em andrajos, immundo,
Sombra anciosa a fugir do proprio horror profundo,
Ruina humana a cair de miseria e cansaço.*

*Mas, quando o ancião vacilla, orphão da luz do mundo,
— Antigona lhe estende o coração e o braço,
E, filha e irmã, recolhe ao maternal regaço
O rei sem throno, o pae sem honra, moribundo.*

*E' o ninho (a terra treme...) amparando o carvalho,
A flor sustendo o tronco! Edipo (o espaço brilha...) Sorri, como um combusto areal bebendo o orvalho.*

*E' o fim (rola o trovão...) da miseranda sorte:
O cego vê, fitando o céu do olhar da filha,
Na cegueira o esplendor, e a redempção na morte.*

OLAVO BILAC.

O "SALON" DE 1916

Nada menos de seiscentos e sessenta e um trabalhos constam do catalogo da XXIII Exposição Geral de Bellas Artes. E ha ainda um "appendice"! Este subito augmento da producção artistica nacional, que, á primeira vista, deveria rejubilar toda a gente, não agradou a muitos e a alguns verdadeiramente scandalizou. E' que, pelos modos, a Commissão do *Salon*, desejando dar ao publico, por occasião da celebração do centenario do ensino artistico no Brasil, uma impressão largamente satisfatoria do que se tem aproveitado e caminhado de D. João VI para cá, resolveu afrouxar um tanto as exigencias do exame e fazer vista grossa a certas vulgaridades e deficiencias, nos ultimos annos banidas do nosso certame official. A ser assim — e não queremos faltar ao respeito da Commissão, mas parece-nos bem que foi — seguiu-se, de certo modo, aquelle criterio attribuido por G. Ferrero á Allemanha moderna, numa conferencia em que o illustre publicista estabeleceu a distincção entre o progresso quantitativo e o qualitativo... Ora, aquelles que, no presente caso, defendem tal orientação, allegam a necessidade da benevolencia, da bitola baixa, para animação dos jovens artistas, a quem outros estímulos desgraçadamente faltam numa terra e numa época tão avessas a idealismos. Mas o effeito, se bem o reflectimos, antes se nos afigura pernicioso. Porque, animando-se, com o jubilo da exhibição, e porventura do premio, os inexperientes ou mal dotados cultores da Arte, nenhum serviço util se presta á mesma Arte e evidentemente se concorre para que os outros, os verdadeiros, os bons esmoreçam e desanimem. Ha sempre, entre as obras expostas, lado a lado, alguma coisa de tradicional, de convencional, que as equipara, as irmana como dignas umas das outras. E o que a uns expositores enche de orgulho,

a outros, por força, ha de causar desgosto. Depois, a verdade é que o *Salon* não tem por fim especial encorajar, estimular quem quer que seja. A sua funcção consiste, ou deve consistir, acima de tudo, no julgamento dos trabalhos que lhe são enviados. Nos centros mais cultos, figurar num certame official de arte representa, não a obtenção dum favor ou incentivo, mas a conquista duma justiça irrecusavel. Está claro que não vamos ao extremo de recommendar ao nosso Jury o mesmo rigor com que, por exemplo, os *Artistes Français* recusam annualmente milhares de telas, gessos ou marmores; mas, dentro da relatividade que as circumstancias impõem, desejaríamos que a entrada nestas Exposições Geraes não dependesse, em tão grande escala, de condições alheias ao real valor das obras e assim envolvesse, por si só, uma fórmula de consagração.

Não nos alongaremos, porém, a discutir uma questão que, além do mais, é um facto consummado. Houve demasiada tolerancia — eis o que ninguem põe em duvida — e não apenas em relação ao merito dalguns concorrentes, como tambem no tocante a regras ou praticas nestes casos estabelecidas. Assim, por exemplo, se acceitaram quadros já vistos em exposições particulares e até em estabelecimentos commerciaes. Franca-mente, é dar excessiva importancia ao lado numerico e muito pouca ao lado do interesse. O *Salon* soffreu, por isso. O que, porém, mais o prejudicou — sobretudo, se attendermos á sua feição historica e commemorativa — foi a ausencia de varios mestres, cuja indifferença ou birra não têm, no caso, sufficiente explicação. O sr. Visconti, por exemplo, não compareceu; nem o sr. Belmiro; nem o sr. Rodolpho Bernardelli. O sr. Henrique Bernardelli enviou os excellentes medalhões “a fresco” que se destinam á fachada da Escola e que, distribuidos por duas sacadas, em cavalletes baixos e em locaes acanhados, mal se deixam apreciar; e o sr. Rodolpho Amoedo apenas concorreu com photographias das suas composições decorativas para o *foyer* do Theatro Municipal. Escusado será accentuar a falta que estes *gros bonnets* fazem sentir ao publico visitante; e bem se imaginam os commentarios dos maldizentes e a indignação dos patriotas, para quem o facto respectivamente significa que os “Velhos” estão esgotados e o paiz mais que perdido!

Dos medalhões da pintura, pois, só concorreu o sr. João



Lucilio de Albuquerque: — Retirada da Laguna



Georgina de Albuquerque: — Arvore de Natal



Baptista, infatigável na sua paixão laboriosa e moralmente obrigado a prestigiar o *Salon*, agora que a Direcção das Belas Artes lhe está confiada. As suas paisagens são technicamente impecáveis. Nellas se patenteia uma factura paciente, escrupulosa, sem arrebatamentos e sem extases — de maneira a dar a impressão de que o mestre trabalha sobretudo com a consciencia. Nós, que, em Arte como em tudo o mais, soffremos de incurável sentimentalismo, preferiríamos obras menos correctas, em que accentuadamente transparecesse a emoção do artista, jubilo, magua, entusiasmo, apprehensão ou languidez sonhadora, deante do trecho de natureza que o inspirou. Isto, porém, significa um reparo pessoal, sem nenhuma pretensão theorica, doutrinaria; e de certo o que se nota nas paisagens do sr. João Baptista, é a impassibilidade da perfeição.

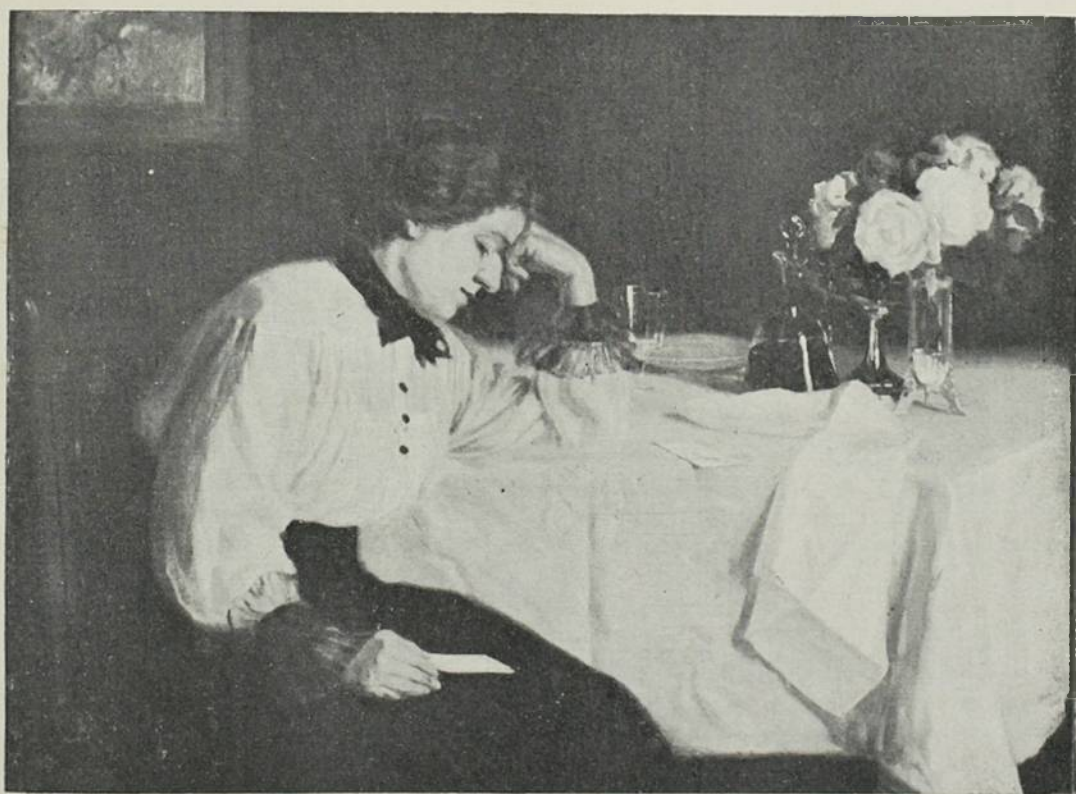
Ha, no *Salon*, uma "grande machina", a *Expedição á Laguna*, do sr. Lucilio de Albuquerque. A' frente de innumera cavallada, Garibaldi dirige a manobra do transporte dum dos seus barcos, puxado, sobre eixos e rodas, a juntas de bois; ao longe, vem outro barco, tirado pelo mesmo systema e seguido doutros cavalleiros, a perder de vista; e ao alto, o céu sereno e luminoso sorri benignamente á esforçada aventura. Em outros quadros, bem menores e bem mais simples, tem o sr. Lucilio conseguido affirmar melhor a sua individualidade. Não ha, porém, negar que desta audacia dum artista relativamente moço, resultou uma obra que deve ser olhada com respeito e francamente louvada. A perspectiva está estudada e obtida dum modo já magistral; em alguns dos bois que puxam o grande barco, vê-se bem a contracção penosa do arranco, o violento esforço da avançada... Emfim, o sr. Lucilio triumphou; e não foi sem justiça que o Jury lhe conferiu a Grande Medalha de Ouro. Sua esposa, a sra. Georgina de Albuquerque, teve a Grande Medalha de Prata. E' o que se chama um casal, mesmo em arte, feliz. A *Arvore de Natal* representa tambem a obra maior e mais difficil até hoje empreendida pela artista. E' num interior de casa burgueza, onde se reune, em torno do pinheiro gentil, de variegados, luminosos fructos, um bando de crianças; já muitas prendas foram distribuidas; ao fundo, as pessoas grandes contemplam a alegria dos pequeninos; e no primeiro plano, ao canto da tela, ha uma moça ao piano e um rapaz que enlevadamente a olha, como se, no rosto que resu-

me aquelle ambiente familiar e festivo, visse todo o seu futuro. Esta nota dá ao assumpto uma particularidade tocante; e algumas figuras, como a meninota que, de frente para o observador, examina a nova boneca, sériazinha, compenetrada, um tanto commovida, são, na verdade, interessantes. Um entendido notaria talvez, no conjuncto, certa falta de harmonia, de equilibrio; mas seria, talvez, uma simples impertinencia...

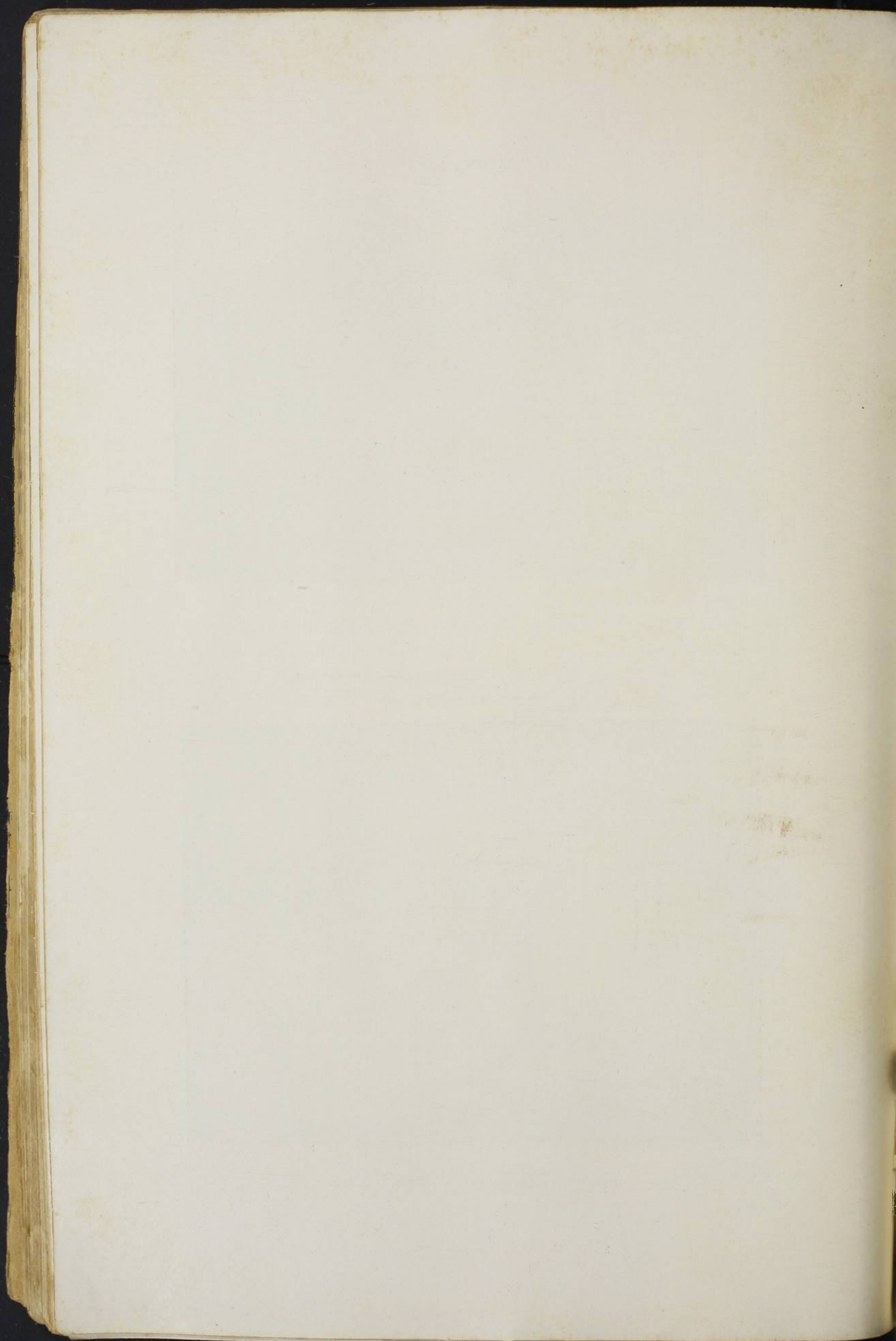
A sra. Georgina de Albuquerque não é, neste *Salon*, a unica artista victoriosa. Realmente, o bello sexo faz-se representar, com brilho e dignidade. A sra. Fedora do Rego Monteiro que, ha pouco, nos chegou de Paris e fez uma exposição numerosissima, onde não rareavam as bellas obras, obteve a Pequena Medalha de Prata, com um retrato a pastel, acceito no *Salon des Artistes Français*. A sra. Adelaide Lopes Gonçalves que já ha dois annos obteve aquelle premio, expõe quatro "pasteis", reveladores do seu constante progresso, especialmente o de titulo *Bordando* que, sem pretensão a retrato, surprehende uma linda physionomia, nos seus traços delicados e na sua fina expressão. No *toucador* é o principal dos quadros expostos pela sra. Sylvia Meyer, discipula do sr. H. Bernardelli e cuja intuição artistica nobremente se vae assignalando. A artista affrontou alli varias difficuldades, como o reflexo do espelho, a variedade dos accessorios, a luz ambiente — que venceu com muita habilidade e espirito. Citaremos ainda, com especial louvor, uma figurinha de creança (n. 339 do Catalogo) que é positivamente deliciosa; e mais não citamos, porque o espaço destinado a este artigo mal nos permite fazer referencia a uma obra de cada expositor que nos interessa. Mas, continuando: Da sra. Beatriz Pompeu de Camargo, ha, no *Salon*, nada menos de quinze trabalhos a oleo e dois a aquarella. Entre os primeiros, destaca-se o retrato *Minha irmã*, executado com uma especie de ingenuidade sympathica e captivante; e impressionam tambem de modo agradavel algumas paisagens, pelas quaes se vê como a artista interpreta delicadamente a natureza. A sra. Helena P. da Silva expõe uma *Cabeça de Expressão* que realmente a tem. Ha uma esculptora premiada, a sra. Hermelinda Repetto; na secção Gravura de Medalhas, obteve a Grande Medalha de Prata a sra. Dinorah de Simas Enéas; e nas Artes Applicadas conquistou identico premio a sra. Johanne Brandt, professora eximia, cujos traba-



J. Baptista da Costa: — Velhas mangueiras



Marques Campão: — Uma nuvem



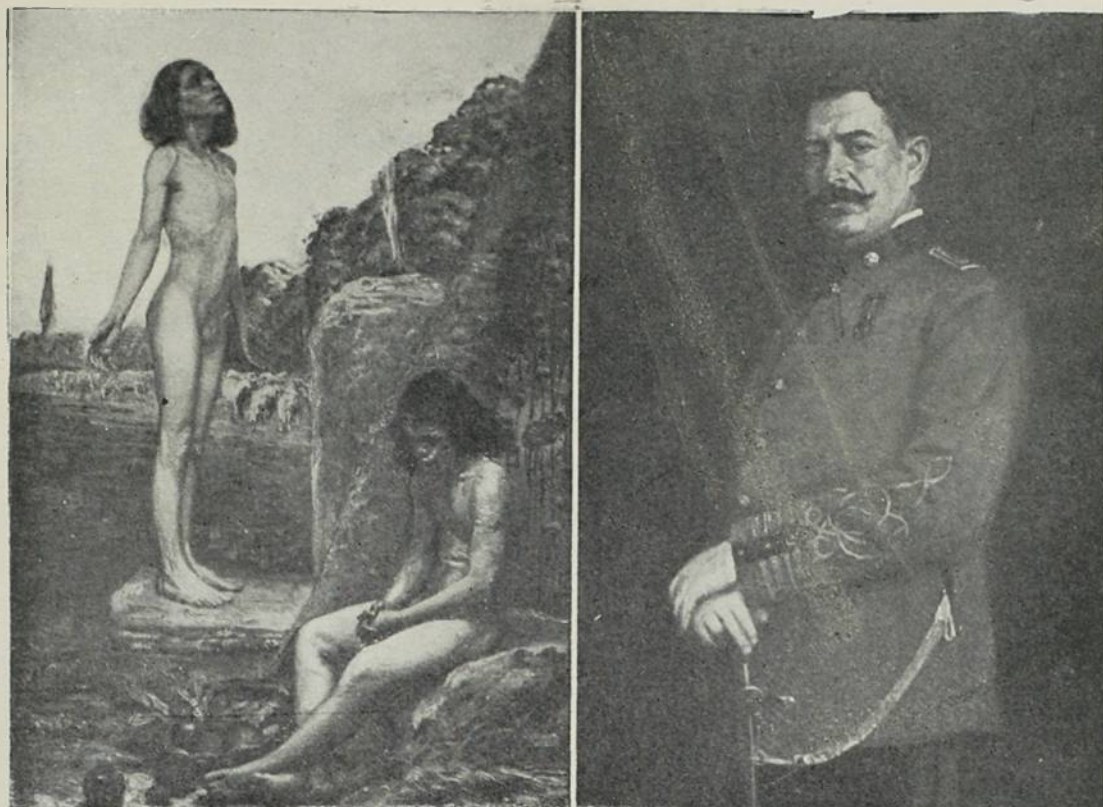
lhos ha muito se tornaram notaveis e são hoje imitados por uma infinidade de discipulas. Talvez nesta apressada lista feminina, tenhamos omittido alguns nomes... Perdão! Não foi propriamente por querer!

As obras do sr. Carlos Oswaldo occupam na Exposição logar déveras saliente e honroso. São dez quadros a oleo, onde a technica do joven artista assume um raro character de personalidade, e algumas finissimas, preciosas aguas-fortes. Dos trabalhos a oleo, particularmente nos seduziu o *Garoto*, cuja vibrante, communicativa expressão faz pensar na inspiração milagrosa dum Velasquez e recorda, entre os modernos pintores, o grande interprete de physionomias que é Columbano. Reconhecemos, porém, como mais valiosa a *Sonata de Beethoven*, onde as duas figuras, a mulher ao piano — dando embora a impressão de ter os braços compridos de mais — e o homem abraçado ao violoncello, compõem uma scena intensamente espiritual. Outro artista de singular temperamento é o sr. Helios Seelinger que, occupado, durante o anno, com trabalhos de decoração fóra do Rio, nos não offerece, infelizmente, as coisas novas e fortes que delle se devem sempre esperar. Como obra desconhecida, só nos dá a fantasia allegorica *Tormentum belli*, de arrojada concepção e phrenetico movimento. O sr. Seelinger obteve, ha annos, o Premio de Viagem; desta vez, coube elle a um artista muito moço, o sr. Dias Junior, em quem mestres e criticos fundam as melhores esperanças. Intitula-se *Abel e Caim* o quadro premiado e apresenta duas academias de adolescente, executadas com bastante segurança. Abel, de pé, a fronte erguida, o olhar extatico, agradece ao Senhor o ter-lhe acceitado as offertas modestas; Caim, sentado, as mãos entre os joelhos, curte sombriamente o seu despeito e já talvez premedite o seu crime. Ha neste trecho paradisiaco um talude, indicativo, sem duvida, de quanto se achava, no Eden, adeantado o serviço de Obras Publicas... Mas o quadro interessa verdadeiramente, a serio; as figuras têm linha e têm expressão; e os planos de paisagem succedem-se acertada e harmoniosamente.

Era concorrente do sr. Dias o sr. Henrique Cavalleiro, outro rapaz magnificamente dotado e como aquelle destinado a honrar, um dia, a pintura brasileira. Entre os seus quadros, salienta-se o retrato do sr. A. P. numa *pose* muito natural, com

as feições caprichosamente modeladas; e *Juventude*, uma figura feminina, suave e sadia, sahindo dum fundo de larga folhagem, por traz da qual fulgura o sol. Este trabalho denota, além do mais, um gosto, uma compreensão de belleza que não são nada communs em tal idade. O sr. Cavalleiro conquistou a Grande Medalha de Prata, como o sr. Pedro Bruno, de quem admirámos, entre outras telas, a *Noite de luar*, cheia de poetico sentimento, com a sua luz aperolada fundindo-se no lilaz da paisagem, a sua casuarina, o seu portal agreste, onde uma figura de mulher parece possuida da belleza e da melancolia que a rodeiam. Igual premio coube ao sr. Luiz Christophe que, em duas paisagens de Therezopolis, affirma, com superior engenho, as suas já reconhecidas aptidões para o genero.

Os quadros do sr. Antonio Rocco, só agora conhecido no Rio, collocam-se entre os melhores da Exposição "*Minatori*" — *Primeiros soccorros* é um trabalho que empolga a attenção do visitante, pela factura larga, espontanea, vigorosa. Um operario, victima dum desastre, jaz por terra, sem acordo, morto talvez; um companheiro, ajoelhado, examina-lhe o ferimento pavoroso; outros, de pé, aguardam, compungidos e anciosos, a revelação que aquelle lhes vae fazer... Sente-se em tudo aquillo o pulso forte e desenvolvido dum pintor de boa raça, educado em boa escola. Não se pode deixar de citar, do mesmo artista, a tela *Passano i Bersaglieri*, onde, duma sacada, varias mulheres do povo, bellas e robustas creaturas, contemplam, num mixto de ternura e entusiasmo, as tropas que, em baixo, devem ir galhardamente desfilando. Tambem pela primeira vez expõe no nosso *Salon*, e com soberbo destaque, o sr. Henrique Vio que, além dalgumas paisagens de energico e vibrante colorido, nos offerece uma figura de ancião, em suave repouso, tratada de maneira a fazer lembrar os mestres antigos, cuja obra ficou e parece sempre nova — e um retrato do esculptor F. C., singularmente expressivo. Não estrangeiro, mas educado na Europa e ainda residente em Madrid, o sr. Leopoldo Gotuzzo manda-nos sete obras dignas da melhor attenção, entre ellas um *Nú de mulher*, em que, tratando um modelo já longe da primeira mocidade mas ainda perto da segunda, o artista consegue interessantes effeitos de carnação. A figura está meio deitada num divan coberto de velludo verde escuro e descança a cabeça nas costas da mão esquerda; na cintura, desenham-

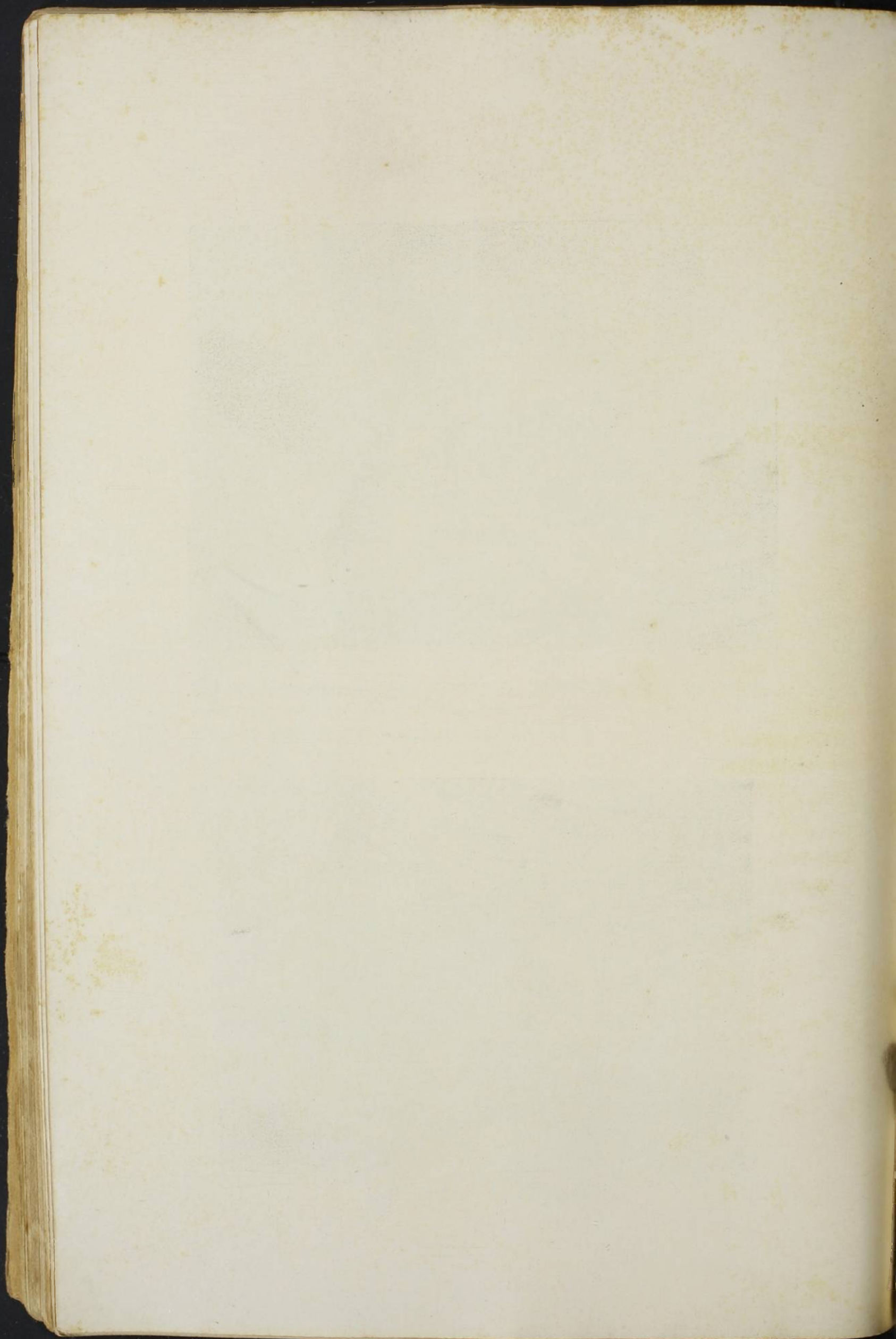


Dias Junior : — Abel e Caim

Andersen : — Retrato do major J. C.



Antonio Rocco : — I minatori



se bem os refegos duma gordura que começa a pronunciar-se; as pernas estendem-se numa sensação de preguiça e abandono; tudo está feito com propriedade e apparente facilidade; mas onde o pintor deixou a melhor demonstração dos recursos da sua technica, foi no rosto, apanhado num ligeiro escorço e modelado a preceito. A notar do mesmo artista, duas variantes dum typo de velho alcoolico e um *Estudo de cabeça* (associando).

No *Salon*, abundam os retratos. O sr. Guttmann Bicho que foi discipulo do sr. A. Petit mas está deixando de o parecer e faz do retrato a sua especialidade, expõe nada menos de sete, quasi todos de homens de letras e nos quaes assignala a sua continua emancipação e aperfeiçoamento. O sr. Ziliani, além duma obra de combate social, *Guerra alla guerra*, exhibe um auto-retrato, em quatro interpretações de luz artificial, trabalho bastante curioso. O sr. Marques Junior, que cultiva com particular carinho e graça o retrato a sanguina, apresenta tambem um, a oleo, deveras apreciavel; e no retrato, brilham ainda os srs. Alfredo Andersen, norueguez domiciliado em Curityba; Gaspar Coelho de Magalhães, um dos melhores alumnos que tem tido o mestre H. Bernardelli — assim como, na paisagem, se distinguem os srs. Levino Fanzeres, que tanto aproveitou da sua estadia na Europa; B. Pinto, Arthur Lucas, Raul Bevilacqua, já tambem brilhante figurista; Marques Campão, Annibal Mattos, Antonio Castanho, Edgar Parreiras, digno discipulo de seu tio; Miguel Capllonch, João Baptista Paula França, Paulo Valle Junior.

Na secção de Aquarellas, Pasteis e Desenho, o sr. H. Colom surprehendeu grandemente aquelles que apenas o conheciam como despretencioso, embora habilissimo, decorador. As suas paisagens a aquarella encerram, além de poderoso cunho individual, um toque de poesia que encanta. Não houve, neste certame, mais sensacional revelação. Doutros artistas que mais ou menos aqui se salientam, fallámos já a proposito da secção de Pintura. Mas seria grave injustiça não mencionar as illuminuras, de seductora imaginação e peregrina graça de composição, do sr. Correia Dias; as endiabradas, irresistiveis *charges* do sr. Raul Pederneiras que no *Salon* defende os creditos da Caricatura; as paisagens a aquarella — e a serio — doutro afamado caricaturista, o sr. Vasco Lima; e os retratos

do sr. Valle de Souza Pinto, cujo *crayon* pede meças aos mais apurados e fieis.

A secção de Esculptura está, como sempre, numericamente fraca. O sr. Rodolpho Pinto do Couto que, no nosso meio artistico, occupa lugar distinctissimo e continúa a não ser pelo Jury sufficientemente recompensado, expõe duas *Cabeças* em bronze, as quaes, sem nenhum favor, devem ser consideradas duas verdadeiras obras de arte. Sua esposa a sra. Nicolina Vaz Pinto do Couto, tem, na *Republica do Brasil*, um bello trabalho em marmore. Os srs. Antonino de Mattos, Antonio Pitanga, Francisco de Andrade, Modestino Kanto, Jorge Soubre vão dando cada vez melhor conta de si. Ha um novo de talento: o sr. Paulo Mazzucchelli, discipulo do sr. Corrêa Lima. Podemos passar á Gravura de Medalhas e Pedras Preciosas, onde o sr. Adalberto Mattos premio de viagem em 1909 e actual professor do Lyceu de Artes e Officios mantém a palma que, pelo menos, nestas Exposições Geraes, parece ter-lhe definitivamente passado para as mãos o seu insigne mestre Girardet. Vem depois a Architectura, com varios projectos academicos do professor Ludovico Berna; alguns *Estudos* admiraveis do sr. Victor Dubugras; projectos do sr. Samuel das Neves... e nada mais. Decididamente, os architectos fizeram *grève*. Na Gravura e Lithographia, triumpho o sr. Carlos Oswaldo, já citado e faz bem boa figura o sr. Argemiro Cunha. E chegamos finalmente ás Artes Applicadas, com a sra. Brandt, a quem tambem já fizemos referencia, a sra. Marga Harier, as sras. Nazareth: Marina, Alice e Aracy.

Eis o que tinhamos a dizer, nesta singela resenha que absolutamente não aspira a critica e nem sequer visa fóros de boa reportagem. Em resumo: Um bom *Salon*, á maneira daquelle famoso poema

“que seria melhor, não sendo tão comprido...”

JOÃO LUSO.

AFRANIO PEIXOTO

He fought his doubts and gathered strength:
He would not make his judgement blind.

Tennyson.

Não ha quinze annos talvez, chegava ao Rio, vindo da provincia, um joven medico trazendo, pelo melhor da bagagem, uma infinita esperança.

Era um espirito brilhante, culto e subtil. Artista por temperamento, cedia desde logo á primeira gravitação implacavel que era a de buscar a grande cidade onde se formam as reputações e se alcança aquelle prazer, não raro amargo, de ser um dos eleitos da boa popularidade.

Julio Afranio Peixoto, trazia ainda occultas outras ambições que lhe pareciam então ingenuamente avultadas. Ha poucos dias, em pagina de confissão *ad familiares* contava elle a sua sêde de apparecer no velho orgão, no *Jornal do Commercio*, subscrevendo um longo artigo. Imaginava com isso ter aos seus pés o mundo absorto. Mas, a grande cidade, cheia de preocupações e empreitadas, não tem lazeres longos; os grandes artigos já não são lidos, guardam-se para amanha como os negocios graves, ou entram naquella famosa definição que deram de Racine: *C'est à coup sûr, le plus grand des poètes qu'on ne lit jamais*.

Eu o leria comtudo, porque sou um grande ledôr, e porque um casual encontro e approximação feliz de um momento já me havia dado o instincto divinatorio de que tinha diante de mim um grande espirito.

Falta a Afranio, porém, a prolixidade que acaricia como clava bastante para vencer os philisteus.

Conheci-o em instante prematuro ainda, na alvorada do seu dia esplendido.

Outra ambição do Afranio era a de uma longa viagem ás terras de civilização e ao oriente classico. Não queria o futuro, sem essa precedencia retrospectiva; queria antes de tudo juntar, trazer ao presente os deuses lares da tradição e do passado. Somos todos nós, enfim, da raça dos navegadores e trazemos no sangue o appetite do periplo do mundo. Dentro de nós todos ha uma voz longinqua da primeira metempsychose que nos chama a regiões longinquas. Eu, de mim, tambem senti essa poesia e verdade, como um retorno ao seio maternal; numa das minhas viagens escrevia eu a Souza Bandeira: "O que eu sinto e me parece é que não vim, mas voltei."

Essa reintegração quasi normal nos americanos, é imperativa nos temperamentos artisticos.

Que queremos lá, longe? Nem o sabemos.

Vagamente presentimos o sentido desse magnetismo. Poderia dizel-o Afranio, em quem se harmonizam a sciencia e a subtileza, numa primorosa pagina se quizesse escrevel-a.

Julio Afranio, para o convivio literario da grande cidade não trazia só consigo o ornamento do rythmo e da poesia. Já não seria pouco. Elle era, de certo, um poeta pela intensidade do sentimento, mas juntava a isso outros dons de graça, de eloquencia, e de espirito.

E' difficil e rara, supponho eu, essa união saudavel de *humour*, de meditação e de *sympathia*. E mais difficil ainda é o sentimento delicado da proporção e da medida; e é claro que não o alcançou de um lance. Pode todavia dizer com Emerson: *To ascend one step — we are better served through our sympathy.*

O ambiente acaba cedendo a essa pressão. Era pois de prever o seu triumpho.

O romance foi a primeira manifestação de valor de Afranio Peixoto, e por onde fez o seu primeiro contacto com o

grande publico. Machado de Assis foi, delle como de todos nós, o mestre admiravel.

A *Esphinge* foi acolhida com applausos, lida com avidez e interesse e por milhares de leitores em uma terra onde, ao que dizem, pouco ou nada se lê. E', certamente, um livro de valor.

Mas, devo dizel-o, não traduzia ainda a sua inteira feição intellectual como eu a havia presentido. Não me dava a mim, julgando-a severamente, a impressão propria e integral do seu character. Para um publico mais numeroso ou mais futil, era talvez o que convinha. Os primeiros livros raras vezes excellentes, e são aventuras sempre arriscadas. Ha vontade de dizer tudo e mesmo dizer de mais. O escriptor não quer ignorar o seu publico, e os seus differentes publicos; e assim não póde evitar a tendencia do commentario, do arabesco e dos rendilhados que subvertem a symetria e a simplicidade das linhas geraes.

Ha na *Esphinge*, mau grado a solidez do conjuncto, um excesso de episodios esparsos, embora architectados com descuidosa elegancia.

Um destes, entretanto, num capitulo remoto, fez logo entrever o grande veio de ouro, a verdadeira jazida preciosa que veio a revelar mais tarde o auctor de *Maria Bonita*.

São aquellas as paginas mais bellas da *Esphinge* e as mais commovedoras. Creio que um ou outro dos seus criticos descobriu esse trecho primoroso, quasi pagina de reminiscencias, o mais radiante e o mais communicativo do livro.

Alli é que se sentia o temperamento ou o character verdadeiro do romancista. O tempo veio cedo confirmal-o. A *Esphinge* conta ainda com os seus leitores favoritos que lhe asseguram um exito certo.

E realmente o merece.

* * *

O livro principal de Afranio é sem duvida alguma o romance de *Maria Bonita*.

Enternecedora e profunda, de uma simplicidade elegante e encantadora, é do mesmo lance uma historia sertaneja e culta, de agora e de todos os tempos.

E' o romance da Belleza, como ella é, fonte de amor e de morte, de exaltação e de crime.

E' eterna a sua philosophia. O mundo agita-se no meio de ideaes contradictorios. A Belleza é um Mal; vale tanto como a Verdade, disse Renan — o que é talvez uma justificação dos seus maleficios. Sempre foi assim. Nem ao menos tem ella a consciencia das desordens que semeia entre os mortaes.

Dessa lenda ou verdade, é inutil discutir a veracidade ou a evidencia.

O homem primitivo não comprehendeu jamais as catastrophes sociaes e politicas sem um crime de amor. A destruição da civilização asiatica foi Helena; a da monarchia em Roma foi Lucrecia, a da republica foi Cleopatra.

No *Ramayana* é a formosa Sita; no *Volsunga Saga* é Brynhilda. E' da fogueira infernal da paixão, nos paizes de gelo ou de sol que resultam todas as catastrophes.

A Belleza viciosa ou casta, santa ou impura, inconsciente ou maligna, é sempre ella a origem dos grandes flagellos.

“Elena vidi per cui tanto reo tempo si volse.”

Dessa tradição, enraizada até o eixo da terra, é que se formou o thema já cristalizado em obras primas e sempre novas da poesia universal.

Afranio não precisaria dos recursos classicos para esse thema universalmente humano. Elle, porém, é um classico.

Lêde-o, se o não conheceis, este livro admiravel.

Maria Bonita não é só uma joia preciosa da nossa litteratura; é a mais bella alma da nossa paisagem americana.

Ao fechar o livro, sente-se em toda a perspectiva, a sobriedade das linhas, a perfeição, o concerto das partes que o compõe, a mão dextra e segura que o architectou, a imaginação que o creou inspirando-lhe as palpitações da vida.

Romance ou verdade? perguntamos na ultima pagina.

A paisagem illuminada e cheia de ar é bem a nossa pela coloração e fragancia da floresta nativa. Ainda hoje não se apaga do meu espirito o *leit motiv* do rio que passa e da canôa que desliza como atravessando aquelle scenario tragico, com

a indiferença immoral da natureza, risonha e luminosa, a testemunhar tanta tristeza humana.

Os proprios incidentes do livro concorrem, como brutescos gothicos, pelo contraste, a engrandecer e a avolumar as lagrimas das coisas.

Era este o livro que eu esperava e previa do delicado *humour*, da subtileza e da *sympathia* humana que caracterizam o auctor.

Maria Bonita realiza a plenitude das suas qualidades de observador da vida e consequentemente do artista.

Parece-me agora que elle imagina talvez o reverso da medalha, segundo aquella exegese de Horacio, demasiado sensual para que mesmo em latim possa aqui ser transcripta.

Leiam-n'a no *Don Juan* de Byron que a repete *ipsis literis*.

Pois que nas mesmas Helenas e nas que não o parecem, ha outros magnetismos estranhos e tragicos, é sempre a mulher, dê vida ou morte, quem empresta vida ás obras de arte definitivas.

Maria Bonita é até agora a obra prima do romancista.

Foi numa hora de lazer e desenfado, quando já senhor de si, da segurança e intrepidez da sua penna, que Afranio Peixoto pensou em escrever um livrinho para as escolas.

A *escola* é entre nós uma especie de mundo fechado austero, e exclusivo, onde não entra a graça agil e irreflectida da juventude. E' assim ou querem que assim ella seja.

Fizeram-n'a, á escola, um convento e um carcere, só alumada por um fresta regimental em cujas reixas de ferro não penetram senão as verdades e as mentiras convencionaes.

Data de seculos o *usus delphini*, a mutilação sacrosanta, que se generaliza agora para além da obscenidade literaria até alcançar a região da historia.

O livro *Minha terra e minha gente*, sincero, franco, antes optimista, leal e verdadeiro, pareceu a subversão da pedagogia tradicional.

Não se diz ao doente a doença desesperadora e incuravel. E' certo. Mas onde é que a creança é um doente? não é, antes, o mais saudavel de todos os seres?

Creio sinceramente que Afranio Peixoto não commetteu uma inconveniencia. Póde ser que num ou noutro ponto, des-cuidosamente e sem faltar á compostura que é sempre uma das feições da sua personalidade, dissesse mais do que convinha.

Sei que a segunda edição do seu livro terá a menos muitas coisas. E' este um signal de commedimento da sua auto-critica.

O que é, todavia, certo e indubitavel é que elle tocou em um dos problemas mais serios da nossa educação civica.

Se é necessario fazel-a sem desanimo nem desconsolações é ainda mais necessario fazel-a sem fraude e sem calculado embuste.

A questão é grave e merece toda nossa vigilancia. Não somos um paiz de saturação historica onde o torvelinho das paixões já desapareceu por uma longa tradição da ordem. Somos um paiz ermo, favoravel tanto á virtude como ao crime e ás suas attenuantes, terra de governos facticios, de habitantes discordes, de indifferença geral. Temos que reclamar novas regras e attitudes diversas mais adequadas ao improviso perpetuo da nossa situação.

A nossa pedagogia, como a nossa politica, não póde ser impunemente copiada dos catecismos exóticos.

A questão de saber o que devemos ensinar é uma questão, e não um dogma. Ninguém póde pedir privilegio do seu ponto de vista.

E nem ha esse dogmatismo ferrenho nos paizes cultos.

O progresso da consciencia historica faz-se por successivas eliminações dos privilegios e das conveniencias. Ha pouco, nessas mesmas escolas, a religião do estado era um exclusivismo; hoje, é uma tolerancia ou coisa nenhuma.

Minha terra e minha gente não é um livro liberrimo contra preconceitos, nem está escripto com a vehemencia que teria um libello. E' absolutamente falso, dizel-o.

No estado presente das coisas (disse Renan com eterna graça) o diabo merece alguma consideração. E' bom respeit-o. E como elle é o anjo da mentira convem dar-lhe um quinhão nas coisas humanas.

Devemos pensar como Lessing e comprehender a necessidade de que os homens saibam onde o patriotismo cessa de ser uma virtude.

Ao meu vêr, o vicio começa quando entramos a hyperbolizar as nossas boas probabilidades ou quando as sujeitamos a um eclipse desnecessario.

O dr. J. Köpke, educador emerito e de autoridade reconhecida, parece ter adoptado a doutrina perigosa e malsã das reservas mentaes e da falsificação pelo silencio.

A sua critica a *Minha terra e minha gente* de Afranio Peixoto é absolutamente falha e contradictoria, e o que é peor, dado o seu prestigio, um conselho involuntario de abastardamento do character infantil, o que, digamos desde logo, não podia estar na sua intenção, nem nos seus principios.

A força mais util da educação é o habito ou o costume. E a tradição do vicio ou da mentira é uma das forças mais rebeldes á extirpação. E' do seu e do meu tempo, a lepra da *escravidão* e a força maior que a sustinha era a da inercia. A todos nós que nascemos no meio della, o monstruoso crime parecia coisa natural, como aos proprios negros o parecia. Nunca foi mais difficil tarefa aos abolicionistas que criar a *indignação*. A ternura e a inconsciencia da época infantil acompanhavam o homem e o embalavam na illusão do crime até a idade madura.

Isto será talvez excellente para viver, para entrar na vida social sem complicações. *Mens sana in corpore sano*. A saúde do espirito deve ignorar os enredos tenebrosos que o cercam. *Orandum est*, como começa o aphorismo tomado a Juvenal.

Mas, não póde ser. Grave ou leve, a ignorancia é sempre uma enfermidade.

O dr. Köpke na sua critica dá lições de composição litteraria: o livro necessita de calor, estylo, graça, vigor, mais entusiasmo, mais dramaticidade na exposição, etc. Parece que é excessivo da sua parte e da sua qualidade de mero pedagogo ainda que illustre, chamar a contas um escriptor de fina reputação, como Afranio. Aqui, seria preferivel ficar calado. Tal é por exemplo o teor desta phrase incomprehensivel para quem conheça os dois auctores:

“Quiz o dr. A. P. ser simples e grave como convem a um

historiador, e, para tal, fez-se frio e concentrado quando quente e expansivo é que age sobre as creanças.”

Quando o critico fala da “narração secca e fleugmatica da *Minha terra e minha gente*” a impressão que tenho é a de que absolutamente não leu o livro, ou leu-o ao acaso, e de traz para diante. E aliás neste mesmo trecho o critico denomina a obrinha de *Minha gente e minha terra*.

Isto não succedeu, de certo, bem se vê. O livro, porém, a quem quer que o leia, dá a impressão que foi fundido de um jacto e, de tal arte, que os seus defeitos são de meras rebarbas e asperezas que naturalmente vão desapparecer na edição proxima.

Os homens de idéas preconcebidas são sempre criticos mesquinhos.

A critica do dr. J. Kôpke foi infeliz e contraproducente, pois que transformou a sua equação pessoal em lei para todos os temperamentos.

Sem duvida, todos nós queremos como queriam os gregos nos seus gymnasios que fossem os jovens *kalós k' agathós*, na belleza dupla da força e do espirito. Não ha alicerces do meio para o fim e nem ha que pedir aos homens feitos a demolição das patranhas que lhes insinuaram na infancia. Que estranho methodo!

O dr. J. Kôpke sabe muito bem que desde João VI o grande imperio *geographico*, fundado na America, exigiu uma hyperbole correspondente nas coisas moraes, tendencia já observada pelos historiadores; e dahi essas extravagancias e exageros de grandeza que até hoje perduram.

Na literatura didactica de outros paizes encontramos os mais vehementes libellos contra os defeitos nacionaes ⁽¹⁾.

(1) Cito aqui apropositadamente o de um “educador” e “medico”, o dr. Langermann. Bastaria citar os capitulos “Alkoholismus”, “Tuberkulose”, “Lues”, “Nervositat”, etc. São coisas mais hediondas que as verdades historicas da “incapacidade eleitoral” ou da “caudilhagem” ou das “oligarchias”.

Os norte-americanos por vezes supprimem o capitulo da “guerra da secessão” para evitar a tradição do odio de raças. Afranio commetteu, de certo, um erro falando da questão de raças no Brasil. E’ uma suppressão que se impõe no seu livro. Com boa vontade e menos malicia o dr. Kôpke descobriria outras mais ou menos censuraveis.

Devemos ser indifferentes ao preconceito do povileo (*Vorurteil der Völkerschaft*, na expressão de Lessing sobre os excessos do patriotismo); a ethica social está acima de todos os interesses politicos sem excluir os da educação como entre nós existe.

Minha terra e minha gente sem embargo da critica que despertou e talvez com algum auxilio della, abriu caminho e não precisa, pois, de outra apologia. E' um livro de combate e do bom combate.

* * *

Concluo com estas reflexões o breve e imperfeito esboço que fiz da individualidade de Afranio Peixoto. Elle é principalmente um temperamento literario, um espirito culto, subtil e elegantissimo. Nas suas paginas já agora duradouras, definil-o-á melhor o tempo, sempre propicio ás justicas definitivas.

Sinto, porém, que fui incompleto. A personalidade do artista e a do homem douto tem aspectos multiplos que escapam á minha fragil competencia de juiz.

E nem eu sou juiz. Sou o velho mestre inhabil que vae desaparecendo com a tranquillidade e a alegria dos que passam acreditando num futuro melhor para a terra commum.

JOÃO RIBEIRO.

FACTOS E IDEAS

ORGANISAÇÃO NAVAL A FUSÃO DOS QUADROS

O problema mais importante, dos que exigem, actualmente, immediata solução em nossa Marinha, é a “fusão dos quadros”, isto é, a organização de um QUADRO UNICO, composto com os actuaes officiaes “de Marinha” reunidos aos “engenheiros machinistas”, sahidos todos da mesma Escola Naval, com o mesmissimo curso.

Para melhor orientar os leitores, direi que — na organização da Marinha Nacional, o seu pessoal é dividido em seis Corpos: “da Armada”, “de Machinistas”, “de Saúde”, “de Commissarios” e de “Engenheiros Navaes”.

Os Corpos da “Armada” e de “Machinistas” são oriundos da Escola Naval.

Os Corpos de “Commissarios” e de “Saúde”, são constituídos mediante concursos — exigindo-se mais, dos medicos e pharmaceuticos, o respectivo diploma por uma das nossas faculdades.

O Corpo de Engenheiros Navaes preenche os seus claros com Officiaes de Marinha, mediante concurso.

A “fusão” dos officiaes de “Marinha” com os “de Machinas”, não é um problema novo nem exclusivo da Marinha Brasileira.

Todas as forças navaes do mundo, soffrem as consequencias da evolução — extraordinariamente rapida — do material a bordo dos navios das esquadras modernas.

Isso obrigou-as a uma cada vez maior atenção para os estudos da metalurgia, da mecanica, da electricidade, etc. e dahi a uma crescente “especialisação” do seu pessoal.

Antigamente os navios militares — exclusivamente á véla — entravam em combate sob o commando dos “nobres” ou militares de terra e não dos homens do mar, que os dirigiam e cuja missão limitava-se então ás manobras nauticas propriamente ditas: As galeras romanas abordavam-se e a lança e o chuço decidiam da acção...

Só no fim do seculo XV Henrique VII deu o nome de “Officiaes de Marinha” aos “mestres” que conduziam os navios.

E só no reinado de Elisabeth, no fim do seculo XVI, é que estes “profissionaes” da vida do mar, foram nomeados “captains”, exercendo o commando dos navios — no mar — na paz e na guerra, não mais sujeitos aos “nobres”, ou a qualquer outra autoridade, temporaria, durante os combates.

Em nossa Marinha, como em todas as outras Armadas, a apparição do vapor veio surprehender o pessoal marujo na mais completa ignorancia de tudo quanto se relacionava com a mecanica.

O mesmo succedera nas velhas marinhas européas, nas quaes os “lobos do mar”, os grandes chefes marinheiros, julgavam “uma verdadeira deshonra” dirigir “carvoeiros”, — como elles classificavam os novos navios — movidos a vapor ou que tinham apenas uma pequena machina auxiliar das velas.

Mas nada póde resistir á invasão da “luz divina”, que emana das sciencias e das artes, fructos do genio humano, revolucionando usos e costumes e diffundindo a civilisação.

Em tempos que já lá vão, os boteiros do Weser quebraram o navio a vapor de Denis Papin e os operarios de Lyon destruíram os teares mecanicos de Jacquard...

E’ sempre a lucta — inutil — do carro de boi desesperado, contra o caminho de ferro triumphante...

*

Com os progressos da metallurgia e da mecanica, a *gavea* teve forçosamente que dar lugar á *machina*; os complicados appparelhos dos navios á vela foram substituidos por mastros

singelos, para fixação dos “páus de carga”, ou das plataformas guarnecidas com artilharia de pequeno calibre; e, mais tarde, com “antenas” de telegraphia sem fio... E o vento deixou de ser o agente propulsor, que passou a ser o vapor gerado nas caldeiras...

Desta maneira, o “Marinheiro”, propriamente dito, aquelle que fazia profissão *exclusiva* da direcção do navio e da manobra dos seusapparelhos (mastros, vergas e vélas), desapareceu quasi inteiramente.

Ao mesmo tempo — os progressos da artilharia, o seu alcance cada vez maior e precisão de tiro; os serviços de elevadores de munição; os machinismos de movimentos das torres e de carga e manobra dos grossos canhões, etc., etc.; os modernos torpedos, tubos de lançamento e apparelhos de pontaria; os submarinos e os seus complexissimos machinismos, etc. etc. transformaram o *nauta* em um verdadeiro “machinista” — pois cabrestantes, guinchos, servo-motores (para o movimento dos apparelhos de governo do navio), canhões, torpedos, machinas de comprimir ar, thermo-tanques (machinas frigorificas para refrigeração dos paioes de munição, etc.), não são senão formas varias da “machina” sob seus multiplos aspectos.

Nesta conformidade, do velho *nauta* propriamente dito, restava apenas a “navegação” — complicada, embora, pelas grandes velocidades dos navios modernos, mas simplificada pelos novos chronometros, sextantes e agulhas e pelos novos methodos, cada vez mais faceis e mais fidedignos, na determinação do *ponto* — da posição do navio, no mar.

O espirito rotineiro, que benevolmente classificamos como “espirito conservador”, das velhas marinhas, atadas por inabalaveis “tradições”, tem impedido a revolução imposta ás novas organizações navaes.

Em sua bellissima these “fusão e especialização”, diz o meu brilhante collega Brito e Cunha que “logo que o vapor substituiu o vento e que ao lado da machina foi o navio invadido pela electricidade, os americanos sentiam, com grande clareza e precisão, “a necessidade do marinheiro mecanico”.

Os fundamentos da nova organização dos quadros da Marinha Americana, diz elle, ficaram assentados desde 1864. A Escola de Annapolis, como a nossa, formava ao mesmo tempo “machinistas” e “officiaes de marinha”.

Em 1889 estabeleceram-se nos Estados Unidos que *todos os Aspirantes* fossem educados pelo mesmo molde, durante os tres primeiros annos, separando-se os cursos (de “machinas” e “marinha”) só posteriormente, notando-se que cada um desses *cur-sos* incluia um resumo das materias ensinadas no outro.

A bordo, nos dois annos de applicação que completavam o tirocinio, era adoptada a mesma orientação.

Em todas as marinhas do mundo a desigualdade de cultivo e de origem tem dado lugar a lastimaveis desconfianças e desintelligencias entre officiaes “de marinha” e “machinistas”, como déra antigamente razão a iguaes conflictos entre “pilotos” e officiaes sahidos da nossa velha Academia de Marinha.

Nós não escapámos a essa infelicidade e só depois de vermos “machinistas” e officiaes “de marinha” sahirem da mesma fonte — a Escola Naval — tivemos a ventura de vêr desaparecidas semelhantes “desconfianças e desintelligencias”. E desde que a origem e conhecimentos scientificos identificaram-se, nenhuma razão mais poderia ser capaz de determinar sentimentos que não fossem os da bôa camaradagem, da confiança e do apreço, entre officiaes “de marinha” e “machinistas” da mesma classe social e com o mesmo preparo technico.

Muitas das attribuições que antigamente eram *exclusivamente* dos “machinistas” e constituiam verdadeiros “segredos profissionaes”, estão hoje sendo brilhantemente desempenhadas *exclusivamente* por officiaes de “Marinha”.

Os leitores da *Revista do Brasil* poderão julgar das razões em que eu me apoio, quando souberem que os nossos submersiveis — as joias da nossa Armada — estão hoje *inteiramente* entregues aos brilhantes officiaes “de marinha” que os commandam e dirigem — sem “machinista” a bordo.

As torres dos nossos couraçados — complexos de machinas interessantissimas — estão hoje, igualmente, entregues aos officiaes “de marinha” que as manobram! Haverá machinas mais delicadas do que as dos nossos modernos torpedos automoveis? Não! Pois não são officiaes “de marinha” os torpedistas?!

Não se *fundiu* no mesmo Corpo de Marinheiros Nacionais, os “foguistas”, os “artilheiros”, os “telegraphistas”, os “escaphandristas”, os “torpedistas”, os “signaleiros”? Porque não fazer a mesma cousa com os Officiaes?!

Além de tudo, acontece que o novo regulamento da Escola Naval — em vigor — prevê essa “fusão” e a nossa actual organização naval não dá outra fonte para o recrutamento de officiaes machinistas!...

Porque, pois, hesitar em normalisar uma situação — *de facto* — já existente, e dar esse grande golpe na rotina conservadora? Porque insistir em querer *dois quadros* — de officiaes “de marinha” e “machinistas” — excessivamente grandes para a nossa pequena Esquadra, se *basta um delles* para a mais completa satisfação dos serviços, desde que seja devidamente organizado e secundado por um *Corpo de Mecanicos* — que já existe — precisando apenas maior desenvolvimento technico?

Não somos nós, na Marinha — “artilheiros”, “torpedistas especialidades adquiridas em nossas magnificas Escolas Profissionaes para Officiaes e Marinheiros — TODOS D’UM CORPO “UNICO”? Não existem *realmente*, no Corpo de Machinistas, as especialidades de “caldeiras”, “motoras”, “auxiliares” e “electricas”, constituindo *todos*, no entretanto, UM MESMO CORPO? e “mineiros”, “telegraphistas” e “submarinos”, divididos por ESPECIALISE-SE, POIS, O CORPO UNICO!

Confirme-se a extinção do Corpo de “Machinistas”, dando-se desenvolvimento á nova “especialidade”, numa Escola Superior de Machinas, para officiaes e accommodando-se com este intuito o regulamento da Escola Naval.

E, depois, chegados aos postos de mais de quatro galões, concorram todos ao Almirantado, mediante um curso de quatro mezes em cada uma das nossas Escolas Profissionaes da Armada, seguidos de um anno de estudos na Escola Naval de Guerra!

Que passo dariamos para a frente!

Que colossal economia para o Thesouro Nacional não encerra esse pequeno punhado de medidas!

Isso é tão claro! Será impossivel resistir antipatriotica e cegamente a um ideal que marcha victorioso pela estrada larga do Bom Senso, satisfazendo aos mais altos interesses do Brasil!

A fusão e a especialisação dos quadros da Marinha aguardam apenas um gesto nobre do Congresso Nacional para darem todo o resultado util que prevemos para o futuro da

Armada Nacional, á qual sobram todos os elementos intellectuaes e moraes para poder competir com as mais adiantadas marinhas do Mundo!

Que esse "gesto" não tarde, pois!

FREDERICO VILLAR.

Capitão de Corveta

A PROPOSITO DA CONFERENCIA ALGODOEIRA

Varias coisas indicam neste momento um reactivo forte na vida economica nacional: — o movimento em torno do carvão brasileiro, o inicio da exportação de carnes congeladas, a procura das madeiras, a alta do algodão, as medidas para extincção das saúvas, o Congresso do Milho, em Bello Horizonte, e de Pecuaria no Rio Grande, e finalmente a Conferencia Algodoeira.

A crise trouxe-nos a consciencia exacta da nossa situação e o Brasil resolveu agir, firme e forte. Tarde, mas ainda a tempo. O governo federal e alguns governos dos Estados estão já numa attitude resoluta de acção, e ao lado delles as associações do commercio, industria e lavoura, todos num esforço conjugado. Haja vista a ultima conferencia realizada entre os directores dessas classes e o chefe da Nação, de que já os jornaes noticiaram os detalhes. Haja vista a formação do cooperativismo nos Estados, a convocação da Conferencia das Tarifas para Setembro proximo e a união de esforços do poder legislativo e o do executivo para a economia e cumprimento de nossos compromissos externos. No momento actual, se dormirmos, somos tragados. Comprehendemos isto. Acordamos a tempo.

Mas o de que vamos falar hoje é da Conferencia Algodoeira.

O dr. Miguel Calmon comprehendeu muito bem que faria um grande serviço á Nação, sendo o chefe de um movimento nesse sentido. Encetou a propaganda em fins do anno passado, e agora o trabalho chega ao seu apogeu.

Abre-se a 1.º de Junho a Conferencia. Cerca de trinta theses estão escriptas, estudando os varios assumptos relativos ao algodão. Autoridades reconhecidas trouxeram o seu concurso. Governos estaduaes e municipaes accorreram a prestar mão forte ao tentamen. O Governo Federal dá todo o prestigio á idéa, promettendo pôr em pratica o que fôr deliberado pela Conferencia. Uma exposição se fará, em que sejam postas em relevo as faces todas do problema, e onde os competentes e os interessados encontrem campo para os estudos e deducções concernentes a algodão brasileiro.

Já na Exposição Nacional de 1908 vimos o que é a industria da nossa tecelagem. O Brasil comprehendeu que tinha uma riqueza a zelar.

Agora vamos proteger a planta e tratar do seu cultivo e desenvolvimento. O grande Estado de S. Paulo mostrou desde logo o seu empenho em cooperar para o maior brilho desse tentamen. Enquanto os outros Estados reservaram de 30 a 60 metros quadrados de espaço nas salas da Bibliotheca Nacional, para a exposição de suas fibras e plantas, S. Paulo pede 300 metros e projecta já uma segunda exposição de tecidos para o anno proximo.

Vamos, pois, fazer umas rapidas considerações sobre este magno problema e passar em revista alguns factos que devem ser estudados neste momento.

Na situação actual do Brasil, e da America Latina em geral, é muito serio o conjuncto de problemas sociaes e economicos, que se impõem á nossa consideração.

Por um lado, isolados do grande centro productor de capitales e energias — a Europa, — devastada pela guerra, circumscripta hoje á defesa de suas fronteiras ameaçadas simultaneamente de todos os lados, onde cada grupo tenta a conquista dos mercados e da hegemonia universal, pelas armas, estiolando ahi as suas forças e retirando de nós os auxilios e as iniciativas; por outro lado, confinados numa educação rotineira e na carencia de recursos, para tentar a nossa emancipação, a America do Sul, e o Brasil de preferencia, se sentem como que desnorteados neste furacão geral que vem abalando o mundo ha perto de dois annos.

Acostumados a receber o dinheiro e o braço do Occidente, e a aprovisionar-se alli do necessario para a vida, os povos novos, quer da America, quer da Africa ou da Oceania, colhidos de surpresa nesta luta, vêm-se a braços com uma crise fulminadora, de capitaes e manufacturas, com que a sua vida se mantinha á sombra das riquezas accumuladas da Europa, e que hoje vão escasseando, dia a dia, á proporção que o duello mortal ascende na sua marcha assustadora.

E parallelamente, escassêa para nós esse elemento primordial de progresso — o braço civilizado.

Projectemos um olhar sobre o futuro.

A guerra avança no seu scenario incandescente.

Dezeseis milhões de homens já estão fóra de combate. Duzentos e oitenta mil contos por dia se consomem no morticínio geral.

O commercio universal, paralyzado. O incendio a devorar tudo — usinas, homens, campos, cidades e capitaes.

O computo final desta tragedia, póde ser expresso num unico termo: — o anniquilamento!

Quando o ultimo canhão soar nas collinas do Occidente, o grupo das nações conductoras do progresso humano estará de rojo, prostrado pela fadiga e pelo esgotamento. Então, sobre os escombros da Europa, se irá de novo reerguer o mundo destruido. E esse trabalho levará meio seculo. Serão precisos todos os recursos da fortuna publica e particular, para reedificar o patrimonio criminosamente desbaratado em fogo e sangue. E rotos os cofres, devastadas as cidades e usinas, assolados os campos e vãos os lares, com os mares ermos de navios e a terra empobrecida de homens, que nos poderá advir de lá? Longos annos serão poucos para cicatrizar as feridas e cuidar do seu restabelecimento, tal como o doente que reúne o fluido vital para reviver das suas cinzas.

Nada poderemos esperar de lá. Pelo contrario, já o Moloch da guerra nos levou grande parte dos braços validos, que vae triturando lentamente.

Foram recolhidos os cordões da bolsa que alimentava a seiva de esforços, e já se fala na mobilização de capitaes americanos. Como uma bomba aspirante, vae-se drenando de nós a vida latente que os capitaes europeus nos trouxeram. E collocados nesse transe, para quem appellar?

Para nós mesmos! Para a reserva das nossas energias. Para as nossas terras, para a nossa intelligencia e o nosso braço!

Temos, é verdade, a America do Norte, para nos emprestar os capitaes e nos fornecer do conforto que a Europa nos retirou. Mas quem pode prever o que será amanha o problema norte-americano, em face do drama actual? Para que esperar do vizinho, se podemos agir por nós? O capital americano ha de ser sempre caro e não precisa expansão. Sobra-lhe o campo em casa. A propria Europa bate-lhe ás portas, pedindo-lhe dinheiro, armas, manufacturas, alimento. Por que preços nos hão de vir ás mãos o que reclamamos, o que o nosso conforto exige? Não nos illudamos. E' cuidando de nós mesmos que havemos de fazer face á crise. E' explorando as nossas jazidas de carvão e ferro, que ahi se ostentam cubiçosas; é fomentando a pecuaria e enriquecendo os nossos campos de boa criação, para que a carne não se exgote pela sucção européa; é incentivando a lavoura sobre todos os seus aspectos, do ensino, do credito, do transporte, do intercambio facil e da exportação; é saneando os campos da praga de animaes damninhos, que enfezam o gado e destroem as plantas; é promovendo cooperativas, bancos, congressos agricolas; finalmente, é ensinando a arte moderna do trabalho intelligente e mecanico; é abrindo novas fontes de renda, e trabalhando com afinco, que havemos de collocar-nos á altura dos nossos destinos.

Já ahi temos o café e a borracha. Cuidemos em mais outros ramos. Se esses peccam pela superproducção, creemos novas culturas e novas industrias.

As vias de comunicação já penetram pelo interior, indo buscar o producto da terra longinqua. Paremos nesse afan. Cubramos de renda essas estradas que nos custaram suores de sangue. Os portos estão abertos. Levemos-lhes generos, para movimental-os. As linhas centraes correm parallelas: cruzemos entre ellas as estradas de automoveis. O proteccionismo creou a industria fabril: consolidemos essa industria, dando-lhe vida propria, aperfeiçoando os processos e barateando a materia prima. Para isso, é preciso a instrucção, o esforço e a iniciativa conjugada.

Um povo, como diz Listz, só é independente, quando, ao

lado de um grande territorio, tem uma agricultura, um codigo, uma literatura e uma industria.

Já temos uma literatura, um codigo, e uma industria nascente. O capital é a cupola que vem coroar todo esse esforço. O capital vem da agricultura e da industria, e vem por fim do commercio. Mas todas essas molas repousam sobre uma: — a agricultura. Creemos uma industria agricola nossa, solida, independente. Não gravemos mais as tarifas. Antes a reduzamos á proporção da nossa riqueza. Os paizes hoje opulentos, como a Inglaterra, a Allemanha e a França, só largaram o proteccionismo, quando as suas industrias estavam creadas, e o producto precisava de expansão. Nós já temos uma industria creada com esse regimen: a fabril. Vamos, pois, tirar o partido que nos cumpre desse avanço, e emancipar o trabalho nacional, de forma a termos em casa os recursos para a nossa vida.

Entre essas industrias hoje prosperas, temos como a principal a de fição e tecidos, que representa hoje um capital respeitavel, e uma somma de trabalho realmente colossal. Se considerarmos o numero de familias ligadas a esta industria, o capital nella mobilizado, o braço nacional que a move, os lucros que dahi advêm ao patrimonio brasileiro, pela producção do algodão e o seu multiplo beneficiamento, até á sua entrada no commercio, bem como a renda de impostos que della auferem a União, os Estados e os municipios, devemos concluir que não longe estamos de uma emancipação salutar.

E diante desse vulto que vae tomando tal industria, concluimos que criminosos seriamos a nossos proprios olhos, se não cuidassemos de acelerar essa emancipação, que se avisinha.

Passemos uma rapida revista na nossa industria de tecidos.

Trezentas e tres fabricas funcionam no Brasil, com um capital de trezentos e oitenta mil contos de réis, produzindo annualmente duzentos e oitenta mil contos e empregando setenta e sete mil operarios.

Para fazermos um calculo approximado do que toca a cada fibra e a cada Estado da União, tomemos este quadro que organizou o Centro Industrial do Brasil, recentemente:

	Num.º de fabricas	Capital	Produção	Ope- rarios
Alagoas	10	5.585:000\$	5.900:000\$	2.010
Bahia	13	20.514:000\$	15.418:000\$	5.505
Ceará	10	2.440:000\$	2.620:000\$	990
Districto Federal ..	35	101.248:000\$	69.870:000\$	14.035
Espirito Santo	3	1.290:000\$	1.100:000\$	230
Maranhão	13	12.670:000\$	10.480:000\$	3.870
Minas Geraes	59	23.942:000\$	20.445:000\$	8.048
Parahyba do Norte..	1	1.700:000\$	1.800:000\$	580
Paraná	8	685:000\$	612:000\$	173
Pernambuco	9	19.550:000\$	15.950:000\$	3.720
Piauhý	1	1.100:000\$	1.100:000\$	300
Rio Grande do Norte	1	2.800:000\$	720:000\$	280
Rio Grande do Sul..	12	9.135:000\$	10.095:000\$	2.582
Rio de Janeiro	27	50.540:000\$	33.700:000\$	7.991
Santa Catharina ...	15	1.752:000\$	1.382:000\$	463
São Paulo	78	117.032:000\$	85.197:200\$	23.590
Sergipe	8	8.449:000\$	6.300:000\$	2.979
	303	380.432:000\$	282.689:950\$	77.346

Como do quadro acima muitas fabricas não se atêm só ao algodão, e exploram tambem os tecidos de juta, lã, seda e linho, o Centro Industrial chegou ao seguinte resultado: produção desta ultima especie 40.790:000\$, distribuida pelos Estados de Bahia (1.118:000\$), Districto Federal (7.900:000\$), Maranhão (700:000\$), Minas Geraes (445:000\$), Pernambuco (950:000\$), Rio Grande do Sul (5.095:000\$), Rio de Janeiro (4.200:000\$), Santa Catharina (82:000\$) e São Paulo .:..... (20.300:000\$); produção de tecidos de algodão nos 17 Estados 241.899:000\$000. O consumo de algodão em rama para essas fabricas é de 47.801.000 kgs. Não têm industria de tecelagem Matto Grosso, Goyaz, Pará, Amazonas. Todo o algodão consumido pelas fabricas acima é de produção nacional. O Brasil não importa algodão em rama. Pelo contrario, exporta em grande escala. Pelos dados da Estatistica Commercial, a nossa exportação tem sido a seguinte, a partir de 1902:

	Toneladas	Valor total	Valor por kilo
1902	32.137	10.701:352\$	\$757
1903	28.235	11.765:910\$	\$944
1904	13.262	7.364:728\$	1\$233
1905	24.081	10.290:790\$	\$710
1906	31.668	14.726:492\$	\$790
1907	38.036	15.417:841\$	\$981
1908	3.565	1.832:514\$	\$924
1909	9.968	5.260:551\$	\$947
1910	11.160	7.932:732\$	1\$206
1911	14.647	8.713:568\$	1\$004
1912	16.774	9.221:294\$	\$928
1913	37.423	20.512:711\$	\$925
1914	30.434	16.556:096\$	\$928
1915	5.223	2.550:856\$	1\$051

Como se vê, é já uma contribuição respeitavel para o nosso patrimonio publico. Se longe está do café e da borracha, que enriquecem o erario nacional, o primeiro com uma media que oscilla a partir de 1905 entre 324 a 700 mil contos e o segundo em igual periodo de 113 a 377 mil contos, devemos convir que é já um contingente animador e nos promette um mundo de esperanças, em face do consumo sempre crescente da fibra e da nossa produção que se desenvolve accentuadamente de annos para cá.

Um calculo recente fez ver que dos 1.500.000.000 de habitantes da terra, a metade é semi-vestida e 250.000.000 ainda não usa roupas.

Como a civilização tende a vestir essa massa que ainda está no periodo primitivo, a escala do consumo de tecidos tende a subir sempre.

Em 1913-1914 o consumo mundial do algodão foi de 27.703.000 fardos pesando cada um 227 kgs., ou sejam 6.288.581 toneladas. Cinco annos antes, em 1908-1909, a produção foi de 22.271.000 fardos, e em 1903-1904, isto é, um lustro atraz, fôra de 17.015.000. O augmento por quinquennio, pois, attingiu em media a 27 por cento. O preço do algodão tambem elevou-se nos ultimos annos, em consequencia da procura sempre crescente.

Assim, o producto americano valia em 1894 no mercado

de Liverpool 660 réis, cada kg., ao cambio de 12 d.; de 1899 a 1903 o preço foi de 954 réis; de 1904 a 1908 elevou-se a 1\$017 e de 1909 a 1913 attingiu a 1\$256.

O Dr. Pereira Lima, quando divulgou estes dados na S. N. de Agricultura, trouxe realmente um argumento poderoso para o facto. Temos assim provado com a mathematica que o mundo vae absorvendo mais algodão, á proporção que os annos passam e a humanidade augmenta em conforto.

De facto, esta preciosa fibra é um companheiro inseparavel do homem, em todas as suas phases.

E' do algodão que a humanidade tira o agasalho contra o frio e as intemperies, e se cobre para apparentar a decencia social. E' o leito, onde dormimos; é a cordoalha, é a vella do navio, a alcatifa, o envoltorio, é o arminho que pensa as feridas nos hospitaes, é o scenario dos theatros, é a emballagem dos productos da terra. Delle se faz hoje tecido quasi igual á seda na finura e no relevo e já delle os sacerdotes antigos da India e do Egypto vestiam os seus paramentos e os reis orientaes os seus trajos nobres. Hoje elle está disseminado por toda a terra, e veste o rico e o pobre, a dama e a serva, o operario e o burguez.

E a cambraia, a baptiste, a tule, o gorgurão, a ganga, a chita. Não é só ahi. E' tambem o algodão-polvora, de prodigioso effeito explosivo, que as artes bellicas utilizam, e é ainda o algodão-nitrado da industria util. Assim, está elle nas artes da paz e da guerra; para construir e para destruir; para o bem e para o mal.

Não temos culpa que os homens utilizem a ingenua natureza, para effeitos damnosos. Tambem o aeroplano está servindo para destruir os homens e o submarino está devastando as marinhas mercantes...

Mas retomemos o fio. A preciosa malvacea que é o algodão vae entrando tambem noutros dominios do bem estar humano. O seu caroço vae sendo cada vez mais aproveitado para a industria, como precioso alimento e condimento das perfumarias.

Nos Estados Unidos havia já em 1903, 98 companhias poderosas, com 232 moinhos de moer essa preciosa semente, extra-hindo della oleos, pastas e farinhas no valor de 125.000.000 de dollars. A propria casca é aproveitada para o fabrico do papel.

Se calcularmos agora que a industria algodoeira arrasta comsigo a do polvilho, e que as nossas materias corantes espe-

ram ser aproveitadas para as tinturarias, hoje privadas das nilinas allemans; que as florestas estão cheias de essencias tintoriaes inexploradas, e que o fabrico do papel se implanta no Brasil, exigindo os refugos do algodão; que cerca de 250.000 pessoas já vivem dos salarios ganhos pelos 77.000 operarios fabris, e que para produzir 75.000.000 de kilos de algodão uma consideravel massa de população rural recebe o seu conforto; se considerarmos tudo isso, e mais, que as terras do Brasil produzem o algodão desde o Amazonas até Santa Catharina em condições iguaes ou superiores aos principaes paizes algodoeiros do mundo, temos a medida exacta da importancia desta industria, que deve constituir um *pivot* da nossa vida, ao lado do café, da borracha e da pecuaria.

Esperemos pela reacção, que começou com as declarações da plataforma do actual presidente da Republica e se concretiza agora na acção da Sociedade Nacional de Agricultura, de cujas luzes e patriotismo muito esperamos.

Acordemos! Ainda é tempo!

LINDOLPHO XAVIER

O PROBLEMA MUNICIPAL DO PONTO DE VISTA AMERICANO

(De uma conferencia realisada no Gremio Polytechnico, a 6 de Setembro)

Está, de novo, na berra o problema municipal. Está, ou finge estar. No Congresso Federal vae accessa a discussão em torno de um projecto de remodelação do Conselho Fluminense. No Estadual também foi rôto o costumado silencio a proposito de nova modificação no processo de escolha do executivo Paulistano. Corre a tinta a tal respeito, com fartura, pelas columnas da imprensa das duas capitães. No fundo, porém, ficará tudo como d'antes. São simulacros, não realidades, referentes ao problema.

E' elle, comtudo, dos mais importantes. Pol-o em lugar de destaque a constituição de 1891, garantindo a autonomia dos municipios. E é de todo evidente a necessidade de que a franquia conferida seja bem aproveitada. "As cidades, dil-o Maltbie, são centros de influencia para o bem como para o mal. Pela sua industria, commercio, sciencia, cultivo, intellectualidade, conduzem ellas o mundo e em grande parte lhe determinam o destino. Se a sua gente é corrupta, immoral, ignorante, depravada, fica por ellas contaminado o corpo inteiro da nação. Se a sua administração cæe em bancarrota, corre perigo o estado, seja em virtude da massa da propria população que representam ou, ainda, porque a conducta do paiz inteiro se deixa affectar profundamente pelas más condições dos agrupamentos urbanos."

Ninguém melhor collocado do que o conhecido autor para enunciar a proposição. Os Estados Unidos do Norte, sua patria, batem nesse particular a culminancia do que pôde ser imaginado em materia de desgoverno e corrupção. Quando Bryce publicou a sua obra monumental, em 1888, referia-se ao caso nos termos mais cathgoricos. "Não ha negar que o governo municipal seja a mais assignalada fallencia da America. As lacunas do governo da União não têm grandes

responsabilidades nos males de que soffre o bem estar da população. E as culpas dos Estados são meras insignificancias se as compararmos com a extravagancia, venalidade e desequilibrio que caracterizam a administração da maioria das grandes cidades." Nas mais pequenas mesmo, accrescenta não ser necessario recorrer ao microscopio para observar os resultados do alastrar de tão peçonhentos germens.

Não será talvez esse, a rigor, o aspecto do problema Brasileiro. Outros pontos o approximam entretanto, vamos vel-o, e tão intimamente, do aspecto da questão no norte do continente; o exame dos dados que alli se apresentam é de tal modo suggestivo quando os enfileiramos ao lado dos que nos dizem respeito; que difficil se torna resistir á tentação de estabelecer o parallelo, de procurar isolar os elementos mais decisivos, pol-os em relevo, determinar-lhes a influencia, o alcance desta, as modificações uteis e possiveis de que são susceptiveis.

Sem de modo algum pretendermos generalisar, parece-nos que o primeiro resultado de um esforço nesse sentido seria o reconhecimento da coexistencia de um grupo de condições identicas. E communs a toda a America, não apenas ao Brasil e aos Estados Unidos. Sociedades novas as de todas essas nações, no periodo da adolescencia quando muito, compostas por elementos de immigração, heterogeneos e de oportunidades de fortuna rapida, bruscamente mutaveis, sem o freio, o temperador da cultura anterior nem da tradição organisaada, a formação dos seus agrupamentos communaes deveria forçosamente dar logar a concepções analogas de politica administrativa, ao apparecimento de ideaes semelhantes, á pratica de erros equivalentes. A copia da fôrma constitucional irá favorecer ainda a tendencia á criação do typo, no qual a differença de estrutura social abrirá fronteiras secundarias entre as varias especies.

Seja ou não verdadeira a observação, exista ou não o typo do "problema municipal Americano", a ponta do veu que vamos tentar levantar sobre o dos Estados Unidos e sua evolução, posterior ao tempo em que Bryce o julgava com tamanha mas tão justa severidade, deixa entrever um quadro cujo proveito se nos affirma incontestavel. Servirá, pelo menos, para mostrar, sob figura precisa e concreta, qual o processo de que deita mão uma democracia, a mais velha do nosso continente, para sanar males tão graves que pareciam, de começo, incuraveis. E', á falta de melhor, um consolo, uma esperanza, nesta época de descrença, indifferença e torpor nacionaes, em que vivemos.

Lição, ou balsamo apenas, terá no seu activo uma vantagem certa. Foge das abstracções que custam sempre tão caro aos que dellas despertam. Não sae do campo das noções praticas e comessinhas. Não representará um simulacro. Esboçará uma realidade.

*
* *

Poderia, em primeiro lugar, ter dado o problema municipal, nos Estados Unidos, ensejo a solução menos viciosa do que a já aqui apontada?

Para responder, com clareza, á interrogação, examinemos qual a questão a resolver. Acha-se ella perfeitamente enunciada nas linhas iniciaes do ultimo relatorio da capital da Pennsylvania. Eil-as: "Prezado leitor — Faça-me o favor de esquecer que está com um documento official deante dos olhos. Leia estas paginas como se foram a exposição dos esforços, tentados por uma dona de casa, tendo tido em mira o tornar Philadelphia o melhor lugar do mundo para vir morar. E, de facto, este volume não é mais do que o balanço annual de uma criadagem de 4.000 empregados municipaes, ao serviço de uma familia de 1.600.000 municipes."

Haverá alguma differença entre este objectivo e o que assume, moral e materialmente, obrigação de satisfazer uma grande sociedade anonyma de serviço collectivo como, por exemplo, a nossa Companhia Paulista? Nenhuma. Somente em circumstancias anormaes, que reflectem um vicio dos termos da concessão ou uma má comprehensão dos seus proprios interesses, se dá o caso de se encontrarem estes — os da empresa — em conflicto com os do publico. Afastadas essas causas de erro, acham-se collocados os municipes, como os accionistas que recebem uma delegação da comunidade mediante certas clausulas, em frente á necessidade de pôr em acção o trabalho de grande numero de assalariados de modo a garantir a vida, a propriedade, a economia e conforto da população. São esses os dados fundamentaes.

Como procede o accionista que significa, portanto, para o caso, um municipe duplamente zeloso? Escolhe um grupo de nomes para a gestão superior dos seus interesses. Dá preferencia aos mais recomendaveis pela prudencia e tino, pela experiencia e exito já provados em commetimentos parecidos, pela grande somma de capital empatado em titulos. Pouco se lhe dá o que qualquer delles pense a respeito dos negocios publicos em geral. Presidencialista, elegerá um parlamentarista; livre-cambista, dará preferencia a um proteccionista; o que procura no director é o atilamento. Se a politica alguma vez influe na sua decisão é para pol-a ao serviço dos seus interesses immediatos, nunca para collocar estes na dependencia daquella. Acha elle, no seu raciocinar simplista, que as opiniões partidarias nada têm que vêr com o conseguir fazer andar os trens com regularidade, sem descarrilamentos, permittindo a distribuição de dividendos. Tal qual como o municipio pode ter boas estradas, ruas bem dispostas, calçadas e limpas, agua potavel em quantidade e esgotos sem darem exha-

lações, qualquer que seja a maneira de vêr do intendente a respeito da "divisão dos poderes" ou da neutralidade no conflicto europeu.

Como procedem, por seu turno, os directores? Dividem entre si os assumptos que devem ser resolvidos, para que cada um estude e informe os collegas sobre o que melhor conhece. Não se occupam, porém, directamente na superintendencia dos serviços technicos. Vão para isso procurar a competencia que lhes podem offerecer os profissionaes de officio que contratam como inspector geral, chefe de linha, chefe de locomoção, chefe de escriptorio, chefe de trafego e caixa. Consultam cada um dos responsaveis, ouvem aquelle que dá unidade de acção a todos os repartimentos do conjunto, e em seguida deliberram como julgam conveniente. E a responsabilidade é a base do systema. Sempre que é ella observada e respeitada, anda tudo direito. O que não dá conta do recado é eliminado. Não é reeleito o director, sente-se mal e pede demissão o inspector, despede o chefe da locomoção o machinista pouco cuidadoso.

E' exactamente ou quasi, no fundo, essa organização que reproduz o governo municipal na Allemanha. Veja-se Berlim: compara Albert Shaw, um dos norte-americanos que mais abriu os olhos dos seus patricios sobre coisas municipaes, os accionistas aos eleitores da capital da Prussia, a directoria ao conselho municipal — composto de 126 membros, o inspector geral ao primeiro burgomestre e os chefes de cada uma das repartições ou magistrados aos chefes de linha, movimento ou tracção. O executivo Berlinense é formado de 34 nomes, incluidos os do primeiro — "oberbürgermeister" — e segundo burgomestres. Metade delles ou dezesete são pagos e nomeados por doze annos, os outros dezesete servem gratuitamente e são escolhidos por seis annos.

Os pagos são designados em virtude da sua competencia technica especial, exactamente como os directores da Paulista escolhem os seus engenheiros principaes e guarda-livros. Vae buscal-os o conselho aos funcçionarios de carreira das outras cidades em que se hajam distinguido — o celebre Dr. Forckenbeck que imprimiu á cidade o seu cunho actual, no momento de ser convidado para o posto, a que emprestou tanto luzimento, era burgomestre de Breslau — ou tira-os das administrações publicas da nação; os vencimentos elevados pagos pela municipalidade tornam tentadores esses convites. Comprehende esse elemento pago os ramos da sciencia juridica e de finanças, thesouraria, architectura e construcção, instrucção e hygiene publica. E os titulares de semelhantes designações são, na realidade, vitalicios, pois sómente a sua má conducta é que tem dado logar a demissões.

A outra metade, não remunerada, é também designada pelo conselho que recorre, para esse fim, a nomes de autoridade nos assumptos municipaes, embora não profissionaes de carreira — como os lentes das Universidades, ou a pessoas tendo servido anteriormente no proprio conselho, onde deixaram traços vivos da sua passagem. Dá esta cathegoria logar a nivel por tal modo elevado de competencia technica e capacidade de direcção, que não é rara a transferencia de seus membros para postos equivalentes da cathegoria dos remunerados. E reciprocamente. Aqui também, note-se, a designação por seis annos é nominal; os membros não remunerados do executivo de Berlim são, de facto, vitalicios.

Onde encontrar a explicação, a origem de uma entrosagem tão perfeita de competencia que fez desta, como das outras cidades allemans, os modelos que por toda a parte são citados? Em primeiro logar no meio, farto e abundante, de profissionaes especializados. Não é de hoje, nem de hontem, que os assumptos municipaes fazem parte dos programmas das faculdades de direito e sciencias administrativas, bem como das escolas technicas. Sem taes habilitações é inutil procurar collocação nas repartições respectivas.

Em segundo logar, no corpo eleitoral, "sui generis", que escolhe os conselheiros, os quaes, por sua vez sabem, tão ajuizadamente, operar por selecção. E' esse corpo dividido em tres classes, correspondendo, cada uma, a um terço do producto das contribuições e de modo que, no primeiro terço, estão os maiores contribuintes, no segundo os que se lhes seguem em importancia; no terceiro ficam os restantes. Concretizando: num dos circulos de Berlim, um vereador eleito pelo primeiro terço dependia de um corpo de suffragio de 2.045 pessoas, no segundo terço esse numero subia apenas a 13.049 para alcançar, no ultimo, 96.543. E a capital do Imperio não é o melhor campo de exemplificação. Essen estaria nesse caso, pois já apresentou as proporções de 2, 243 e 5.367; 4, 353 e 12.197. Houve anno mesmo, em que o conselheiro do primeiro terço foi eleito por "um" voto.

E', em resumo, a garantia completa da distincção administrativa, em toda a escala, operada sem a menor intervenção da politica em um meio de recursos technicos abundantes. Dahi os resultados que nos maravilham quando visitamos aquelle paiz.

Sem produzir tão grande impressão no leigo, é entretanto igualmente surprehendente a organização ingleza; talvez mais, mesmo, visto não corresponder a um systema de suffragio restricto, como é o Germanico. Tivesse o Inglez consagrado á parte technica do problema, já não diríamos o carinho minucioso do Allemão, mas simplesmente o cuidado em manter o seu ensino ao nivel do Francez, é para nós ponto fóra de duvida que alcançaria resultados igualmente brilhantes, apesar de não ter ao seu serviço a legislação feudal que aplanava o caminho ás autoridades Allemans na confecção das suas cidades.

E' por esse lado que claudica o aparelho. Mas a contextura social, a teia da organização municipal Britannica é tão robusta e tão bem ajustada que, na generalidade e de conjuncto, não são menos preciosos os fructos. E' de tradição que os cargos de eleição sejam confiados aos homens mais respeitaveis e mais experimentados do logar. Pela sequencia de um habito inveterado é pois que se effectua a selecção do corpo dirigente, não pela lei. O que esta determina é que não se realise o escrutinio quando o numero dos candidatos não seja superior ao das vagas a preencher. Pois bem. Em épocas de grande agitação politica, mesmo, têm-se visto circumscripções que em grande numero se acham no caso de dispensar a consulta ao eleitorado. Tanto vale dizer como a intromissão da politica é em regra alheia á escolha dos vereadores.

Reunem-se estes e constituem o executivo por meio dos presidentes das differentes commissões em que o conselho se divide, segundo a natureza dos negocios a tratar. Mas esses presidentes, não são, em geral, os conselheiros eleitos. São antigos membros do conselho cujo tempo de serviço e competencia anteriormente demonstrada os designam á escolha dos sahidos directamente das urnas. Póde a capacidade excepcional abreviar a duração do estagio que é corrente exigir do vereador até lhe ser conferida essa distincção. Ligam, porém, os Inglezes, tal apreço a essa lição da experiencia, que é significativo o exemplo de Chamberlain, o grande homem de estado, aguardando doze annos como simples vereador de Birmingham para, eleito "alderman", vir a ser o benjamim dos "sheriffs" da Gran-Bretanha.

E', numa palavra, a fidelidade ao systema de "pupilage", o apprendizado, tão enraizado nos costumes do povo que ainda lá o vemos praticado de preferencia, e nem sempre com vantagem, á formatura do estudante por meio do curso regular em escola ou faculdade.

Que o systema, considerado em bloco, é, porém, incomparavelmente superior ao que poderá produzir a inversão dos papeis, demonstra-o, á saciedade, a sua comparação com a organização Franceza.

E' em França muito mais aperfeiçoado e exigente o preparo do funcionario. Pode sem favor ser este considerado de primeira ordem, qualquer que seja o ramo da administração em que o formos buscar. Tem defeitos, sem duvida, inherentes a uma burocracia que o sentimento de conservação propria da nação tornou tarda e desconfiada, afim de resistir aos sobresaltos de uma historia politica irrequieta. A materia prima, todavia, é inexcedivelmente superior em não importa que grau da hierarchia administrativa. Os sobresaltos, a que acabamos de alludir, fazendo sentir a acção perturbadora da politica em toda a esphera superior dos serviços publicos, contrariam, desmancham, quando não inutilisam, toda a vantagem da competencia technica com que poderiam contar os municipios. A capital pariziense, por exemplo, está praticamente impossibilitada de qual-

quer obra importante de utilidade geral. Uma votação de créditos correspondentes no orçamento fica virtualmente subordinada, não ao que toda a metropole tenha a lucrar com um notavel melhoramento intelligentemente localizado em um dos seus pontos, mas ao ganho immediato que os negociantes de cada circumscripção possam auferir da affluencia temporaria, alli, de certo numero de trabalhadores que comem... e bebem nos botequins do bairro. Assim, quando se approva o dispendio de vinte milhões, está implicitamente entendido que cada "arrondissement" fica com a sua quota proporcional. Não poderá contar com a sua reeleição o vereador que se não curve á imposição. A organização do corpo director produz pois a selecção invertida; é o menos escrupuloso que conta com maiores probabilidades. Nada mais é necessario acrescentar.

Servir-nos-emos de uma comparação, para exprimir os tres aspectos do problema municipal que tomámos para pontos de referencia.

Sabe-se que a engenharia é um composto de dois elementos: as mathematicas e o senso pratico. Quando um individuo consegue enfeixar ambos, o preparo e a experiencia reflectida, tem elle o estofo de um grande engenheiro. Póde o preparo ser deficiente; um espirito superiormente equilibrado é capaz, ainda assim, de dar logar a profissional que corra parellas com o primeiro. Haja, porém, o refinado preparo que houver, se com elle não coincidir o tino e a faculdade de apreciação, nunca teremos homem que preste.

Semelhantemente, conjuga por completo a organização municipal Alleman uma direcção independente e esclarecida com a competencia technica apropriada. O resultado é superior.

Nem sempre concorre esta ultima, ou apenas della se dispõe em dose limitada, na organização municipal Inglesa. O primeiro factor tem, porém, tal peso e é-lhe conferida influencia tão consideravel que os fructos rivalisam com os da primeira.

Não falta, em contraposição, competencia technica apropriada á organização Franceza. A entrosagem eleitoral oppõe-se, entretanto, á liberdade de acção dos que devem dar o impulso inicial; prejudica e perturba a athmosphera politica a formação do criterio sereno que só com tempo e traquejo consente na avaliação exacta das coisas; afugenta e elimina essa mesma athmosphera os concursos que maior utilidade teriam. Mediocres são por tal motivo as consequencias. Não ha quem tal ignore.

E' chegado o momento de satisfazer a nossa curiosidade. Poderiam, estariam os Estados Unidos em condições de conseguir, para

os seus problemas municipaes, soluções differentes das que já vimos apreciadas por alto?

Seria milagre.

Para que se não supponha a intenção, que não existe, de pôr em cabeças alheias carapuças que nos pertençam, passamos a traduzir, á letra, as palavras de alguém que no assumpto conquistou grande nomeada, não tanto pelo que tem dito ou escripto como pelo que praticamente realisou. Adeante veremos a influencia e producto da acção de George Burnham; escreve elle no numero de Julho deste anno da "National Municipal Review":

"Caracterisa o Americano o facto de ter sempre considerado bastante o possuir alguém a cabeça no seu logar e partilhar do seu credo politico para julgal-o apto a desempenhar qualquer cargo administrativo official.

"Dahi vem o haver-se pegado pelo pescoço no medico, no advogado, no commerciante ou no ferreiro, dando-lhe com os costados na cadeira de legislador, de governador do Estado, de prefeito da cidade, na firme convicção de vel-o fazer coisas excellentes, conhecesse ou não do riscado. Não é meu intuito criticar esse modo de agir relativamente ao paiz. Pretendo apenas indlcar algumas consequencias para as nossas cidades. Correu tudo ás mil maravilhas enquanto as administrações municipaes eram de extrema simplicidade; tratava-se apenas de logarejos que iam vegetando. A' medida, porém, que o desenvolvimento se ia accentuando e augmentando foi a complexidade da materia com agentes taes como o transporte electrico e a vapor, distribuições de agua, luz e força, etc., começou o methodo a dar de si e as nossas municipalidades entraram a cahir em descredito. Não se julgue ser minha opinião que a entrega de posições de mando e responsabilidade entre as mãos de gente sem preparo nem traquejo, seja a causa unica desse juizo desfavoravel. Foi, porém, decerto factor dos mais influentes. O que é positivo é que a partir de então o Americano deu em ficar descontente com a administração municipal, emprehendendo a campanha para "pôr fóra os tratantes" e entregar o bastão a gente de bem.

"Observe-se que é ainda uma nova fórmula da velha obsessão americana. Não se pedia capacidade, mas antes honestidade. Bastava, pois, que um homem fosse honrado. O resto viria por si.

"Não tardou egualmente que fosse verificado serem os homens honestos e bem intencionados incapazes como os outros, a menos de tambem possuirem qualidades supplementares, de dar bons administradores ás nossas cidades."

Estes periodos definem a situação.

Ora, nos Estados Unidos, a ausencia completa dos funcionarios de carreira da Allemanha ou Francezes, ou dos especialistas technicos que a estabilidade administrativa fez crear na Inglaterra, collocava portanto esses homens, mesmo aquelles a quem as relações politicas não tolhiam os movimentos, em situação de desamparo o mais completo que possivel é imaginar.

Para encurtar razões, nenhum dos dois elementos que definimos, necessarios á constituição de uma organização administrativa regular, marcava alli a sua existencia.

Facil é vêr as consequencias, mórmente nas grandes cidades e mesmo em periodos relativamente remotos, de vida menos complicada.

Uma commissão, encarregada pelo Estado de Nova York de

estudar novo plano de organização municipal, fazia commentarios desta ordem ao accrescimo da divida da cidade do mesmo nome, que passara, em 16 annos, de dezoito a 113 milhões de dollars. "Essa quantia teria sido mais do que sufficiente para executar a totalidade das obras necessarias a uma grande metropole durante um seculo, ornamentando-a ao mesmo tempo com esplendores de architectura e arte. Em vez disso, os pontões e caes estão construidos em materiaes de pouca duração; as ruas estão pessimamente calçadas; os esgotos na sua maior parte são imperfeitos, insufficientes e acham-se em mau estado; os edificios publicos são improprios e sordidos... Para falar verdade, a maior parte da divida da cidade representa um monte de dinheiro deitado fóra ou mal applicado".

* * *

Entretanto, o anno passado, a 30 de Agosto, realisava-se a convenção nacional de Nova York. O nosso conhecido e grande homem publico norte-americano Elihu Root, que a presidia, encaixava os seguintes periodos no seu discurso inaugural:

"A administração das nossas cidades!... Porque, ha vinte annos, quando James Bryce escreveu a sua "American Commonwealth", era de facto o governo municipal na America um mytho e uma vergonha nacional. Graças aos céus, estão essas administrações em franco caminho de rehabilitação, rehabilitando-nos assim a todos nós. O governo das cidades Americanas é hoje em geral bem superior ao governo dos Estados. Desafio alguém a que sustente o contrario."

Ficou sem resposta o repto. Essa é a verdade. Sob pretexto de as ensinarem a governar-se, intervinham outr'ora a cada passo os Estados na vida das Municipalidades. Hoje, é com ellas que têm de aprender. E pouco, bem pouco, contribuíram para tal transformação.

Tudo quanto esta deve ás legislaturas estadoaes se limita a disposições leaes, de constituição, e feitas, ainda assim, a pedido dos proprios municipes as mais das vezes. Sob pressão dos mais directamente interessados na boa gestão das coisas municipaes, achase de facto em via de desaparecimento na America do Norte o typo de governo municipal que agora encontramos entre nós, com um legislativo numeroso, tanto mais quanto maior o agrupamento, e um executivo que lá sempre foi de eleição directa.

Aos poucos substitue-se-lhe o typo conhecido pelo nome de "commission government". Cinco pessoas em geral formam essa comissão, com funções inteiramente analogas ás dos directores de uma companhia de estradas de ferro, como no exemplo a que anteriormente recorremos. Enfeixa essa comissão todos os poderes do municipio. Elegem o seu presidente, ou este já é eleito directamente para o cargo. Repartem entre si os diversos ramos da administração dos quaes cada um fica sendo o chefe do executivo, e o responsavel portanto. Quando o "mayor", ou presidente, é de eleição directa, faz elle

essa distribuição de serviços. E fica, de ordinario, com a administração dos negocios geraes, pertencendo a cada um dos outros as finanças, os melhoramentos publicos, a hygiene e instrucção, a segurança. Quando reunidos, formam o legislativo com todas as suas attribuições.

Nada menos de 465 — quatrocentas e sessenta e cinco — cidades se dirigem por esse systema. Melhor seria dizer municipios, pois que se entre ellas se encontram agglomerações comparaveis a S. Paulo, como sejam a sua homonyma norte-americana, Buffalo, Nova Orleans, Denver, Jersey City e Portland, tambem apparecem as de dez mil habitantes para baixo, com character accentuado de centros ruraes. Em tão elevado numero contam-se quatro insuccessos, que talvez venham a ser mais uteis para o bem geral, do que os assignalados exitos contados, pois permittiram descobrir e esboçar previsões para evitar futuros desastres.

Attribuem os especialistas da materia as vantagens obtidas, em primeiro lugar, á demarcação franca das responsabilidades. Era isso impossivel, ou quasi, com os grandes conselhos. Perturbavam elles a acção do executivo de tal modo que este arrangiava sem difficuldade attenuantes, senão explicação, para os erros commetidos. Em segundo lugar, o sentimento da responsabilidade produziu o emprego, cada vez mais generalisado, da actividade profissional. Augmentou consideravelmente o numero de contadores, bachareis em direito e engenheiros com pratica e conhecimentos especiaes dos assumptos de que iam occupar-se.

Cidades como Des Moines — população actual 104.000 habitantes, ou mais ou menos o tamanho de Santos — em que o deficit era chronico, elege a sua primeira commissão em Junho de 1907. Entra ella em funcções a 1.º de Abril de 1908.

No fim de oito annos de experiencia apresenta os seguintes resultados: 1 — Extincção do deficit a partir do segundo anno; 2 — Applicação de cerca de 400 contos por anno em melhoramentos de character permanente; 3 — Reducção de taxas na proporção de dois e meio millesimos por dollar. E' aqui citada a capital do Iowa a titulo de exemplo por permittir approximação com o importante porto Paulista, por ser possivel apanhar todos os particulares do systema no relatorio que foi apresentado recentemente á Associação Commercial de Norfolk — onde as coisas não andam boas e que delegou a tres dos seus membros o encargo de ir examinar como ellas se passavam em outros logares; finalmente, porque não constitue specimen dos mais perfeitos.

Surgiram alli duas causas perturbadoras, que são os pontos mais fracos do systema. Havia, na commissão, um antigo empreiteiro de obras da cidade, homem respeitado e conceituado. Nella entrou, tambem, um advogado, especializado em materia criminal. Por engano dos outros, ou por qualquer outro motivo, puzeram o empreiteiro na

policia e segurança e o bacharel nas obras publicas... Entre as funções de dois outros membros da commissão rebentou um conflicto de attribuições. E as que por lei pertenciam ao "mayor" e á propria commissão não permittiram pôr cobro aos transtornos que dahi resultaram. Dizem, porém, os dois industriaes e o commerciante de Norfolk no seu relatorio: "de tanta gente que consultámos na cidade a opinião unanime é que a gestão é bôa e que a modificação foi das mais proveitosas".

Ha, é verdade, continuam elles, alguns que lhe encontram defeitos. Não nos occuparemos dos que preferem o antigo conselho, com as suas lacunas, porque o acham "democratico" ao passo que reputam "anti-democratica" a forma actual. O que achamos existir realmente é falta de unidade na administração por não haver um organ que centralise a acção do executivo — o que se torna sobretudo nocivo em caso de conflicto. E' por isso que lhe preferimos a outra fôrma de governo municipal — a do "city-manager plan" que vimos funcionar admiravelmente em Dayton e Springfield.

Sob esse nome é realmente conhecido o systema mais recente e que parece realisar a melhor solução para as condições da America do Norte. Trata-se, no fundo, de uma simples modificação da organização anterior. Differe della, porém, em que a commissão elege, ou melhor, nomeia um gerente — o "manager" — que superintende todo o executivo da cidade e que assiste a todas as reuniões dos commissarios eleitos, excepto ás que forem convocadas para estatuir sobre a sua demissão.

Parece inutil explicar a essencia do systema. E' o principio da responsabilidade directa levado ao mais alto grau. E' egualmente o principio da competencia. Setenta e seis municipios, com população urbana que vae desde Dayton com 130.000 até Collinsville com 1.234, o empregam actualmente. Goza o "gerente municipal" de regalias que não permitem a sua demissão, após seis mezes de serviço, senão com certas e determinadas justificações. A carreira do funcionalismo municipal, que fôra aberta por assim dizer, com a forma anterior, dilatou-se. Uma obra recente "The city manager: a new profession" dá conta desta corrente. Está-se vendo avolumar nos Estados Unidos a existencia de uma nova classe, analoga á dos burgo-mestres profissionaes alleman. As grandes universidades aparelham o ensino para esse objectivo, como já as escolas de commercio, direito e technicas tinham anteriormente aberto series para a contabilidade, o contencioso e a engenharia municipaes.

Foi, na verdade, o ideal allemão que inspirou directamente o movimento. Sèmpre consideraram os americanos, desde os precursores da sua reforma municipal — estamos em presença de um verdadeiro "movimento" e de uma lidima "reforma" — o "magistratsrath" como "a glorificação dos capazes, experimentados e entendidos á testa dos negocios que é a caracteristica do systema Inglez". São estas as

próprias palavras de Albert Shaw a pags. 316 da sua obra "Municipal Government in Continental Europe" publicada ha quasi trinta annos, em 1898.

Tinha o modo germanico uma falha que o impedia de ser applicado, tal qual, no nosso continente. Leia-se Woodruff — National Municipal Review, de Janeiro deste anno — "Annos e annos esteve a attenção dos americanos presa com a efficiencia das cidades da Allemanha e maravilhada pelos admiraveis resultados da sua administração; não nos podia porém aproveitar a lição desde logo, por ser muito differente a nossa situação. Alli, essa excellente gestão é proveniente mais de uma prenda ou concessão da classe superior, do que do desabrochar dos desejos e aspirações do proprio povo. Ora, o nosso problema, aqui, está em poder attingir essa perfeição mediante a acção directa do corpo eleitoral, e esse corpo se alastra cada vez mais sobre uma larga extensão do suffragio."

Quem leu o que atraz escrevemos sobre a Allemanha comprehende sem difficuldade a apreciação.

E quem viu o que acabámos de expôr examinou e ficou conhecendo a fôrma sob a qual essa aspiração se está crystallizando, com o maior proveito, aliás, para o povo norte-americano.

Como lhe terá sido facil ir verificando que a propria essencia de toda a estrutura é a de uma organização commercial pura e simples, "business-like" como a preconisaram francamente os directores do movimento, em tudo semelhante á de uma grande empresa ou "corporation".

Não analysámos, todavia, ainda, o que de mais essencial, interessante e instructivo nos offerece essa evolução em que se revela toda a pujança e elasticidade de uma verdadeira democracia, em cujas veias corre o sangue particularista dos Anglo-Saxões.

Por isso mesmo dissemos que os governos dos Estados tinham contribuido "apenas" com leis de modificação constitucional, permitindo trilhar e pôr em pratica a orientação escolhida. Por felicidade para os americanos, os que o futuro ha de registrar na sua historia como sendo grandes reformadores da vida nacional, deram sempre ás leis, e ás disposições nellas expressas, o valor limitado e secundario que umas e outras de facto têm. Suppozeram sempre egualmente a idéa contraria como o mais perigoso dos erros, a mais funesta das illusões. Nunca deixaram de chamar a attenção de todos para esse ponto fundamental; agora, mesmo, após os triumphos alcançados, não cançam; advertem, previnem, acautelam.

"Para avaliar como os resultados têm sido satisfactorios, bastará vêr como se exprime a opinião pela bocca da gente mais respeitavel, pelas columnas dos jornaes, pelas recentes eleições. De todos os lados se multiplicam as provas de apreço pelas novas formas de governo municipal. Mas, simultaneamente, vão-nos chegando aos ouvidos commentarios que significam pontos de vista erroneos relativamente ao papel que desempenha o systema na nossa vida municipal. Falam

alguns como se as formas em si fossem responsáveis por todas as melhorias já realizadas; outros, como se da sua introdução devesse resultar, "ipso facto", uma transformação dos males existentes. O systema do "city-manager" é realmente de todos o mais, o unico pratico e commercial (business-like) e representa effectivamente o que ha de melhor conhecido em materia de administração municipal; se elle não for comtudo acompanhado por um sentimento publico activo, organizado e vigilante, por si pouco mais conseguirá do que os systemas nossos conhecidos dos tempos idos.

"A concepção que os americanos desses tempos possuíam a respeito das administrações municipaes caracterisava-se essencialmente por uma demasiada influencia attribuida á lei e á fórma de governo. Ha ainda muitos para quem todo o problema consiste em reformar constituições e leis organicas. Mas a nossa nova concepção envolve apenas a utilização da forma de governo mais apropriada á satisfação perfeita de uma opinião publica bem informada e esclarecida; se o systema do "city-manager" é hoje tão popular é porque elle synthetiza precisamente essa opinião.

"Fazer leis!... Mas isso nunca foi objectivo serio. Mostrou o senador Root na sua recente oração que durante um periodo de dez annos, os varios corpos legislativos do paiz promulgaram para cima de sessenta e duas mil leis. O primeiro resultado de semelhante exhuberancia é o ser-se levado a attribuir maior influencia á acção da lei que á do individuo. Outra, é crear um povo de violadores da lei; inconscientemente em grande maioria, mas nem por isso menos desastrosamente com o andar dos tempos. Pouca consistencia offerece a nação que deposita as suas esperanças sómente na lei. Não é licito esperarmos bons e proveitosos governos unicamente porque foram promulgadas leis bem feitas; os que se interessam pela redempção das cidades americanas e pela sua collocação em alto nivel de honestidade, integridade e efficiencia, devem diligenciar por basear-as no espirito como nas instituições publicas. A reforma, no pensar de muitos, consiste em introduzir na lei as idéas de que são manicacos, impondo-as por tal modo a toda a comunidade. O homem publico digno desse nome procura, para começar, despertar no espirito dos seus patricios a noção da importancia do governo municipal como factor dominante na vida da sua casa, e na da comunidade. Procura incutir-lhe o sentimento da responsabilidade que lhe incumbe a tal respeito. Sómente então é que trata de lhe pôr ao alcance o aparelhamento proprio para agir de conformidade com taes noções e sentimentos.

"Senti sempre o mais completo accôrdo com o que pensava Carl Schurz. Dizia esse illustre biographo de Lincoln e um dos fundadores desta Liga que era preferivel dispôr de leis feitas pelo demonio e executadas pelos anjos do que constituições celestiaes postas em acção por mafarricos. Por outras palavras, o primeiro objectivo duma associação da natureza da nossa consiste em fazer desabrochar e desenvolver um sentimento colectivo firme, seguro e substancial, em favor de uma administração efficaç e democratica; dirigir em seguida esse sentimento, uma vez formado, por caminho certo e desembaraçado."

*
* *

São de Clinton Rogers Woodruff, secretario da "National Municipal League", as palavras acima, insertas no relatorio lido na vigesima primeira reunião annual dessa sociedade, que se realisou em Dayton — por motivo da importancia dessa cidade e do magnifico exito alli obtido sob o "city-manager plan" — a 17 de Novembro ultimo.

Foi a "National Municipal League" que promoveu todo o "movimento", do qual sahio a "reforma" de cujas consequencias principaes

demos até agora uma rápida e summaria idéa geral. Não se equivoque o leitor. Não confunda a obra da Liga com as centenas de tentativas de revisão das constituições municipaes, levadas a cabo anteriormente na America do Norte e visando apenas modificações de pura forma. Relativamente á "fôrma", a Liga sómente preconizou uma desde o começo, a "commercial e pratica" (business-like), com duas modalidades, a "city-commission plan" e o "city-manager plan", das quaes a ultima, essa mesma, não passa de simples modificação da primeira. Já as mostrámos.

O que fará todavia a immorredoura gloria dessa associação benemerita é o movimento de ideas e de acções a que a sua influencia deu lugar, provocando o levantamento das populações dos municipios pela demonstração dos erros comettidos, dos remedios possiveis, do interesse em pôr cobro aos primeiros, applicar os segundos.

Encontrou a Liga nas grandes universidades e escolas do paiz os seus primeiros e mais preciosos auxiliares. Seria erro suppôr, porém, que essas instituições se limitaram a abrir cursos e a ministrar o ensino que hoje constitue uma especialidade vastissima, tão vasta que a bibliographia destes ultimos quinze annos e publicada ha alguns mezes pelo Professor Munro, da Universidade de Harward, abrange nada menos de cinco mil entradas. Note-se mais que essa bibliographia não entra em miudezas technicas, não tem a pretensão de ser exhaustiva mas apenas de assignalar os pontos capitaes em cada ramo, visa quasi exclusivamente a producção americana e, finalmente, é producto da collaboração de cerca de duas duzias de nomes. Dil-o o illustre cathedratico de "organisação municipal" do mais antigo estabelecimento de ensino do seu paiz, accrescentando sobre o ultimo ponto que procedeu dessa forma porque não ha mais homem algum que, sósinho, seja hoje capaz de apanhar todo o problema municipal, mesmo em seus termos geraes. Essa sua modestia permite medir a extensão da ignorancia em que aqui se vive, em que viviam aliás os Estados Unidos ao ser fundada a Liga.

Bastará dizer que mais da metade da bibliographia de Munro é de 1910 para cá, sendo quatro quintas partes posterior a 1905. Não admira. A maior parte do material accumulado, condensando observações locaes e proprias á nação, é devido ao esforço da Liga e a missão desta, ao começar, não era facil nem dilatada.

Para conseguir o desenvolvimento nos dois sentidos, recorreu-se a um órgão especial, uma "agency" como o denominam os americanos. O órgão foi, neste caso, o "Bureau of Municipal Research". Fundaram-nos em primeiro lugar os estabelecimentos de instrucção: contam-se uns vinte deste genero. Varias municipalidades os imitaram. Finalmente, em diversas cidades, grupos de municipes interessados, promoveram a sua criação sob os auspicios de importantes entidades de todas as classes, agindo como "trustees".

Forma o fundo de uma dessas organizações uma bibliotheca ou

archivo: alguns destes são notaveis no ramo particular a que de preferencia se consagraram. Como a acção desses repositórios documentaes seria forçosamente lenta, e a das academias egualmente, encarrega-se de lhe promover o rendimento util uma serie de inqueritos experimentaes ou de simples estudo, visando de preferencia questões de interesse palpitante na occasião e por qualquer motivo. Assim, no Rio, ultimamente, não teria sido o Club de Engenharia que teria aberto debates a respeito da rêde telephonica. Um "bureau" teria publicado desde logo informações precisas sobre as concessões analogas, sobre as tarifas, sobre as rendas e custeio dessa natureza de empresas, quantidade de dados, emfim, que com difficuldade os nossos engenheiros terão obtido, tendo tido segundo toda a probabilidade que se contentar, as mais das vezes, com os incompletos ou tendenciosos, que lhes foram fornecidos pelos interessados. E, se o "bureau" dispuzesse de meios sufficientes, alguém de conhecimentos e capacidade teria posto os vereadores e o publico ao corrente de toda a operação.

Nem sempre o "bureau" encontra as portas abertas no seu caminho. Foi o que succedeu de começo ao de Philadelphia, de quem foi alma esse George Burnham de que promettemos assignalar a obra, por elle mesmo aliás espirituosamente contada em um banquete que teve logar naquella cidade, a 6 de Abril do anno passado.

"Organisados em 1908, no primeiro anno da administração Reyburn, cedo nos apercebemos de que eramos mais ou menos suspeitos ás autoridades; resolvemos por isso tatear o logar de menor resistencia para investir a praça. Demos com elle na repartição de educação que então era dirigida pelo doutor Brumbaugh. O nosso primeiro inquerito visou o funcionamento da secção de educação compulsoria, a cargo da qual se achava a vadiagem e o analfabetismo dos menores. Logo ficou patente que o funcionario á frente desse serviço não tinha competencia alguma; fez-se um relatorio a tal respeito com um estudo sobre a reorganisação da secção. Foi o relatorio archivado e nessa situação permaneceu algumas semanas. Perguntámos á repartição se tencionava ou não publical-o, ou se seriamos nós que deveriamos fazel-o. Realisou-se, á vista disso, sem demora a reorganisação da secção, sendo dispensado o chefe incapaz.

"Emprehendemos em seguida um estudo completo sobre a educação dos negros na cidade. Tão bem lançado foi o esforço que a actual disposição do serviço a esse respeito lhe obedece por completo, e o governo dos Estados Unidos mandou publicar o nosso relatorio.

"Preparou-se depois um regulamento completo para as escolas; outros estudos no mesmo departamento, entre os quaes um concernente á inspecção medica, tiveram a boa sorte de se imporem e de serem aproveitados.

"Mas a mais importante, talvez, das iniciativas da nossa missão foi a da repartição das finanças municipaes. E' preciso declarar desde já que o seu chefe nos franqueou por inteiro o acesso e foi-nos do mais valioso auxilio. Chamámos como consultor uma reconhecida autoridade na materia, o Professor Cleveland, do "bureau" de Nova York. Resultado — com a boa vontade do chefe da repartição, já remodelado, de alto a baixo, o systema de contabilidade — na opinião dos entendidos, não ha hoje no paiz inteiro municipio que possua melhor serviço desta natureza. Achamo-nos a caminho de poder organizar orçamentos em bases perfeitamente scientificas; estou certissimo de que o conselho municipal ha de

acabar por adoptar o plano; é necessario, porém, primeiramente, convencer-o, e ao publico, da impreterivel necessidade de assim proceder.

"Outro serviço que entrou em primeiro lugar em contacto connosco foi o de hygiene e assistencia. O seu chefe que sempre nos dispensou bom acolhimento, mostrou-nos a difficuldade que lhe causava a falta de uma consolidação das leis do Estado, referentes á sua secção. Essas leis haviam sido promulgadas pelo legislativo estadual em periodos diversos, sem nexos nem coordenação, e affectavam profundamente a liberdade individual e o direito de propriedade. Foi feita a consolidação e será ella certamente o ponto de partida de obra ainda mais util.

"Em cooperação com outros "bureaus", levamos a effeito um estudo sobre a mortalidade das creanças da cidade. Delle resultou a criação de um serviço de hygiene infantil. Procedeu-se a outro estudo complementar sobre o supprimento do leite. De mãos dadas com a repartição official, teve lugar a exposição lactea, comprehendendo todas as phases importantes da questão.

"Abriu-se um inquerito no hospital de doenças contagiosas, dando em consequencia o montar-se alli uma contabilidade e um cadastro sanitario completo. Parallelamente, estudou-se o problema da inspecção aos productos alimentares. O nosso relatorio, agora terminado, vae ser publicado pelo Phipps Institute. Veremos, depois da discussão que terá lugar, se as nossas conclusões devem ou não ser adoptadas.

"No departamento da segurança publica, fizemos imprimir e acceitar um manual para uso dos rondantes. Ha dezesete annos que o antigo não era revisto; pôde bem imaginar-se como era defeituoso e incompleto. Tomámos a iniciativa de crear escolas para os agentes de policia e bombeiros. Os resultados têm sido bons. Foi organizada, por um dos nossos membros, uma serie de instrucções completas, e dois regulamentos motivados, tratando de prevenção em materia de incendio.

"Na repartição de aguas, foi reorganizada a contabilidade. Na do patrimonio, um estudo cuidadoso levou a modificar a distribuição interna dos serviços. Eram conservados os paços municipaes por processo desordenado; cada uma das repartições se occupava apenas com as proprias dependencias. Apresentámos um relatorio a esse respeito cujas conclusões, em parte aproveitadas, já permitem uma economia de 30.000 dollars annuaes. Acreditámos que o aproveitamento total venha a dar-se, elevando essa economia a 50.000.

"Durante a administração do prefeito — "mayor" — Reyburn, abrimos uma devassa sobre os pezos e medidas usadas no municipio. E' difficil calcular a quantidade de combinações fraudulentas de toda a especie que foi descoberta. Dahi, a criação do actual serviço de aferição, cujo funcionar é excellente.

"A pedido do fóro municipal, acabámos de estabelecer um systema de fichas para a divisão do serviço domestico; por esse systema, além da organização de estatisticas, será possivel auxiliar a obra de assistencia e soccorros das instituições de beneficencia da cidade.

"Finalmente, transformámos o nosso escriptorio em verdadeira escola pratica de preparo para os candidatos a empregos publicos. Os oito que dalli sahiram, mostraram as vantagens do aprendizado recebido, tendo um sido engajado posteriormente por uma administração particular e outro voltado para o nosso serviço."

Diga-se, de passagem, a proposito deste final, que a Liga tem influido poderosamente nos Estados Unidos sobre o preparo e condições de admissão dos aspirantes a cargos officiaes, por intermedio de uma outra associação filiada á sua obra de educação cívica e propaganda, a "National civil service reform league". Tem sido a tarefa desta ultima, talvez, o mais poderoso dique para defender a administração da influencia da politica; sob os seus auspicios têm sido crea-

dos verdadeiros estatutos para os funcionarios publicos, regulando-se-lhes as condições de admissão e promoção aos postos superiores e garantindo-se-lhes, tambem, a estabilidade.

Não menciona, o resumo que transcrevemos, uma outra consequencia, embora indirecta, da acção do "bureau" de Philadelphia. A acção, toda amigavel e nada estrepitosa aliás, desse grupo de homens de boa vontade, não podia deixar de despertar a emulação, ou ciume bem orientado, das autoridades. Foi em virtude desse sentimento que a administração municipal da cidade entregou a gestão das "obras publicas" a um dos mais eminentes collaboradores de Taylor, Morris Llevellyn Cooke, a cujas iniciativas nos referimos no primeiro numero da "Revista do Brasil" e que alli tem realisado verdadeiros milagres, para os olhos dos que não sabem quanto prodigio é capaz de produzir o systema.

Não menciona, como nós deixamos de mencionar, muita outra particularidade, cada qual mais interessante, mas que triplicaria ou quadruplicaria o artigo, afastando-nos do nosso escopo principal.

E' esse o de mostrar, bem claramente, de modo concreto, o processo seguido pelos rehabilitadores do governo municipal americano.

Escolhemos, muito de caso pensado, o exemplo de Philadelphia. Trata-se de uma grande municipalidade, cuja administração passou, em poucos annos, por transformação profunda e benefica. E, entretanto, não se lhe tocou, nem de longe, na forma de governo.

O cuidado, o grande, unico esforço dos que a si chamaram promover essa transformação, foi o de se approximar dos que occupavam as posições officiaes e mostrar-lhes, de maneira pratica e indiscutivel, como era possivel terminar com o ruim, melhorar o soffrivel, consolidar o bom.

A primeira condição para poder chegar a esse resultado era pôr em jogo experiencia e competencia. Foi-lhes isso facilitado pelas organizações identicas anteriores, todas ellas desenvolvidas pelo estudo especial do assumpto.

Outra condição era saber-se impôr, não por meios escusos, mas pela propria autoridade. Impôr-se mansamente, mas impôr-se. O caminho, ninguem mais o ignora. Era esclarecer o espirito publico, tornal-o activo, vigilante.

Era pol-o ao corrente, com exactidão e lealdade, do que se passava nas regiões de uma administração em que elle era directamente interessado.

Foi esse o trabalho da Liga. Onde ella exerceu a sua pressão, sob taes moldes, o esforço foi irresistivel. Como irresistivel seria entre nós, ou em qualquer parte, se alguns se dispuzessem a tental-o.

*
* * *

Compreender-se-á agora, com certeza, por que motivo considerámos meros simulacros os esforços que entre nós se estão assignalando neste momento relativamente ao problema municipal. Aos projectos pendentes nos dois Congressos, o Federal e o de S. Paulo, se oppõem os defensores da autonomia municipal.

Pensarão, porventura, os illustres representantes da opinião nacional que é por meio de disposições legislativas que tornarão effectiva tal autonomia? Pura illusão, talvez generosa, mas sempre illusão.

Só ha um meio de amparar a autonomia das municipalidades. E' ensinar-lhes a saber fazer uso apropriado dessa franquia, que é, não ha negal-o, da mais alta utilidade. No caso contrario, a tutela se impõe, de uma ou outra forma. E não vemos como os governos dos Estados, ou o da União, seriam capazes de dirigir melhor interesses puramente locais. A experiencia, aliás, tem provado ambas as coisas.

Devemos conservar-a, pois, é certo. Mas essa obrigação implica uma outra: a de proporcionar-lhes todos os meios que são efficazes ao esclarecimento, á solução dos problemas que lhes dizem respeito. E nesse particular, seja a União quer os Estados, que detêm no Brasil em suas mãos a alta direcção do ensino secundario e superior, ainda estão por fazer a mais pequena tentativa.

Tambem não consta que nenhum dos acerrimos paladinos da prerogativa tenha tomado a mais modesta iniciativa nesse sentido.

Ainda nos achamos, pois, quanto á materia, na phase "inicial", esteril, por que passaram os Estados Unidos e anteriormente foi assignalada. Aguardamos o remedio da lei, e nada mais.

Esse é aliás o traço de união entre os dois campos. Pensa por sua vez o illustre autor da reforma projectada para o conselho municipal do Rio, que mudando o recrutamento do eleitorado, vae chegar a resultados mais acertados. (*)

Poderá, não contestamos, esse eleitorado — o das corporações que representam as varias faces da actividade social do municipio — possuir qualidades que faltavam ao antigo.

Escolherá — quem sabe? — gente mais experimentada e respeitavel. Passariamos assim exactamente á segunda modalidade de opinião que se formou na America do Norte, com as mesmas probabi-

(*) Manda a justiça dizer que em nada de semelhante incidiu o relator do projecto pendente do congresso do Estado. O sr. dr. Alcantara Machado pronunciava no mesmo dia, quasi á mesma hora em que falavamos ao Gremio, a mais intelligente defeza da medida proposta, reduzindo-a á sua justa importancia e demonstrando uma comprehensão do assumpto pouco commum entre nós.

lidades de chegar ao insuccesso que alli foi verificado. Basta ter acompanhado a marcha, a sequencia da acção que lá foi preciso desenvolver até, emfim, se poder chegar a resultados apreciaveis, para se aperceber do que nos esperaria.

E' mister que nos convençamos da realidade. Emquanto os alumnos das nossas escolas, mórmente das superiores, sahirem, como sahem, quasi sem idéa do que seja o problema municipal de conjuncto, emquanto sobretudo, por meio da imprensa e dos outros meios de propaganda, não se incutir no espirito do publico, e o que mais é, no da classe dirigente — que quasi por completo o ignora — o que é esse problema, quaes os seus aspectos, importancia e complexidade, nada de util e proficuo será conseguido.

Poderemos ter abertas no horisonte escuro; a acção de um homem de qualidades fôra do commum será, de quando em vez, capaz de assignalar a sua passagem pela administração alcançando resultados tanto mais admiraveis quanto, quasi sempre a maior parte de esforço lhe pertencerá em absoluto.

Têm já sido registados casos desses. São excepções á regra. Esta, quasi unanime, é a de deixar situações difficeis e onerosas para os vindouros, em opposição ao que a experiencia technica do momento já permite evitar. Os incidentes por nós publicados anteriormente, a respeito do plano de melhoramentos de S. Paulo e da criação da capital mineira, falam mais alto por si do que quaesquer commentarios que porventura provoquem.

Mostram elles o que nos está faltando por completo, de alto a baixo, sem que ninguem pareça dar por isso. Ainda neste momento, na fundação da escola de Altos Estudos, na capital da União, se cuidou, e muito assisadamente, na educação do nosso pessoal diplomatico e consular. Naquelle de que estão carecendo os nossos municipios não se pensou comtudo. E entre os dois aspectos da actividade nacional deixo á imparcialidade dos competentes decidir qual é mais premente e digno de interesse.

Sirva-nos de consolo saber que já outros, no nosso continente, praticaram o mesmo erro...

Mas que nos não seja levado a mal fazermos votos e jogarmos a nossa pedra para que a experiencia desses, que tão cara lhes custou, nos faça arrepiar carreira, quanto mais cedo melhor.

Setembro, 1916.

V. DA SILVA FREIRE.

RESENHA DO MEZ

MONOLOGOS

Houve tempo em que certos espiritos refinados, ou com pretensões a isso, gostavam de exaltar a Dansa á dignidade de arte de primeira ordem. Não lhes faltava argumentos, e até argumentos impressionantes. A Dansa era uma das primeiras manifestações humanas da arte; irman da Poesia e da Musica, procurava, como uma e outra, traduzir a belleza através de emoções. Ao numero e ao rythmo daquellas duas irmans, casava as harmonias visuaes das artes plasticas, a graça das attitudes nobres, aladas, o prestigio festivo da côr. Fundiam-se nella, pois, numa como synthese, em minutos de supremo prazer esthetico, todos os encantos e todos os amavios da Poesia, da Musica, da Pintura e da Esculptura, das artes dynamicas e das artes estaticas, — mas, para maior gloria, para mais rara valia e mais divino esplendor, ella reunia ainda todos os encantos da Arte ao grande, ao profundo, ao perturbador encanto da Vida. Emfim, não faltava materia para argumentação aos novos esthetas. Mas a principal razão por que elles proclamavam com entono a superioridade da Dansa não era nada disso. A razão principal estava em que a opinião cheirava a paradoxo — e ha espiritos que só gostam de pensar por paradoxos. Costuma dizer-se que apenas os philosophos pensam verdadeiramente, e que o resto

dos homens constitue o eterno rebanho incapaz de outra coisa que repetir o que já foi dito. Isto é apenas meia verdade. O immenso rebanho humano divide-se em dois ramos: o dos espiritos que só acham bem pensado aquillo que já foi pensado antes delles e o dos espiritos que só acham bem pensado aquillo que ainda ninguem pensou, ou que elles julgam que ninguem pensou. Ha os que só pensam por copia, e ha os que só pensam por paradoxo. Uns e outros julgam que pensam admiravelmente.

Os esthetas da Dansa tiveram continuadores. Dentro de algum tempo já não havia gente chic, gente de gosto e gente de talento que não arriscasse, em cada oportunidade, o interessante paradoxo — com o ar de quem acabava de descobri-lo na vespera. Surgiram dançarinas reformadoras, avançando perturbadoramente, com attitudes extranhas, hieraticas, pelo caminho que os esthetas das salas e dos jornaes abriam calorosamente através da estupidez burgueza. O publico viu, applaudiu — era preciso applaudir — e eis o paradoxo dos precursores posto em miudos para o gasto dos camarotes de segunda ordem, nos intervallos. Universalizou-se afinal a opinião dos esthetas refinados e raros. O paradoxo de hontem é o lugar commum de hoje em dia.

Mas o engraçado é que ainda ha cavalheiros que, repetindo-o, se julgam paradoxaes, que o insinuam nas

conversações com uma pronunciada intenção de *épater*, que o escrevem com a secreta esperança de serem tidos por uns originaes de truz. Ao lado desses, que estão um pouquinho atrasados, ha os mais sagazes — os que já perceberam que o paradoxo deixou de o ser ha bem tempo, e que, para conservar a sua dignidade de paradoxaes perante a propria consciencia, atacam a Dança com idéas radicalmente oppostas ás acceitas, negando-lhe tudo... Qual arte, qual nada! Impostura, é que é.

Uns e outros — á parte o que ha de radicalmente insincero nessas attitudes deliberadas — têm a sua dose de razão. Tudo depende do ponto de vista em que nos collocarmos, ou considerando a questão *in abstracto*, ou tomando-a *in concreto*... — YORIK.

OS NOVOS HORIZONTES DA JUSTIÇA E ASSISTENCIA

(REFLEXÕES PHILOSOPHICAS)

Montesquieu ligando o estudo das leis humanas ás leis naturaes — creava o principio das sciencias moraes, acreditadas de fundamento biologico pelos deterministas puros. Não me cabe nesta oportunidade refutal-os, nem avançar como novidade o caracter psychologico consciente da sociologia. E' o conceito de Durckheim e de Tarde, que, ultimamente, negava á psychologia direitos de cidade (pois a sociedade não é uma entidade objectiva), dando-lhe equivalentes racionais directamente ligados ás leis de imitação proprias ao organismo social e mais caracteristico ainda da sua nova orientação scientifica: acção intermental, psychologia intermental e, finalmente, da inter-psychologia. Fouillé fazendo a analyse interpsychologica do *eu* no facto consciente (*Morale des Idées Forces*), chega, como lembra Gaultier, á affirmacão do facto moral sem postular qualquer differença de natureza entre a consciencia pura e simples, seja a consciencia psycho-

logica, e a consciencia moral. Considerando o facto moral como a expressão transcendente do real, o seu estudo é de alguma sorte psychologico. A evolução progressiva vem confirmar a sua raiz subjectiva — a sua permanente condição de facto humano. O facto moral condicionado á expressão vulgar, racional, explica a sua fatalidade historica, o seu empirismo por assim dizer heroico. E' que elle representa uma somma consideravel de experiencias accumuladas — tendo por si mesmo um valor profundo. Está na tradição a força da consciencia moral, que tão obscuramente vem vencendo no tempo os desequilibrios das suas aventuras e contra-tempos. E' que o facto moral está sujeito aos interesses complexos dos grupos sociaes e ás suas varias fórmulas de sensibilidade. Mas, o facto moral por sua natureza psychologica permite á experiencia humana a criação de novos valores ou valores invertidos, como ensinava Nietzsche. E' a necessidade particular que sentia o philosopho de dar á materia ardente dos instinctos fórmula de sentimentos humanos. Quaes são os elementos de inibição (pois a humanidade não possui uma organização social perfeita e, nem a propria idéa de justiça é compativel com o fundamento permanente da vida, a lucta), quaes os elementos dominadores das impulsões instinctivas? Na nossa civilização actual temos uma só: a lei, embora consciencia e lei sejam duas creações do espirito e não causas preexistentes, como preceitúa Boutroux. Mas, para realizar uma cultura séria do esforço moral, é preciso crêr — crêr no sentido mystico da revelação, do milagre, do divino. E' uma necessidade que se condiciona á necessidade particular do espirito. E' uma justificação provisoria, porém coherente ao nosso ponto de vista restricto quanto possível ao idealismo racional e não uma metaphysica especulativa e theorica, como se deu com o socratismo. Com applicação directa aos phenomenos sociaes, a sociologia, fórmula de conhecimento, temos de fazer naturalmente uma dissociação de

idéas. O espirito critico destróe o fundamento do idealismo, tal foi o sentido da philosophia de Kant, que resolve as antinomias como entidades logicas e necessarias, exemptas de contradicção, dando as duas primeiras partes da *Critica da Razão pura*, partes em que Kant faz a psychologia da these e da antithese, uma noção das mais contestaveis da doutrina analytica do mestre de Koenigsberg. Modernamente, para Gaultier, o termo philosophico por excellencia é a antithese. Pelo primado da these Evellin e outros criticos da *Razão pura*, tentam a refutação do idealismo... Era agora a occasião propicia para indagar até que ponto o ideal póde entrar no dominio dos factos?

E' mesmo possivel lembrar a assimilação precaria tão corrente hoje entre sentir e conhecer derivando disto o mysticismo philosophico contemporaneo, a corrente romantica do idealismo bergsoniano, tendo-se aruinado já o pragmatismo de W. James e Peirce. São propriamente philosophias impressionistas. O impressionismo philosophico como o esthetico, é, de alguma sorte, passageiro e falso. Donde resulta insufficiente todo o trabalho intellectual desenvolvido de Kant a Nietzsche: systematisação do personalismo das impressões (Almachio Diniz). Maeterlinck, no seu ensaio sobre a justiça, commenta muito bem o nosso momento philosophico (pragmatismo radical ou idealismo racional?) e assegura que em politica, como em literatura, como em philosophia, como em todas as sciencias, o observador vae vencendo o imaginativo. E' a noção da experiencia que se affirma essencial ao conhecimento. E' a fortuna singular do empirismo armado. Servir a propria cultura da moral os meios empiricos! Justificada a dissociação do conhecimento do moralismo, deste da ideologia, temos precisado a attitude final dos metaphysicos racionalistas — dominados pela exaltação apaixonada da vida como fonte de alegria e belleza (passagem da sensação á percepção), vendo no phenomeno esthetico o instincto social por excellencia, o instincto da representação. A

propria materia, pela sua alma que é o movimento, dá, em ultima analyse, esta emoção do continuo — que é o fundamento consciente da intuição bergsoniana. Agora, feito o equilibrio dos themas philosophicos necessarios á comprehensão da materia, do eu consciente, da lei de dissociação implicando a noção de progresso, pudemos melhor analysar e julgar da importancia philosophica da ultima conferencia do sr. Ataulpho de Paiva, sobre os novos horizontes da Justiça e Assistencia. O illustre conferencista se inscreve com a corrente dos evolucionistas que consideram a justiça como o principio geral do progresso, preceituando que, "ao conjuncto da evolução da vida social, deve estar inteiramente ligado o da evolução do direito". Logo após apura e identifica a concepção moderna do direito com o conceito do progresso e discute brillantemente as opiniões dos sociologos modernos inscriptos contra a sua these, em particular Fagniet, que faz sentir não haver *progresso*, e sim, *progressos*, o que no fundo resulta um paradoxo. Desenvolve o conferencista a sua these confirmando a sua idéa de progresso, transformado numa necessidade, numa verdade. Proseguindo e desenvolvendo conscientemente o seu thema, bem amparado pelo raciocinio natural ao fundamento logico da questão, o orador, seguro da sua orientação scientifica (empirismo objectivo) embora disfarçando a emoção intellectual, que é a vida e a alegria do pensamento, e pois a sua harmonia e belleza, não esquece na pesquisa racional da verdade a observação directa, como methodo psychologico de estudo dos problemas sociaes e moraes. Mas, faltando ao equilibrio espiritual, no desenvolvimento da sua these, o conferencista diz ser a solidariedade a caracteristica singular dos tempos modernos, o que na nossa opinião póde ser considerado como uma visão politica transcendente, nunca como uma realidade philosophica essencial. A lucta é o caracter permanente da vida social — a sociedade sendo um organismo vivo!

Chegamos, finalmente, ao ponto culminante da erudita conferencia do

sr. Ataulpho de Paiva — o centro de projecção mental dos novos horizontes da Justiça e Assistencia, aos tres grandes factores das novas instituições sociaes: o *internacionalismo*, o *mutualismo* e o *solidarismo*. O internacionalismo é um facto, de accordo. O mutualismo, que o orador assignalou ha tempos como uma necessidade moral (o sentido da vida é de essencia moral), para a defesa social dos humildes, faz a sua trajetoria em linha recta, vencendo assim o caminho mais curto. Emfim, assignalando a intermittente crise do pacifismo, o orador proclama, com o seu ardente optimismo, sonhador activo como é, a sua força moral vencedora na consciencia collectiva dos povos. E' o pacifismo scientifico, racional, o que trata de melhorar a acção de um modo intelligente. O pacifismo armado, procurando systematizar as forças elementares, cahoticas e violentas da natureza. O orador mostra que existe esta corrente de cordialidade no nosso paiz, servidor, desde o imperio, das causas nobres e santas, quaes as da justiça e do progresso. "O sonho ha de caminhar parallelamente á acção", é um dos pensamentos mais felizes do orador, de onde se prova a sua visão interior espiritualizada. Não é difficil assim explicar a sua larga sympathia humana, pois a sua vida interior se transmuta na vida social. A sua expressão é feliz (*curiosa felicitas*, como dizia Petronio, um puro parnasiano da antiguidade latina). Em synthese é este o seu schema psychologico: intelligencia constructiva, fé no racional, optimismo pela consciencia dos valores humanos, tendencia ao divino inconsciente, equilibrio nas razões de ordem intellectual, sentimento apurado da fôrma, com o limite da realidade, sem a ironia e a duvida que são as formas de nostalgia do infinito. O seu pensamento é no fundo de essencia pragmatica e considera os problemas sociaes — as attitudes immanentes da alma, da vida e da morte, como dizia Carlyle, condicionados á suprema Justiça. A tragedia da vida, é, pois, para elle, de essencia moral. — C. V. L.

BIBLIOGRAPHIA

JAKSON DE FIGUEIREDO: *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito* (Profissão de fé espiritualista) — Rio de Janeiro — Typ. da "Revista dos Tribunaes" — 1916.

A apreciação do presente volume é tarefa complicada. Elle intitula-se, tem por motivo e encerra reflexões sobre os livros de Farias Brito. Mas a critica (no caso, simples noticia de calendario) não é chamada a dizer sobre estes, senão a contar, e por maior, quanto sabe das "Reflexões". O intuito do noticiaria é esse mesmo. Tambem nisso está a escusa de sua pressa...

Ha almas que parecem votadas á adoração. Por muito que este instincto se disfarce, a necessidade de adorar reponta sempre, como forma incoercivel de sua actividade. Jackson de Figueiredo é assim, em extremo afeiçoado a querer bem. Todo juizo, nelle, parte do affecto. Do affecto por si mesmo e do affecto pelos outros. Desta intensidade emotiva, dimana o feitio do livro, que é, antes de tudo, um *laudatur* ao escriptor cearense. Depois, no correr do trabalho, dominando-o, certo tom pessoal, no sentido de uma preocupação de abrir, á indifferença do leitor, refulhos da propria alma. As "Reflexões" se assemelham, por este modo, a um schema de vida emocional. L. Stein criou, para typos deste molde, a denominação de *confessores*, porventura simples euphemismo, atraz do qual se divisa o *dilettante*, tão bem desenhado por Goethe como sendo o espirito em que se cruzam, *immediatamente*, *technica* e *fantasia*. Tal a impressão que se recebe de phrases onde, subentendida a consciencia, fala o A. de "realização do divino", "divino imperfeito", e de outras em que elle, voltando os olhos para o mundo do seu espirito, se confessa, ao mesmo passo, crente e atormentado por uma duvida infinita. Velhos aspectos de idéas de Fichte, feitas, a seu despeito, singularidades exquisitas, depois que o

romantismo estendeu até á philosophia as azas potentes da imaginação. Filiado a esta escola de pensamento e de expressão, é natural que o A. não escapasse á visão hegeliana do mundo, embora lhe não seja familiar a obra do grande dialectico. O *processus* de Hegel encontrou agasalho no conceito da evolução — esforço permanente do cosmos para adquirir consciencia de si mesmo (pg. 63) — conceito, creio eu, de intelligencia difficil, senão impossivel, fóra dos cyclos hegelianos...

Por estranho ao convivio de guias eminentes, mesmo daquelles de que mais devera approximar-se, como Fichte, Schelling, Hegel, Schlegel, adstricto a receber de segunda mão, desfigurado, o material de trabalho, pecca, muita vez, o A., assim no criticar o escriptor cearense, como nos juizos que aventura sobre espiritos de mais peso e vulto. Falhas, e não pequenas, encerram, por exemplo, as palavras de commentario á philosophia de Kant (pags. 45 e 121); de todo em todo ingenuas se me afiguram as observações a respeito ao já caduco *genís generalissimum* (pgs. 38 e segs.).

A'quelle descaso pelo convivio proveitoso dos grandes mestres, juntam-se, porém, um inexcédível desvelo por Novalis e um absorvente apêgo ás theorias d'elle. Idéa já em Novalis contida, ha de ecoar aqui, nas "Reflexões" de Jackson de Figueiredo. O "idealismo magico" do torturado cavalleiro da *blaue Blume*, esplendido cantor da noite e suas sombras, resurte nas paginas do escriptor patricio, inteiro, indivisivel, integral.

Num e noutro, no progono e no epigono, o mundo se reflecte como "uma imagem symbolica do espirito", de cuja conquista resulta; o "amor é o amen do universo"; a imaginação exerce o grande poder, e a arte representa o grau maximo da evolução abstracta. Adiante. Para Jackson, Deus é o supremo refugio. A intelligencia humana conhece-o, porque, entre ella e Deus, se interpõe, ligando-os, o infinito (pag. 36). Aliás, tal conhecimento seria impossivel, consoante lição de Malebranche. "Deus quer deuses", disse Novalis. Noutra pagina, entretanto, essa

idéa recebe expressão differente, o que leva duvida á segurança do systema. Aqui, o principio divino despe os effeitos de entidade suprema, de que o "pensamento é uma fulguração", para cahir na trivalidade do *noumenon*. Qual dessas hypotheses a melhor, não o sei dizer. No primeiro caso, se procuro na intelligencia humana o ponto de partida, sou forçado a attribuir ao Deus imaginado precariedade e limitação; se, ao revez, affirmo a identidade entre Deus e *noumenon*, estabeleço uma determinação, o que equivale á negação de noumenalidade. *Noumenon* não é uma cousa, nem entidade. Do ponto de vista do conhecimento, o enigma não se deixa decifrar. Philosopho já houve que poz, á evidencia, sob os olhos da avidez humana, os perigos de tentativas congeneres, que todas fracassam, ao embate de paralogismos, antinomias e demais escolhos, que a razão conhece e a fantasia não alcança...

Jackson de Figueiredo, fiel ao seu modelo, contorna então o problema, impondo á idéa um elemento emocional e sujeitando a razão á fé. O sentimento é a fonte unica do nosso conhecimento (pag. 65) e, ao mesmo tempo, uma fulguração de Deus. Seu mestre, Novalis, disse-o com mais simpleza: "A esphera do espirito é o dominio do milagre". E Deus é, afinal, a fulguração de minha fé. Ainda aqui se encontram mestre e discipulo...

A educação religiosa, recebida pelo A. em collegio protestante, não lhe passou pela alma, ao que parece, com a violencia das tempestades intimas; é, porém, assás verosimil della se tenha desprendido, suavemente, gota a gota, a uncção religiosa de sua idéa, o mysticismo que é o traço fundamental nas "Reflexões".

Mas será o mysticismo philosophia?... — F. L.

—
VESPASIANO RAMOS:
Coisa alguma... Rio, 1916 —
Editor, Jacintho Ribeiro dos Santos.

O A. deve ser bem moço: reconhece-se isso porque se percebe sem pena que tem talento — e ainda não

tem individualidade. Quando se tem talento e não se tem individualidade, é porque ainda se é principiante na arte e na vida. Não ha no livro nenhuma nota pessoal forte — um modo particular de sentir as coisas, uma maneira independente de pensar, um geito unico de buscar a expressão propria. O poeta limita-se aos themas communs do emociionismo melancolico deante do amor, dos mysterios do nosso destino, das imperfeições humanas e das agruras da vida; e a sua expressão poetica e phraseologica se molda por typos conhecidos:

Minha mãe! Na existencia dolorosa,
O teu filho, por ingremes caminhos,
— Viajor perdido em selva tenebrosa,
Chora, á falta da luz dos teus carinhos.
.....

Natal. Chego á fazenda. As borboletas
Cruzam-se em frente á chacara. Anoitece.
Ha boninas e rosas e violetas:
Um céu de rosas tudo ali parece.
.....

Inda hoje, e sempre, recordando aquella
Manhã primeira em que nós dois nos vimos,
Quanta saudade que sentimos della,
Quanta saudade que nós dois sentimos!

E assim por todo o livro: um sabor persistente de "coisa já lida", um colorido geral de impessoalidade por tudo, por mais que o poeta fale de si. Mas, se elle é moço, como parece, isto passa. Nos moços, as impressões das leituras recentes, o entusiasmo pelos autores favoritos, o apego exaggerado ás formas exteriores do pensamento abafam frequentemente toda originalidade e toda sinceridade: um dia, porém, o joven poeta se descobre, reentra em si, commovido e espantado de haver fugido tanto de si proprio; e então elle começa realmente a ser um poeta. Façamos votos por que isto se dê, quanto antes, com o sr. Ramos. As suas qualidades de versificador são apreciaveis; o seu verso é em geral fluente, claro, elegante:

Prometteste voltar! Não voltes, Christo:
Serás preso de novo, ás horas mudas,
Depois de novos e divinos actos,

Porque, na terra, deu-se apenas isto:
Multiplicou-se o numero dos Judas
... E vae crescendo a prole de Pilatos.

Podiam multiplicar-se os exemplos.

HELIO LOBO — *A's*
Portas da Guerra — Edição do *Jornal do Commercio*.

Já está publicado o novo livro do sr. Helio Lobo, *A's Portas da Guerra*, de que a *Revista do Brasil* reproduziu, ha mezes, um interessante capitulo.

O joven escriptor e diplomata estuda neste volume, o conflicto entre o Brasil e Uruguay em 1864 a proposito de offensas e agravos de toda ordem, feitos pelos uruguayos aos brasileiros e á nação brasileira.

Esse episodio da nossa historia diplomatica e militar tem uma importancia extraordinaria. Do conflicto com o Uruguay nasceu, ou, por outra, tomou pretexto a guerra do Paraguay; muito delicada foi tambem nessa occasião a acção da nossa diplomacia e preponderante o peso dos nossos recursos militares.

Nada mais lucidativo para o conhecimento das nossas deficiencias e das nossas vantagens, assim de ordem material como de ordem intellectual, do que o exame desse episodio. Opulencia da nossa diplomacia, encarnada superiormente em Silva Paranhos, bravura de nossas forças, representadas pela figura heroica de Tamandaré, desorganisação completa do nosso aparelho militar, attestada pela deploravel invasão do Uruguay e ausencia de educação politica, revelada pela demissão brutal e injustificavel de Silva Paranhos, ahi estão algumas das lições que, do ponto de vista brasileiro, se colhem desse exame. Outras ha importantes tambem, mas bastam essas para tornar atrahente e significativo o estudo desse capitulo da nossa historia.

Já é conhecida — e apreciada — a maneira sobriamente distincta com que o sr. Helio Lobo escreve os seus trabalhos de historia. Despido de fantasias e declamações, o seu estylo, sempre sereno e medido, talvez um pouco frio, frieza aliás calculada e procurada, a frieza do motivo, torna-o um narrador substancioso e elegante na sua brevidade, que se acompanha com muito prazer e que se deixa com muito pezar. Ao criterio de historiador allia-se nelle uma dóse

elevada de sentimento artistico, de sorte que a documentação dos seus trabalhos, por abundante que seja, e sempre o é, nunca produz no leitor essa impressão de fadiga e aridez que constitue a atmospheria natural dos relatorios officiaes e dos livros de erudição feitos sem talento literario. Os seus trabalhos são solidos mas não são pesados.

O volume *A's Portas da Guerra* lê-se de uma assentada, sem saltar uma nota e sem contornar uma transcripção...

O livro inteiro é interessante e de principio a fim tratado com o mesmo cuidado. Merecem destaque, entretanto, os capitulos *Sós na America*, *Desarmados* e todos os que se referem a Rio Branco e á sua missão no Prata.

MOVIMENTO ARTISTICO

THEATROS

Isadora Duncan visitou o Rio e S. Paulo este mez. A impressão geral foi grande e forte, e o publico, se não proporcionou enormes *casas* á artista, sobretudo em S. Paulo, lhe fez entretanto um acolhimento intelligente e cordial. E' impossivel, porém, como sempre acontece em coisas de arte, muito misturadas sempre de moveis extranhos, entre os quaes avultam os criados pelo snobismo social e pelo cabotinismo literaria, saber-se até que ponto a dançarina americana agrada intimamente ao frequentador *médio* dos theatros.

A nossa opinião é que Isadora Duncan é uma creatura extraordinaria, um *caso* raro de hipertrophia da sensibilidade esthetica num dado sentido. Essa hipertrophia levada a um certo ponto é o que constitue o genio, e não será absurdo enxergar genialidade nessa mulher que tem tão penetrante e mysteriosa intuição da belleza antiga, e que a traduz, originalmente, dando movimento, emoção e vida ao que só vemos immoto e frio nos primores da estatuaria e da pintura. Mas a doutrina

de arte que ella parece pregar, e que sobretudo pregam os seus entusiastas, para justificar, elevar e propagar o culto da dansa como expressão de estados de alma e de idéas, — isso é que deve ser acolhido ainda com cautelosas reservas.

Estreou a 21, a Grande Companhia Lyrica de que é primeira figura Maria Barrientos. Como a nossa *Revista* já estava a entrar para o prélo, só no numero seguinte poderemos referir-nos á temporada lyrica em São Paulo.

MOVIMENTO LITERARIO

Acabam de apparecer dois livros de valor: a *Historia da Literatura Brasileira*, obra posthuma de José Verissimo, e *Ironia e Piedade*, varios escriptos de Olavo Bilac, edições da Livraria Alves. A *Historia da Literatura*, composta com aquelle amplo conhecimento dos assumptos, rigorosa probidade e desapaixonada isenção que caracterizam a obra critica do illustre amazonense, é, com certeza, e seja qual fôr o julgamento que se faça das idéas e opiniões expostas, um livro precioso, como bem poucos têm sahido de mãos de criticos no Brasil. *Ironia e Piedade* é um collar de deliciosas chronicas e divagações, feitas com muita alma e muita forma, como tudo o que sae das mãos do nosso grande poeta, que é tambem um grande prosador.

A proposito: estes dois livros surgiram sem o mais leve ruido. Algumas rapidas linhas de noticiario em um ou outro jornal, e mais nada. Isto, num paiz onde se faz tanto rumor em torno de quanto folheto surge a lume com assignaturas desconhecidas, constitue um contraste chocante e inexplicavel. Mas não é dos jornaes a maior culpa: a grande culpa é dos editores, que ainda não se convenceram de que o commercio de livros precisa absolutamente,

como todo commercio, de annuncio e de *rêclame*. Não é com meia duzia de linhas em tres ou quatro jornaes que se ha de levar a todo o publico ledor do paiz a nova do apparecimento de um livro, muito menos mover a curiosidade e despertar o interesse dos refractarios. E' indispensavel chamar a attenção do publico, insistentemente, por intermedio da imprensa, do prospecto, da circular, do *affiche*, de todos os meios decorosos. Nada disto se faz, — mas depois proclama-se que o publico não lê, não sabe lêr, não quer lêr.

A recepção do poeta Goulart de Andrade na Academia Brasileira effectuar-se-á no dia 30 do corrente.

São candidatos á eleição, nas vagas existentes na mesma Academia, conforme se verificou no encerramento das inscripções: o sr. Barão Homem de Mello, na vaga de José Verissimo; os srs. Miguel Couto e Oscar Lopes, na de Affonso Arinos; o sr. Ataulpho de Paiva, na de Arthur Orlando.

Está-se imprimindo nesta capital um livro de sonetos de Guilherme de Almeida — “Nós”, com illustrações de Corrêa Dias. Esse livro, lido, ha dias, perante um grupo de homens de letras e amigos do autor, na redacção do “Estado”, causou excellente impressão.

O interessante trabalho do sr. dr. Alberto Seabra — “Os versos aureos de Pithagoras”, que é uma série de conferencias, será editado em volume logo que se termine a publicação nesta revista.

Devem realizar conferencias literarias, ainda este anno, na Sociedade de Cultura Artistica, desta capital, os srs. Alfredo Pujol, Alberto Faria, Alberto de Oliveira, Medeiros e Albuquerque e Oliveira Lima.

A mesma Sociedade, que já publicou dois alentados volumes de conferencias realizadas sob os seus auspícios, deu á composição mais um volume, consagrado inteiramente á bella serie de Affonso Arinos sobre “Lendas e Tradições Brasileiras”, e dará começo ao quarto volume logo que o sr. dr. Alfredo Pujol termine a sua brilhante serie sobre Machado de Assis.

LIGA DA DEFESA NACIONAL

Fundou-se no Rio de Janeiro, a *Liga da Defesa Nacional*, graças á iniciativa dos srs. Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon. A primeira directoria da Liga é esta: Presidente, o sr. Wenceslau Braz, presidente da Republica; vice-presidentes: general Caetano de Faria, ministro da Guerra; vice-almirante, Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha; Dr. Pandiá Calogeras, ministro da Fazenda; conselheiro Ruy Barbosa, conselheiro João Alfredo, monsenhor Vicente Lustosa de Lima, dr. Pedro Lessa, dr. Miguel Couto, dr. Miguel Calmon e dr. Gabriel Osorio de Almeida. Thesoureiro, Affonso Vizeu. Secretario geral, Olavo Bilac.

Essa directoria foi eleita no dia 7 do corrente mez, quando se effectuou no salão da Bibliotheca Nacional, a primeira reunião do directorio organisador. Dizendo os fins da Liga, falou o sr. Olavo Bilac:

“O paiz já sabe, pela rama, o que esta Liga pretende fazer: estimular o patriotismo consciente e coesivo; propagar a instrucção primaria, profissional, militar e civica; e defender: com a disciplina, o trabalho; com a força, a paz; com a consciencia, a liberdade; e, com o culto do heroismo, a dignificação da nossa historia e a preparação do nosso porvir. O intuito principal dos que nos animam é este: a fundação de um centro de iniciativa e de encorajamento, de resistencia e de conselho, de perseverança e de continuidade para a acção dos dirigentes e para o labor tranquillo e assegurado dos

dirigidos. O patriotismo individual, a crença pessoal, a consciencia propria nunca estiveram ausentes do maior numero das almas brasileiras. Mas esses sentimentos oscillam e vacillam numa vaga dispersão; e, nessa mesma dispersão deploravel, perdem-se e dissipam-se os esforços isolados. A extensão do territorio, a pobreza das communicações, o accordo pouco definido de uma federação mal comprehendida, a mingua da ventura em muitos sertões desamparados, a inopia da instrucção popular sustentam e aggravam esta desorganização. A descrença e o desanimo prostram os fortes; o descontentamento e a indisciplina irritam os fracos; a communhão enfraquece-se. E' tempo de protestar e de reagir contra esse fermento de anarchia e essa tendencia para o desmembramento. O protesto e a reacção estão nesta Liga, cujo titulo é claro e synthetico. A defesa nacional é tudo para a Nação. E' o lar e a patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrucção; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica, a poesia e a philosophia; a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade. Todo este programma vasto e complexo não pôde ser estudado e esclarecido pela minha palavra incompetente. Fundada a Liga, devemos hoje confiar-vos esta missão altamente nobre. Pedimos ás vossas luzes um estatuto para a Liga, e um corpo de doutrinas e de exemplos, de boa palavra e de boa acção, que sejam guia e conforto para o governo e para o povo. A's vossas mãos entregamos toda a segurança do Brasil. Quize-mos que esta primeira reunião do directorio central se realizasse neste dia. Assim celebraremos, sem solenidade, mas com o simples e sereno respeito dos verdadeiros crentes, o anniversario da Independencia. E quize-mos que esta celebração se fizesse neste lugar, — a casa dos livros, o templo das idéas, — cerebro do Brasil. Na minha consciencia,

e na humildade da minha fervorosa esperanza, acredito que este dia será, para a nossa historia, o complemento e o remate da obra de 7 de Setembro de 1822. Inaugura-se hoje a victoria da inteira e verdadeira Independencia da nossa nacionalidade.

Recebei com carinho a Liga da Defesa Nacional, criação de Pedro Lessa e Miguel Calmon. Deus vos inspire, e a patria vos abençoe!"

A EDUCAÇÃO NACIONAL

O sr. A. Carneiro Leão realizou nesta capital, nos dias 24, 29 e 31 de Agosto, tres conferencias sobre educação. Versava a primeira sobre "O Brasil e a educação popular". O conferencista, depois de mostrar a situação social, economica e moral do paiz, affirmando a urgencia de educar o povo na escola do trabalho, na pratica da acção, no culto da energia, no desenvolvimento das qualidades individuaes—factores unicos e seguros para a formação de uma nacionalidade poderosa—patenteou o desastre da nossa orientação abandonando a massa á ignorancia e dirigindo a minoria para as profissões publicas. E assignalou a necessidade de iniciativa, de acção perseverante, virtudes sómente adquiridas numa educação pratica que procure, antes de tudo, animar o homem a não contar senão comsigo proprio, a não esperar pelos outros, a ser capaz de se desembaraçar, de se affirmar sozinho. Diz sympathisar com os processos e methods de ensino paulista, mas deseja um desenvolvimento maior da educação popular, porque será por ella que se ha de affirmar o Brasil futuramente como uma das mais pujantes nacionalidades. A segunda conferencia foi sobre "Educação Civica". O sr. Carneiro Leão clama pelo alevantamento do amor da patria. Para amar a Patria é preciso, antes de tudo, que a conheçamos. E' pela sua geographia e a sua historia, é pelo cultivo cuidadoso da lingua que chegaremos a esse fim. E' tambem pelo serviço militar obrigatorio, mas deseja que o exercito se edu-

que. As fileiras, como estão, não podem ser ainda esse nucleo de civismo e de reacção contra o afrouxamento nacional. Depois é preciso ver a maneira de executar esse serviço. Se se fosse misturar desordeiros e desclassificados, aos nossos moços, á nossa juventude, obteríamos um desastre, onde esperaríamos uma salvação. Se se fosse arredar dois annos, a fio, dos seus estudos, das suas profissões, dos seus trabalhos, o adolescente patricio, despovoando os campos, perturbando a vida da mocidade brasileira ainda seria um grande mal. Mas, feito por alguns mezes apenas annualmente, ainda que durante varios annos, será uma medida magnifica.

E conclue: — Sem a historia que nos incuta a magnificencia do nosso passado e a geographia que nos mostre os fulgores do nosso paiz, a grandeza do nosso territorio, o serviço militar obrigatorio que nos habitue á cooperação pela segurança da patria e a educação que affirme o direito, a justiça, as verdades liberaes do presente e a esperança de um grandioso futuro, o nosso civismo terá a consistencia das declamações retumbantes e vacias, que não aproveitará nem á patria, nem a declamadores nem a ninguem.

Sobre "Processos de Educação moral" é que versou a derradeira palestra do nosso collaborador. Nella o conferencista dá a sua opinião sobre a maneira de orientar e conduzir o individuo desde o berço e a escola, atravez as vicissitudes da vida. Insurge-se contra o exclusivismo do ensino moral abstracto, entendendo que a educação moral deve depender das condições vitaes psychicas e do meio em que vivem os educandos. Cita varios episodios, innumerables observações curiosas e convincentes de psychologos, educadores e moralistas em auxilio de sua these. E termina dizendo que os meios suggestivos são sempre salutaes quando a vitalidade está em condições de consentir que elles actuem. Nesse momento, então, os actos da vida diaria, uma leitura, o commentario de um facto, tudo é rico em motivos moraes e todo o educador

poderá e deverá saber encontral-os e mostral-os aos seus educandos.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

A COMEDIA ORTHOGRAPHICA

Ha tempos, o glottologista Brunot foi encarregado pelo ministro de Instrucção da França de apresentar um plano de reforma da orthographia. Apresentou-o. Tal foi, porém, a opposição que se levantou contra a proposta do illustre scientista, que acharam prudente deixar o projecto dormindo na pasta ministerial. Saliaram-se nessa campanha os literatos, que lá, como em outras partes, ainda se têm na conta de unicos defensores e guardas da sua lingua, — idéa que tinha a sua razão de ser ha um seculo atraz, quando se julgava que as linguas se *fixam* ao atingirem um certo grau de perfeição *literaria*, mas indefensavel desde que se constituiu a sciencia da linguagem. As principaes objecções eram as seguintes:

A reforma pretendia fazer a orthographia andar mais de pressa do que a lingua (objecção de Berthelot). — Ora, a verdade é que o autor do projecto pretendia apenas que a orthographia não permanecesse tão atrazada em relação á marcha evolutiva da lingua: a orthographia actual é com pouca differença a mesma do seculo XIII, e nesse periodo de setecentos annos a lingua mudou muitissimo. Basta recordar que Joinville escrevia *moi*, eu, e pronunciava *mo-i*; escrevia *mains*, mãos, e pronunciava *ma-ins*. Hoje, pronuncia-se *moá*, *men*, e escreve-se da mesma forma que nos tempos de Joinville.

A reforma desfiguraria a lingua. — O contrario é que era verdade: a orthographia actual é que desfigura a lingua, não só porque está atrazada de sete seculos em relação a ella, como porque, reagindo sobre a pronunciação de muitas palavras, lhes modifica indebitamente a for-

ma, reintroduzindo nellas sons já desaparecidos ou emprestando-lhes sons que ellas nunca tiveram (como em *dompter*, onde um errado zelo etymologico collocou um p injustificavel).

A reforma era anti-etymologica, e a etmologia deve ser a base de todo systema orthographico. — Tambem não é verdade que a reforma fosse anti-etymologica. Em certo sentido, nenhuma orthographia pode deixar de ser etymologica. Quer se escreva *lais* ou *lé*, a palavra é a mesma e a sua origem não pode ser obscurecida. Haveria até vantagem para os etymologistas em escreverem-se os vocabulos como se pronunciavam, porque assim os erros e fantasias orthographicas não os levariam a perder a pista ás formas evolutivas que estudassem. Demais, isto de etymologias não tem nenhuma importancia pratica para o commun dos homens. A maior parte destes podem aprender a escrever *doigt* com *gt* e *philosophie* com dois *ph*, mas nem por isso ficar sabendo de onde vieram esses vocabulos.

A reforma rompia com a tradição. — Ao contrario; ella procurava fazer que se voltasse á velha tradição de todas as linguas, interrompida modernamente: considerar a orthographia como uma simples vestimenta da lingua, sem direitos proprios, obrigando-a a accomodar-se quanto mais ao corpo a que se destina.

A reforma era de um phoneticismo exagerado. — Outro erro: não era "phonetica" e reforma proposta. A orthographia phonetica, systema em que a cada som corresponde um unico signal e a cada signal um unico som, não pode ser usada pelo publico, por sua complicação, e ninguem sabe disto melhor do que os linguistas, que empregam o systema nos seus trabalhos scientificos especiaes, quando tratam de distinguir com certo rigor as numerosas differenças de sons existentes na lingua.

Por fim, surgiram objecções sentimentaes, como a dos que se oppunham á abolição do y porque esta letra, além de outras virtudes, suggeria logo a forma do *lys*... A ob-

jecções dessa ordem nada ha que dizer. São irrespondiveis.

Ha cerca de dez annos, a Academia Brasileira adoptou uma reforma proposta por certo grupo de academicos, á frente dos quaes se achava o sr. Medeiros e Albuquerque. Essa reforma, entretanto, não foi acceita officialmente, não logrou ser seguida senão por poucos escriptores, e entre estes nem estavam sequer todos os academicos. Quatro annos depois, surge a reforma portugueza, elaborada por uma commissão de illustres philologos. Adoptada officialmente e obedecida pela maioria dos jornaes e dos escriptores, essa reforma encontrou no Brasil a mesma opposição que em França se levantou contra o projecto Brunot. Reeditaram-se aqui todas as objecções levantadas em França contra esse projecto. Para responder aos adversarios de cá bastaria recapitular a discussão travada varios annos antes naquelle paiz. Assim, a reforma portugueza, que devia ser acolhida, a querermos razoavelmente agir, como uma pequena sorte-grande que nos livraria de uma situação de desordem desagradavel e prejudicial, naufragou por completo no Brasil. Continuamos a ser o unico paiz do mundo civilisado onde cada um escreve como lhe parece, onde nem sequer nas escolas officiaes se observa um systema orthographico unico.

Ultimamente, a Academia resolveu estudar a reforma portugueza, parece que num intuito de accordo. Mas é pouco provavel que se consiga esse effeito. Por um lado, a opposição já se levanta de novo por todos os cantos, destruidora, tenaz, e por outro lado a Academia, autora de um plano, difficilmente se resolverá a abrir mão do seu, anterior em data, para acceitar o extranho. Entretanto, se ella se collocasse num ponto de vista elevado, como o dos interesses superiores da lingua e da literatura, seria facil a conciliação. Partiria do principio que todo systema orthographico deve ter por objectivo servir a quantos escrevem em lingua portugueza, e portanto deve regular-se, não pela pronunciação de Lisboa, do Alemtejo, do Minho ou do Rio de

Janeiro, mas por todas ellas, procurando, não represental-as todas, mas a todas accommodar-se. Ora, sob este criterio, a reforma portugueza é superior á brasileira. Considerado isto, e ainda que aquella já está officialmente adoptada em Portugal e já é lá seguida por toda a gente, nada ha de melhor a fazer do que saltar por cima de preocupações estreitas e perfilhal-a sem restricções. Allegam alguns que os portuguezes a fizeram sem se incomodar com o parecer dos brasileiros competentes, sem consultal-os, como que resolvidos a impol-a. Será melhor, por todos os motivos, que não se leve a questão por esse caminho. Limitemol-a ao seguinte: a reforma portugueza é boa, ou não é? Accommoda-se, ou não, aos habitos prosodicos dos brasileiros em geral? Se sim, adoptemol-a logo. Se não, — tambem será preferivel adoptarmol-a, ainda que com alguma restricção, a continuarmos na anarchia deploravel em que vivemos; porque emfim é um systema, e um systema bem feito, e um systema que garantirá a unidade orthographica nos dois paizes. Demais, se formos entrar em considerações extranhas ao merito da reforma, talvez tenhamos de reconhecer que antes dos portuguezes andaram mal os brasileiros, pois a reforma adoptada pela nossa Academia é anterior de varios annos á official de Lisboa. Não curemos disso. Tratemos de fazer obra de bons amigos da nossa velha e nobre lingua portugueza, de attender aos multiplos interesses ligados á manutenção da unidade.—(Amadeu Amaral — *O Estado de S. Paulo.*)

CLINICAS ESCOLARES GRATUITAS

Entre as muitas falhas e omissões que de longa data prejudicavam o ensino primario na Capital da Republica destacava-se a que se referia á organização de um serviço regular de inspecção medica nas escolas, architectado sobre bases rigorosamente technicas e dentro das quaes se dispuzessem todos os instrumentos de defesa sanitaria da creança.

A semente dessa organização foi lançada no Districto Federal em 1909. Data dessa época a iniciação no territorio brasileiro do serviço de inspecção medica escolar em cujo plano collaboraram profissionaes de atilada competencia. Suspenso pouco depois esse serviço, em fins de 1915 o professor Azevedo Sodré, que então exercia as funções de Director da Instrucção Publica, o restabeleceu, como um corollario logico do seu complexo programma de remodelação do ensino primario e elementar nas escolas do Districto Federal, dando-lhe a designação de "Inspeção Medica Escolar", que se occupa de todas as questões que interessam a collectividade infantil no seu transcurso pelos estabelecimentos municipaes de ensino. A esse serviço deve-se, porém, addicionar, sem perda de tempo e como complemento logico do benemerito serviço de puericultura nacional, organizado pelos poderes publicos, a criação das clinicas escolares gratuitas, que no Rio de Janeiro terão a função de acudir, de modo pratico e effectivo, á parte indigente ou necessitada da sua população infantil, concedendo-lhe graciosamente o socorro medico, pharmaceutico e até mesmo dietetico, que deve revalidar a sua saude no caso de estar avariada ou combalida. Trabalhando com o apoio moral e material da Municipalidade no interior dos meios pobres, ella exerceria o papel de uma força intelligente e activa, habiamente dirigida contra os factores maximos da mortalidade infantil: a miseria e a ignorancia. Uma vez assignalada pela autoridade sanitaria a molestia ou affecção que priva o educando de comparecer ás aulas, o socorro daquellas clinicas não deve tardar.

A organização das Clinicas Escolares gratuitas no Districto Federal é uma necessidade inadiavel, que não pode ser discutida nem impugnada, se fôr levada em linha de conta a grande massa de crianças indigentes ou quasi indigentes que frequentam annualmente os estabelecimentos de ensino da Municipalidade. Em 1916 a cifra das matriculas subiu a ...

67.985, não sendo fóra de acerto deduzir desse total cerca de um terço de escolares reconhecidamente pobres.

As Clinicas Escolares Gratuitas, do mesmo modo que a assistencia dentaria, encarada pelo seu valor prophylatico, e as Colonias de férias, promettidas aos infantes convalescentes e deprimidos, lymphaticos e debilitados, são, neste momento em que todos os paizes cultos defendem a vitalidade dos seus filhos, procuram melhorar a sua raça, amparam as classes proletarias e dão combate á indigencia e ao egoismo, um instrumento prestimoso, porquanto salvando as crianças pobres das garras da morte, reabilitam valores sociaes que não devem ser annullados, protegem unidades economicas em formação e que não podem sair da circulação, sob pena de abalarem os creditos e o progresso das nacionalidades novas a que pertencem. (Dr. Luiz Barbosa — *Jornal do Commercio*).

HOMENS

E COISAS ESTRANGEIRAS

O IMPOSTO SOBRE A RENDA

O typo mais perfeito do imposto geral sobre a renda, e aquelle em que a fiscalisação é levada ao limite extremo, é o *Einkommensteuer* vigente na Prussia. Esse imposto sobre a renda tem varios defeitos, entre os quaes: a obrigatoriedade da declaração, a taxação arbitraria e os poderes discricionaes dos agentes publicos. Apesar do rigor das medidas coercitivas, de tres declarações uma é contestada. E, o que é mais, o imposto não dá grande lucro ao Estado. "E' preciso reconhecer, escreve o sr. Caillaux, que em theoria o imposto allemão sobre a renda é quasi perfeito. Infelizmente, o systema ideal da declaração produz, na pratica, resultados bem mediocres". Effectivamente, em theoria o *Einkommensteuer* seria propriamente a forma ideal do imposto sobre a renda, se, no interesse das finanças publicas não fosse necessario verificar a declaração obrigatoria dos

contribuintes. O fisco prussiano possui illimitados poderes para conhecer o total das rendas de cada individuo; e o contribuinte é abandonado ao poder discricional da administração publica, que lhe pôde violar a liberdade individual e até o segredo dos negocios. Esse imposto é, em summa, a expressão do que ha de mais duro e mais rigido numa legislação fiscal; e representa, sob a forma moderna, um estado de escravidão, de absoluta dependencia da personalidade humana á autoridade legal. O *Einkommensteuer* não é uma innovação fiscal dos nossos tempos: ao contrario, a sua origem é bastante remota. Já em 1812 o systema de declaração fiscalizada era admittido na Prussia, com penalidades severas, tanto que a metade do capital occulto podia ser confiscado. A resistencia encontrada na primeira tentativa persuadiu o legislador a renunciar ao imposto. Em 1820 recorreu-se a uma divisão em classes e subclasses, devendo o contribuinte, a juizo do fisco, inscrever-se numa classe ou noutra. A cada subclasse correspondia uma taxa uniforme. A primeira lei do imposto sobre a renda na Prussia foi promulgada em 1852 e modificada em 1873, depois da abolição dos diversos impostos de origem feudal. Finalmente, em 1891 a declaração voltou a ser obrigatoria. Essa declaração e a verificação della constituem presentemente a base do systema prussiano. Ha commissões especiaes que conservam o contribuinte sob uma rigorosa fiscalisação. E no emtanto, a fraude é frequente. "Adquire-se a convicção de que numerosas declarações são inexactas e que a maioria dessas declarações falsas não é contestada", confessa um conhecido politico. Ha casos, além disso, em que é difficil mesmo ao contribuinte mais consciencioso, avaliar com certeza os lucros de uma empreza commercial ou agricola. E como consequencia de tudo isso registrou-se, em 1912, sobre uma renda taxavel de 16 bilhões de marcos, apenas a somma de 377 milhões recolhida para o imposto sobre a renda.

Mais do que o exemplo da Prússia, porém, os partidários do imposto total sobre a renda, citam o da "livre Inglaterra", que apresentam como o modelo das nações submettidas a esse imposto. Entretanto, quando se considera imparcialmente o systema do *income tax*, se constata que o povo inglez não está ainda bem habituado a tolerar-o, e que, sob muitos aspectos, seria preferivel o antigo systema da França. O *income tax* foi introduzido na Inglaterra em 1799 para sustentar a lucta contra Napoleão; e, apesar da elevada taxa de 10 % deu apenas 150 milhões, contra a expectativa de Pitt que contava com 250 milhões. Em 1801, com grande satisfação do povo, foi supprimido; mas, em 1803, reencetadas as hostilidades, appareceu o imposto cedular, que occasionou a mais profunda aversão. Em 1815, lord Brougham acabou com esse imposto, prometendo que, na Inglaterra, nunca se veria outro semelhante. Todavia como em 1840 as finanças do paiz não haviam melhorado, e depois de uma violenta crise industrial e operaria, Robert Peel restabeleceu o *income tax* para um periodo renovavel de tres annos; e até os ultimos tempos esse imposto não se havia incorporado na lei do orçamento, mas era objecto de um voto especial.

A Historia dá sufficiente testemunho das difficuldades encontradas pelo fisco, mesmo na Inglaterra, para estabelecer o imposto sobre a renda. O *income tax* cáe sobre as rendas nas suas proprias fontes: o inquilino deve descontar o imposto do aluguer que paga ao senhorio; o industrial dos salarios que paga aos operarios e empregados; o banqueiro dos titulos que paga aos clientes. E' um imposto cedular, sendo cinco as cedulas, cada uma das quaes formando uma taxa especial perceptivel de modo diverso. Mas, se é facil exigir uma taxa precisa sobre os alugueres, sobre os salarios, sobre os titulos; se é possível avaliar a rendas dos immoveis, e estimar arbitrariamente os lucros dos agricultores, bem mais difficil é conhecer os lucros do industrial

ou do commerciante. E ainda aqui encontramos em vigor um systema essencialmente inquisitorial, que viola o segredo dos negocios e levanta protestos unanimes. Quando as finanças do Estado se achavam em boas condições, o fisco accitava como exacta a declaração do commerciante; mas, de 1907 em diante, o Thesouro inglez é mais rigoroso e exige a apresentação dos livros de commercio e, sob juramento, sujeita a interrogatorios os empregados. Depois do principio da guerra houve varias modificações do *income tax* com o fim de lhe augmentar os rendimentos. No anno fiscal de 1912-13 esse imposto produziu 41.206.000 libras esterlinas, com a taxa de um shilling e dois pence. A lei financeira de 1915 elevou a taxa a 2 shillings e 6 pence, e, no discurso de Setembro desse anno o ministro das Finanças pediu um novo augmento de 40 %. Vejamos agora o systema em vigor na França. Antes de 1789 era continua a lucta entre o fisco e os contribuintes. A Revolução pôz termo a isso, inaugurando o systema de medir a riqueza do individuo pelos signaes exteriores della, impondo-lhe a taxa proporcional: o unico systema, na verdade, que é applicavel num paiz "onde a Constituição, os principios, as leis, os costumes, preservem toda especie de inquisição". Os novos impostos estavam já em vigor quando um "deficit" de 60 milhões foi constatado no orçamento de 1793. O orçamento de 1792 era de 600 milhões ao todo, sendo preciso manter mais uma fonte de imposto. O deputado Vernier apresentou então um projecto de taxa sobre o luxo, em que avaliava em mil francos o necessario á vida, para cada pae e cada mãe de familia, e em 500 para cada filho: essas sommas eram isentas do imposto sobre o luxo que devia recahir progressivamente sobre as cifras maiores. "A unica difficuldade, declarava o proprio Vernier, será a de descobrir o verdadeiro lucro liquido do contribuinte". E é estranho que a lei votada em 1914 reproduza nas linhas principaes, exactamente esse projecto de

1793. O imposto sobre a renda em França é uma taxa nova, porque não substitue nenhuma já existente. Só deve recahir sobre 500.000 contribuintes, no maximo. Será applicado a todas as pessoas, mesmo estrangeiras que tenham em França moradia habitual. São isentos de imposto: os celibatarios e as nubes, cuja renda liquida fôr inferior a 5.000 francos; os casados sem filhos, cuja renda não fôr além de 7.000 francos; os casados que tiverem uma pessoa a seu cargo e cuja renda não fôr além de 8.000 francos. O imposto normal é de 2 por cento, mas a lei prevê reduções em casos especiaes. O contribuinte não é obrigado a declarar a sua renda: se não o faz nos dois primeiros mezes do anno, recebe um aviso do fiscal, concedendo-lhe mais um mez de prazo, e prevenindo-o de que, passado esse novo prazo, a sua renda será fixada em tal quantia. O "contrôleur" não pôde recorrer senão aos elementos certos de que dispõe para verificar as declarações, mas os meios de investigação de que dispõe a administração publica são muito vastos. Se o contribuinte reclama contra a cifra fixada pelo fiscal, deverá produzir provas sufficientes, sem as quaes a quantia não poderá ser alterada. Quando se abrir uma successão, o Thesouro perceberá as taxas não pagas ainda. O grande agente executor da lei é pois o fiscal verificador das contribuições directas: é elle quem recebe as declarações, as discute, as recusa, e quem estabelece a avaliação do fisco. Se a avaliação é arbitraria, o contribuinte pôde reclamar. Mas com que provas? Livros, actos authenticos. Assim, um negociante que quizer reclamar terá que pôr em publico a sua situação commercial. E' inevitavel: o imposto pessoal sobre a renda baseado sobre a declaração não pôde existir sem inquisição fiscal. Para salvar o contribuinte dessa dependencia, foram suggeridos outros alvitres. Paul Leroy-Beaulieu queria augmentar de um decimo os impostos existentes. Tournon apresentou um contra-projecto que respeitava a liberdade indi-

vidual. As duas idéas tinham a vantagem de dar resultado muito melhor do que o que se espera da nova lei sobre o imposto. Mas não trariam o inventario dos patrimonios que parece ser o fim principal a que se visa. Será, porém, no momento actual aconselhavel semelhante inventario? Será util e prudente constatar officialmente, a diminuição da riqueza publica que os acontecimentos sem duvida nenhuma occasionaram? (Etienne Falek — *Le Correspondant*, Paris).

O NACIONALISMO NA ARGENTINA

Sejam quaes forem as suas fontes, o sentimento nacional argentino é singularmente ardente. A presença no solo argentino, de grande numero de estrangeiros não faz senão que esse sentimento se torne mais ardente nos argentinos de nascimento; e os proprios estrangeiros lhe soffrem o contagio: os que chegaram crianças ao paiz, se convertem quasi sempre em patriotas argentinos e os filhos têm, além do amor á patria argentina, um profundo desdém pela terra de que os paes procedem. Não se pôde dar uma definição do sentimento nacional argentino que abranja todas as formas diversas que esse sentimento revestiu desde a formação da nacionalidade. A historia argentina teve primeiro as lutas da independencia, depois longos esforços para dar ao paiz uma contribuição e uma organização administrativa — e emfim o movimento contemporaneo de emancipação economica. Cada geração teve, pois, a sua missão, o seu ideal; cada geração, consagrando-se a problemas novos, tem a sua maneira de ser patriota. Mas nem por isso renega a tradição das gerações precedentes. Não ha talvez outro paiz onde a imprensa, a Universidade e a escola trabalhem com tanto accordo em preservar a recordação das glorias nacionaes. Essa propaganda tem dado os seus fructos. Não encontrareis um rapazote ou uma menina que não se levante logo, orgulhosamente, ao ouvir o nome de San Martin. As pai-

xões políticas da geração da organização nacional, a de Urquiza e a de Mitre, de Sarmiento e de Alberdi, não se dissiparam logo que as guerras civis se aplacaram e quando o paiz se pôz a trabalhar. Ellas vivem ainda, mantidas por alguns nacionalistas que crêem poder encontrar nas grandes doutrinas do federalismo ou do militarismo um programma de partidos contemporaneos. Esforços vãos, politica artificial de historiadores que procuram no passado um quadro para um presente tão differente. Os programas dos partidos politicos argentinos parecem dever cada vez mais organizar-se em torno dos graves problemas da criação e da distribuição da riqueza, porque a formação da sua potencia economica tem sido, desde ha 50 annos, o centro da vida do paiz. O sentimento nacional argentino é, pois, anterior ao periodo da expansão economica. Elle não desaparecerá com ella, nem foi ella que lhe deu o seu matiz actual. O amor da patria se confunde, em todo argentino, com o legitimo orgulho que lhe inspira a sua riqueza, a rapidez dos seus progressos, o logar que o paiz veiu a occupar dentro de poucos annos, no commercio mundial. O patriotismo argentino alimenta-se das estatisticas e dos graphicos infinitamente repetidos e renovados, que traduzem as diversas formas dessa criação de riqueza, estatisticas do commercio exterior, do movimento de fundos nos bancos, das vendas de terra, da extensão das culturas, etc. Não ha um jornal que não forneça tudo isso, com o que nunca se cansa o publico: a sua melhor ambrosia é mesmo essa.

A satisfação pessoal que dá ao commerciante a extensão dos seus negocios, ao proprietario a alta de preço das suas terras, ao agricultor a opulencia das suas colheitas — tudo isso explica o sentimento de orgulho colectivo. Este sentimento decorre naturalmente, porque a prosperidade dos individuos está estreitamente ligada á do paiz — mas existe por si mesmo, independentemente de todos os sentimentos individuaes, existe no mais pobre, no

mais indifferente ás riquezas, e nas crianças. Os problemas politicos não interessam a grande massa. Isso, porém, não quer dizer que seja fraco o sentimento nacional. Nunca outro povo teve mais clara consciencia da sua solidariedade. O orgulho nacional coexiste muito bem com a indifferença pelas instituições politicas do paiz. Tanto menos se exige que a administração contribua para a formação da riqueza quanto é maior a confiança no proprio paiz, nos seus recursos naturaes e na sua população laboriosa. Em alguns, a fé nacional é tão profunda, que estão persuadidos de que o paiz é tão rico e tão protegido da natureza, que pôde supportar mesmo o luxo de um mau governo. Cada perturbação economica activa as lutas politicas. E essas revivescencias do espirito civico, tão bruscas, ás vezes, que surpreendem até os proprios politicos do paiz, não se explicam senão pela força persistente do sentimento nacional atravez das fluctuações da vida politica. (Pierre Denis — *Revue des Nations Latines*, Paris).

A ARTE NAS ESCOLAS FRANCEZAS

Disse Michelet: "Em todas as épocas, a escultura e a pintura não offerecem apenas modelos de imitação, mas os mais fecundos textos para a iniciação intellectual. Esses textos se casam maravilhosamente com os da literatura, e os completam. O que Rabelais e Shakespeare não podem exprimir sobre tal idéa, tal nuança ou tal aspecto do seu seculo, é dito por Vinci, por Corregio, por Miguel Angelo, ou Jean Goujon". Não é, pois, sómente pelos seus escriptores que a influencia franceza se faz sentir no estrangeiro. Os artistas, sobretudo os pintores e esculptores, tanto antigos como modernos, são outros tantos propagadores da civilização franceza. Desgraçadamente, porém, mesmo na França os grandes mestres da arte não são muito conhecidos. Onde vem essa indifferença do publico? E' que elle não é preparado para esse estudo. Ora, é preciso que a

historia da arte seja ensinada nas escolas. Como, porém, introduzir nos programmas, já tão sobrecarregados, mais esse ramo? — Primeiro, estendendo os exercícios literarios a assumptos da historia da arte. Em logar de pedir, por exemplo, ao alumno, que compare o sentimento da natureza em Lamartine e Chateaubriand (o que elles fazem á custa de livros), poder-se-lhes-ia dizer: "Ide ao Louvre, vêde as obras de Millet e as de Claude Lorrain. Depois, externae a vossa impressão sobre a sua interpretação da natureza". Isso faria com que o alumno desenvolvesse a sua observação, o seu espirito critico, a sua erudição historica, e o seu estylo. Em segundo logar, no ensino secundario a historia da arte poderia ter um logar especial, de sorte que fosse ensinada com mais largueza. Ter-se-ia então o synchro-nismo da historia, propriamente dita, a historia das literaturas e a historia da arte. Depois, devia-se fazer com que os espiritos novos dos alumnos tivessem, sobre a arte, um fundo solido e preciso, deixando de adoptar apreciações livrescas, sobre a arte. E isso se conseguiria falando-lhes dos grandes mestres com a propria linguagem dos seus quadros que, ou seriam vistos nos museus, directamente, ou por meio de reproduções, e até mediante projecções cinematographicas. (Georges Will — *Mercure de France*, Paris).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Durante o mez foram enviadas á "Revista do Brasil" as seguintes publicações:

DA TRIBUNA E DA IMPRENSA, por Dario Velloso — Curitiba, Paraná, Brasil — Edição do "Myrto e Acacia" — 1916.

HORROR A' FORMA HUMANA, por Gastão Franca Aamaral — Rio de Janeiro — Typ. "Revista dos Tribunaes" — 1916.

QUADROS DA GUERRA, por Antonio Faria — S. Paulo — Po-cai & Comp. — 1916.

REVISTAS

ATLANTIDA — Lisboa — N. 10 — 15 de Agosto: — Brasil e Portu-

gal — A guerra e a Preparação Militar Portugueza, por João de Barros; A honestidade de Etelvina, amante, por João do Rio; Sonho do Desejo, por M. Cardoso Martha; Eça de Queiroz, por Augusto de Castro; Versos, por Coelho de Carvalho; Evocação, por Xavier Marques; Nomen... Numen... Lumen..., por José S. de Rezende; Os Zeppelins sobre Pariz, por Paulo Osorio; A divida portugueza, por Anselmo de Andrade; Cego, por Delfim Guimarães; Soror Agua, por Nuno Simões; O porto-franco de Lisboa nas suas relações com o Estado de S. Paulo, por Vasco Morgado.

A AGUIA — N. 55 — A França, por Teixeira de Pascoaes; Humorismo melancolico, por Gomes Leal; Terras do Sul, por Villa-Moura; Canto de Outono, por Matheus de Albuquerque; Um problema literario, por José Teixeira Rego; O gigante desperta, por Carlos Maul; Ambiciosa, por João Luso; Portugal e a guerra, por Luis da Camara Reys.

LA GRANDE REVUE — Agosto de 1916 — Principaes artigos: "Lettres d'un volontaire oclombien" e "Le Sourire de l'Ile de France", de Hernando de Bengoechea; "L'Entente économique des Alliés", por Henri Lorin; "Mimi, notre réfugié", por Mathilde Dons; "La Guerre et les Dominions britanniques", por Henri Carré; "Le Miracle du Feu", por Marcel Berger.

MERCURE DE FRANCE — N. 436 — 16 de Agosto — Principaes trabalhos: "Odilon Redon", por André Fontainas; "Poésies", por Louis Le Cardonnel; "Mémorial de la Vie des martyres", por CCCeeC la Vie des martyres", por Denis Thévenin; "La Question des noms et la proposition Honnorat", por Georges Maurevert; "Un Précurseur de Verhaeren", por Albert de Bersaucourt; "En marge du Cinema", por Jacques Dyssord; "Dans les remous de la bataille", por Isabelle Rimbaud.

LA REVUE HEBDOMADAIRE — N. 34 — 19 de Agosto:—"La Guerre chez les abeilles", por Gaston Bonnier; "Les Antécédents de l'alliance franco-russe", por Gustave Fagniez; "L'Alphabet", por André Toulomon; "La Conversion de Rousseau", por Gerhard Grau; "Les Bretons á la guerre", por Charles Geniaux; "Le "Chatiment" de Louvain raconté aux petits Allemandes", por Alexandre Masseron.

RASSEGNA NAZIONALE — Florença, 16 de Julho — I mutilati e gli orfani di guerra, ciò che per essi si pensa, si giudica, si fa e si fará, Angelo Ragghianti e Salvatore Dalmazzoni; Per una ristampa di "Fede e Bellezza" del

Tommaseo, Guido Battelli; Per difendere, Alter Ego; Intorno alla tragedia francese, Luciano Gennari; Visioni serene (Sul Lemano), Gaetano Rocchi; Gli enti fisici, I Greci e gl'Italiani, Pietro Pagnini; Il mondo di Dolcetta, Romanzo, Mario Pratesi.

THE NORTH AMERICAN REVIEW — Julho de 1916 — Nova York — Artigos principaes: The National conventions, do Editor; Washington and Entangling alliances, Roland G. Usher; Germany's financial position, H. J. Jennings; The forces behind the Russian offensive, Charles Johnston; The Irish Insurrection, Sydney Brooks; The Statesmanship of Yuan Shi Kai, William Elliot Griffis; The peace problem, John Bassett Moore; Has America gone too far in democracy? W. R. Boyd; The railways, train employees and the public, Samuel O. Dunn; Ephemeris, Babette Deutsch; Giovanni Pascoli, Ruth Shepard Phelps; A note on Rossetti, Arthur Symons; A pilgrimage to quietude, The book of the month, Lawrence Gilman.

REVISTA DE FILOSOFIA — Bimestral — Buenos Aires — Setembro de 1916 — Artigos principaes: — Emerson, por Enrique José Varona; Una ética química, por J. Alfredo Ferreyra; Como se estudia y se juzga a Alberdi, por Antonio Sagarna; Ensayo sobre Francisco Bilbao, por Armando Donoso; El pensamiento francés en la cultura argentina, por Alvaro Melian Lafinur; Direcciones de la educación moderna, por Raul Villarroel; Las ideas coloniales y la dictadura de Rosas, por José Ingenieros.

REVISTA ARGENTINA DE CIENCIAS POLITICAS — Buenos Aires — N. 71 — R. Wilmart, Memoria sobre política internacional americana — Joaquim Rubianes, Las facultades extraordinarias y la suma del poder publico — Valentin Letelier, Las ciudades — Alberto Palomeque, Ley inconstitucional — M. Castro Lopes, El ultimo regente de la Audiencia de Buenos Aires.

REVISTA COMMERCIAL — Montevideo — Ns. 5 e 6 — Julho e Agosto.

REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO — Vol. XX — Anno de 1912 — Defesa da acção cambial, Deposito ou consignação, Simplificação processual, Das assembléas de accionistas, Indice das leis mais notaveis do Estado de S. Paulo, e da Administração das sociedades anonymas, artigos pelo dr. João Arruda — A perso-

nalidade do Estado, O ensino do Direito, A celebração da Chave na Academia ou Festa Symbolica da Attenção, Abolição dos termos de bem viver e de segurança, A uniformidade, a simplicidade e a economia do nosso processo forense. As idéas de soberania, autonomia e federação, artigos pelo dr. João Mendes Junior. — Provimento dos cargos de professores extraordinarios effectivos nas Faculdades de Direito, pelo dr. J. M. Azevedo Marques.

REVISTA DE COMMERCIO E INDUSTRIA — S. Paulo, Agosto de 1916 — Artigos principaes: As nossas jazidas mineraes, do dr. Rogério Fajardo; As organizações financeiras; A dívida Publica do Brasil, artigos do dr. F. T. de Souza Reis; Consultas e Pareceres, dos drs. Alfredo Pujol, Carvalho de Mendonça e Bernardes da Silva.

INDUSTRIA E COMMERCIO — Revista de Industria, Commercio, Finanças e Agricultura — Rio de Janeiro — Anno I — N. 4.

REVISTA COMMERCIAL — Bello Horizonte — Agosto de 1916.

ETERNIDADE — Porto Alegre — Anno VII — N. 8 — Agosto de 1916.

REVISTA DE S. BERNARDO — Anno I — N. 1 — 7 de Setembro — Publicação mensal.

A CIGARRA — N. 50 — São Paulo, 14 de Setembro de 1916 — Revista de actualidades.

A VIDA MODERNA — N. 295 — S. Paulo, 7 de Setembro de 1916 — Revista de actualidades.

REVISTA DE MEDICINA — Organ do Centro Academico "Oswaldo Cruz" — N. 1 — S. Paulo.

REVISTA DA ESCOLA DE COMMERCIO DE PORTO ALEGRE — Ns. 8 e 9 — Anno II.

BULLETIN DE LA SOCIETE' BRESILIEENNE DE DROIT INTERNATIONAL — 1914-1915 — N. 1 — Rio de Janeiro.

REVISTA DOS CURSOS DA FACULDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE — N. 2 — Anno 2.

LA COLONIA — N. 22 — Anno II — S. Paulo.

A LAVOURA — Organ da Sociedade Nacional de Agricultura — Ns. 1 a 6 — Anno XX — Rio de Janeiro.

ANNAES PAULISTAS DE MEDICINA E CIRURGIA — Anno IV — N. 6 — Junho — S. Paulo.

CARICATURAS DO MEZ

EM TORNO DA OSSADA



A Rumania—Creio que ainda chego a tempo para o enterro dos ossos.
 ("Caretta"—J. Carlos)



As idéas financeiras do Sr. Cologeras.

("Jornal do Brasil"—Luiz)



Alma latina.

("Estado de S Paulo"—Ferrignac)

DEFINA-SE



Constantino, rei da Grecia—Oh! terra! Porque você não me engole?

("Careta"—J. Carlos)

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. ESTEVAM DE ALMEIDA e JOÃO ARANHA NETTO — Rua 15 de Novembro n. 6 (Altos da Casa Paiva).

O DR. BENEDICTO CASTILHO DE ANDRADE tem o seu escriptorio de advocacia e commercial á rua de S. Bento, 57, sala n. 3.

DR. S. SOARES DE FARIA — Escriptorio: Largo da Sé, 15 (salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Traversa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. FRANCISCO R. LAVRAS e NESTOR E. NATIVIDADE — Escriptorio de advocacia e commercial á rua Direita, 43, sobrado, telephone 752.

DRS. FRANCISCO MENDES, VICTOR SACRAMENTO, A. MARCONDES FILHO e WALDEMAR DORIA. — Escriptorio á rua Direita, 12-B (1.º andar). Teleph. 1.153. Caixa do Correio 808. End. Telegraph. Condes.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

DRS. PLINIO BARRETO e PINHEIRO JUNIOR — Rua Boa Vista, 52. Telephone 4.210.

DR. FORTUNATO DOS SANTOS MOREIRA — Advogado — Rua da Boa Vista n. 52 — Salas 1 e 2 — Residencia: Av. Angelica. 141 — Telephone 3012.

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOURA — Das Universidades de Genebra e Munich. — Rua Libero Badaró, 181. Telephone 3.482, das 13,30 ás 16 horas.

DR. AYRES NETTO — Operações, molestias de senhoras e partos. Cons.: R. Quintino Bocayuva n. 4 (esq. R. Direita). Res.: R. Albuquerque Lins, 92. Tel., 992.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças**—Res.: R. Consolação, 62 Consult.: R. José Bonifacio 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO e GABRIEL MAIHANO — Corretores officiaes — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 - Tel. 323 ? Res.: R. Albuquerque Lins, 58. Teleph. 633.

CORRETOR OFFICIAL — JAYME PINTO NOVAES — Rua São Bento, 57. Caixa, 783. Telephone 2.738 — Compra e venda de apolices do Estado, Acções das Companhias Paulista e Mogyana, Letras da Camara de S. Paulo, etc.

ENGENHEIROS:

HERIBALDO SICILIANO — Engenheiro-architecto — Rua 15 de Novembro, 36-A.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA—Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas, S. Paulo". Telephone 626 (Cidade) — Rua Alvares Penteado — S. Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos: Praça da Republica, 23. Teleph. 258. Caixa, 107.—Rio: Rua Candelaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa, 881. — S. Paulo: Rua Boa Vista, 15. — Teleph. 381. Caixa, 135. Telegrammas: "Belli".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA—Donato Plastino — Emprega só fazendas estrangeiras — Rua do Thesouro, 3 (1.º andar) — S. Paulo.

INDUSTRIAES E IMPORTADORES:

C. MANDERBACH & COMP. — Papelaria, typographia, encadernação—Telephone 792—Caixa 545 — Rua S. Bento, 31. — S. Paulo.

A INTERNACIONAL — Grande Fabrica de Malas e Canastras Officina para concertos. — Domingos Macigrande. — Rua São João, 111 — S. Paulo.

JOIAS — Ouro, platina, cauteles de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo — A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

ALFAIATARIA ROCCO

NOVIDADES EM CASEMIRA INGLEZA — IMPORTAÇÃO DIRECTA

EMILIO ROCCO

RUA AMARAL GURGEL, 20

ESQUINA DA RUA SANTA IZABEL

TELEPHONE N. 5151

SÃO PAULO

Casa Andrade

FUNDADA EM 1891

Moveis e Tapeçaria

Rua Boa Vista N. 29 - - Telephone N. 2266



SÃO PAULO





Para a Lavoura

Temos sempre em deposito **Machinas e Accessorios para a Lavoura.**

Fabricamos: Machina "AMARAL", a melhor que existe para o beneficio do café; catadores de pedras; carrinho "IDEAL" para movimento do café nos terreiros; machinas para serrarias; bombas diversas; classificador de café, peça de inegualavel valor para o aperfeiçoamento de typos de café, que se valorisa excepcionalmente, com grande alcance, agora, devido ás exigencias do mercado para cafés finos.

Importamos: Machinas agricolas em geral, arados, corrêas, oleos e graxas, encanamentos, motores, turbinas, bombas e arietes, encerados e lonas, e tudo emfim que é necessario numa fazenda bem montada.

Catalogos, preços e orçamentos a pedido.

Comp. Industrial "Martins Barros"

SUCCESSORES DE

MARTINS & BARROS

ENGENHEIROS, INDUSTRIAES E IMPORTADORES

Officinas:

Rua Lopes de Oliveira, 2

CAIXA N. 6

Endereço Telegraphico:

"PROGREDIOR"

SÃO PAULO

Escriptorio:

Rua da Boa Vista, 46

TELEPHONE N. 1180



REVISTA DOS TRIBUNAES

DIRECTOR, O ADVOGADO PLINIO BARRETO

Publica-se todas as quinzenas, com o resumo dos debates e os accordams do Tribunal de Justiça de S. Paulo, julgados do Supremo Tribunal Federal e de Tribunaes estrangeiros, leis e decretos novos do Estado e da União, e artigos de doutrina de autorisados juristas.

ASSIGNATURAS:

Anno, 40\$000

Semestre, 20\$000

Para os Julzes, promotores e delegados de policia, 25\$000 por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. RUA BOA VISTA N. 52 — CAIXA N. 1373

TAPEÇARIA E MOVEIS

FABRICA A VAPOR

CASA FUNDADA EM 1893

Almeida Guedes

41, RUA BARÃO DE ITAPETININGA

TELEPHONE 1520

S. PAULO

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SÃO PAULO

Caixa Postal, 458 - TELEPHONE: Chacara, 59 - Loja, 511
ESTABELECIMENTO DE 1.^A ORDEM

Sementes, Plantas, Bouquets e Decorações

LOJA: Rua 15 Novembro, 59-A - CHACARA: Alameda Casa Branca,
Filial: CAMPINAS- GUANABARA

AVENIDA PAULISTA

Grande Atelier Photographico

Premiado nas Exposições de: S. Luiz 1904, Milão
1906, S. Paulo 1906, Rio de Janeiro 1908

G. SARRACINO

S. PAULO - Rua 15 de Novembro, 50-B - Teleph., 625

Companhia Mechanica e Importadora

de São Paulo

IMPORTADORES de

Materiaes para toda a classe de construcções
e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos,
Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos,
Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua,
Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas
e automoveis FIAT, etc.

FABRICANTES DE MACHINAS de

Café e para lavoura, de Material ceramico e
sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e Rebites.
Fundição de ferro e bronze, etc.

Grande Serraria a Vapor :: Constructores e Empreiteiros

AGENTES de:

Robey & Co., - Automoveis "Fiat" - Fabrica de Ferro Es-
maltado "Silex" - Comp. Paulista de Louça Esmaltada -
Società Italiana Transaerea "SIT" (Aeroplanos e hydroplanos
Bleriotist) etc., etc.

Deposito, Fabricas e Garage:

Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense (Braz)

ESTABELECIMENTO CERAMICO:

AGUA BRANCA - TELEPHONE, 1015

CODIGOS EM USO:

A. B. C., 5.a edição :: A.. I., A. Z., WESTERN UNION :: LIEBER'S e RIBEIRO

RIO DE JANEIRO
Avenida Rio Branco N. 25
CAIXA 1534

SANTOS
Rua Santo Antonio, 108, 110
CAIXA, 129

LONDRES
Broad Street House-New Broad street
LONDON E. C.

S. PAULO

Rua 15 de Novembro, 36

End. Telegraphico: MECHANICA

CAIXA DO CORREIO. 51 - TELEPHONE. 244

Casa de Saude

DR. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Caixa do Correio, 12

S. PAULO

Telephone, 560

ROBES & MANTEAUX

Lingerie de Luxe, Blouses, Trouseaux

Bertholet

Corsets, Spécialité de Fornitures pour Modes

Rua 15 de Novembro, 30

São Paulo - Paris

Loteria de São Paulo

em 10 de Outubro

50 CONTOS

por 4\$500

Os bilhetes vendem-se em toda a parte

• PLACAS
ESMALTADAS
E DE METAL

*Massucci Peracchi
Nicolli*

TELEPH. 3641

GRAVURAS
CARIMBOS
DE BORACHA
FORMAS PARA SABONETE



• ESCRIPTORIO • Rua Florencio DE ABREU 52

• FABRICA • Rua dos Alpes 79 S. PAULO •

WILSON, SONS & CO. LTD.

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523

End. Telegr.: "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES

DE CARVÃO DE PEDRA, FORJA, ANTHRACITE, COKE ETC.; FERRO GUZA, COBRE, CHUMBO, CHAPAS E CANOS DE FERRO GALVANIZADO, FOLHAS DE FLANDRES E FERRAGENS; OLEO DE LINHAÇA E TINTAS; DROGAS E ADUBOS PARA INDUSTRIAS; BARRO E TIJOLOS REFRACTARIOS, BARRILHA, ETC.

AGENTES

da Cia. **DE SEGUROS CONTRA FOGO "ALLIANÇA"** de LONDRES (Alliance Assurance Co. Ltd.)

Os fundos excedem £ 24,000,000 — Presidente The Hon. N. CHARLES ROTHSCHILD.

CIMENTO - "PORTLAND" marca "J. B. W." de J. B. White & Bros. - Londres.

CREOLINA E PACOLOL - de WM. PEARSON Ltd. de Londres e Hull.

WHISKEY - "LIQUEUR" de Andrew Usher & Co., de Edimburgo - Escossia.

TINTA PREPARADA - "LAGOLINE" e outras marcas de HOLZAPFELS Ltd., Newcastle on Tyne.

CERVEJA "GUINNESS" - marca "CABEÇA DE CA-CHORRO" de Read Bros., Ltd. Londres.

ASPHALTO - da NEUCHATEL ASPHALTE Co. - Val de Travers - Suissa.

MATA-BORRÃO "FORD" - de T. B. Ford Ltd. - Londres.

"BRICKTOR" e MALHAS para CIMENTO ARMADO de Johnson Clapham & Morris - Manchester.

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

Machinas para beneficiamento de Arroz

Machina

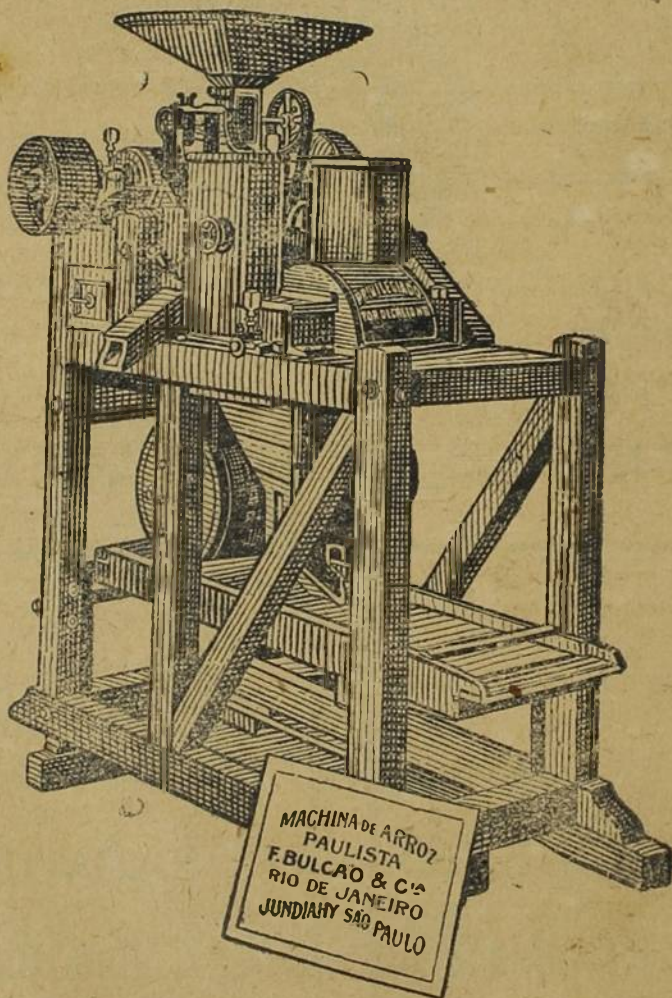
“Paulista”

A excellencia das machinas PAULISTAS está hoje constatada por centenaes de freguezes que as tem comprado; são machinas completas combinadas e o seu beneficio é perfeito: :

N. 2
Produção
25-40
saccos de
arroz por
dia.

Força
6 HP
nom.^{es}

Preço Rs.
1:700\$000



N. 1
Produção
15-20
saccos de
arroz por
dia.

Força
4 HP
nom.^{es}

Preço Rs.
1:400\$000

F. Bulcão & C.

Casa
Arens

RUA FLORENCIO DE ABREU, 58 - S. PAULO

A REVISTA DO BRASIL completou com o n. 8 o seu segundo volume de 400 paginas, cujo indice acompanha este numero.

O n. 7, de 25 de Julho trouxe o seguinte summario:

F. T. DE SOUZA REIS — A moeda metallica no Brasil (conclusão).
SOUZA BANDEIRA — Ruínas da aristocracia rural.
AMADEU AMARAL — Poesia.
JOÃO KOPKE — Educação moral e civica (conclusão).
H. INGLEZ DE SOUZA — Iniciação.
VEIGA MIRANDA — A probidade literaria.
PLINIO BARRETO — Leonor Telles.
ROCHA POMBO — A terra paulista e as suas grandes legendas.
JOÃO FERRAZ — Salubridade publica no Estado de S. Paulo.
COLLABORADORES — Resenha do mez.

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — Brasil-Argentina, Redacção — O Direito Criminal Moderno, M. O. H. — Bibliographia (Sensações e reflexões — O combustivel na Economia Universal — Eça de Queiroz — Ruy Barbosa) — Tribunal medico — A questão shakespeariana — Opiniões sobre o "Don Quixote" — As fructas contra as doenças — O Banho de Sol — A longevidade das mulheres — As caricaturas do mez (tres caricaturas reproduzidas).

N. 8 - 25 de Agosto:

DR. OLYMPIO PORTUGAL — Campos do Jordão.
SAMUEL DE OLIVEIRA — Sylvio Romero e a alma brasileira.
MONTEIRO LOBATO — Boccatorra (novella).
OCTAVIO MENDES — Teixeira de Freitas.
ANTONIO SALLES — Poesia.
ALBERTO SEABRA — Os versos aureos de Pythagoras (II).

RESENHA DO MEZ — Monologos, Yorik — As armas de S. Paulo, J. William Ramsay L. — Metchnikoff — Theatros — Bellas Artes — Movimento literario — Faculdades de Letras e Philosophia — A instrucção militar obrigatoria — O gado vaccum no Brasil — A riqueza dos norte-americanos — A agricultura mecanica — O problema zootechnico — O ensino technico — "Revista do Brasil" — Caricaturas do mez.

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ

MANDIOCA

ARROZ

MILHO

ASSUCAR

FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua,
Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS - OLEOS - TELHAS DE ZINCO - FERRO EM BARRA

*GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado
e pertences*

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se á

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO